FICHA TÉCNICA

Título original: L'Espagne Livrée, Comment le Front Populaire a ouvert les portes à Franco, *M. Casanova*

Tradução: M. Mira

EDIÇÕES ANTÍDOTO
Rua da Beneficência, 121 - 1.º Dt.º
Lisboa

1.ª edição, Janeiro de 1977

Edição n.º 10

INTRODUÇÃO

O proletariado sofreu uma nova derrota. Franco apoderou-se da Catalunha. Mais de dois anos e meio de lutas sangrentas, de sacrifícios sem conta da parte do proletariado espanhol, e tudo isso acaba com mais uma vitória da reacção!

*
* *

O carácter improvisado e um pouco desordenado deste trabalho é fruto das condições em que viu a luz do dia. Se enferma da ausência de carácter sistemático, exprime, em contrapartida, as necessidades mais prementes do momento.

Quando regressei a França os camaradas interrogaram-me. Pediram-me que lhes explicasse as razões da catástrofe. Porque é que Barcelona se rendeu sem combate? Porque é que os operários catalães, que tantas provas deram de heroísmo, não ripostaram ao fascismo? Qual era a atitude das organizações proletárias no momento crítico? etc... O que mais espantava os meus interlocutores era a extrema facilidade do avanço fascista, o facto de Franco não encontrar resistência nesse proletariado que tinha feito o 19 de Julho.

Queriam que eu explicasse, baseado na minha experiência, o que se tinha passado. Queriam que apresentasse factos. Contei como as posições estratégicas de primordial importância foram abandonadas sem combate, os planos de defesa entregues ao inimigo pelo Estado-Maior traidor, como a indústria de guerra foi sabotada, a economia desorganizada, os melhores militantes operários assassinados, os espiões fascistas protegidos pela polícia «republicana», em suma, como a luta revolucionária do proletariado contra o fascismo foi traída e como a Espanha foi abandonada a Franco.

Os factos que apresentei, a minha análise, tudo conduzia a uma única origem: a criminosa política da Frente Popular. Só a revolução proletária podia derrotar o fascismo. Ora, toda a política dos dirigentes republicanos, socialistas, comunistas e anarquistas tendia a destruir a energia revolucionária do proletariado. «Primeiro ganhar a guerra, depois fazer a revolução»; esta fórmula reaccionária aniquilava a revolução e, consequentemente, a guerra. *Pretendia-se, deste modo, conquistar o apoio da burguesia, dita democrática, de França e de Inglaterra. Em nome desta política abandonou-se tudo, foi-se de capitulação em capitulação, traiu-se tudo, desmoralizou-se o proletariado, esmagou-se primeiro o POUM e, em seguida, os anarquistas, provocaram-se os sangrentos acontecimentos de Barcelona, para se vir a acabar, agora, no pronunciamento pró-franquista de Miaja-Casado dirigido contra os comunistas que, durante estes trinta meses, prepararam as condições do seu próprio esmagamento.*

A cadeia ininterrupta dos crimes da Frente Popular conduziu ao fascismo.

Os chefes republicanos, socialistas e anarquistas, todos contribuiram com a sua quota-parte para a preparação desta catástrofe. Mas os grandes obreiros da derrota e do crime contra o proletariado foram, indiscutivelmente, os

estalinistas. Estes puseram ao serviço duma política contra-revolucionária a autoridade de que gozavam, graças à bandeira da revolução de Outubro, que roubaram e que arrastam pela lama.

No entanto, é difícil imaginar condições objectivas mais favoráveis para a revolução proletária do que aquelas que existiam em Espanha.

*

* *

Os operários do mundo inteiro devem aproveitar as lições desta trágica experiência. Não foram nem o socialismo, nem o marxismo que fracassaram em Espanha, mas aqueles que cobardemente os trairam. A sociedade actual encontra-se perante uma trágica escolha: para trás, isto é, conservar o capitalismo, cuja evolução conduzirá fatalmente às mais diversas formas de barbárie, ou para a frente, para o socialismo. Querer conservar a democracia burguesa é uma ilusão estúpida. Fascismo ou revolução proletária, tal é o dilema que se apresenta ao proletariado internacional.

O primeiro dever da vanguarda revolucionária é esclarecer os trabalhadores sobre a situação real, dizer a verdade.

O proletariado tem sofrido derrotas sobre derrotas, mas mesmo assim há sempre algum progresso. Na Alemanha, em 1933, o proletariado, dirigido pelos social-democratas e pelos comunistas, cedeu completamente ao fascismo, sem combate. Na Áustria, em 1934, o proletariado de Viena foi o primeiro a dar o sinal de resistência; o eco desta resistência foi a gloriosa Comuna das Astúrias. Em Espanha, o proletariado, apesar da política criminosa da Frente Popular, soube resistir perto de três anos. Aos operários doutros países caberá a honra de poder, não

somente resistir, mas vencer o fascismo e fazer triunfar a revolução proletária. Mas, para vencer, o proletariado deve forjar a arma da luta: o partido revolucionário e a Internacional Revolucionária, a IV Internacional.

*

* *

Este trabalho não tem a pretensão de responder a todas as questões, mesmo as mais urgentes, levantadas pela trágica experiência. Se o autor destas linhas conseguiu lançar um pouco de luz e facilitar a compreensão da guerra civil espanhola, ficará com o sentimento de que o seu trabalho não foi de todo em vão.

M. CASANOVA

Perpinhão, 16 de Março de 1939

I

O TRÁGICO ÊXODO

— *Como conseguiste passar?*

— Bem, não foi lá muito fácil e nada que se pareça com uma viagem de primeira — responde o nosso amigo, bem humorado, apesar da fadiga.

Depois de nos contar algumas aventuras pitorescas, acrescenta: «A fronteira francesa está guardada militarmente pela polícia e pelos senegaleses, que ignoram completamente o francês. Nem sequer deixavam passar os franceses que não apresentassem um passaporte em ordem. Quanto aos espanhóis, durante algumas horas por dia, deixavam passar mulheres, crianças e feridos. Os outros eram repelidos sem piedade.»

O nosso camarada, que percorreu a centena de quilómetros que o separavam da fronteira, uma parte à boleia, outra a pé, acrescenta: «O espectáculo a que assistia pelas estradas que conduziam à fronteira era horroroso. Este êxodo precipitado das mulheres, algumas delas grávidas, crianças, feridos, alguns com uma das pernas amputadas, que, em vão, tentavam fazer parar um carro, feridos que eram evacuados à pressa dos hospitais nas localidades ameaçadas pelo avanço fascista, este êxodo a pé de homens,

mulheres e crianças completamente esgotados era um espectáculo que nos arrepiava! E, contudo, era difícil emocionarmo-nos, depois de tudo o que tínhamos visto em Espanha. Evidentemente, a partida foi efectuada noutras condições por Suas Excelências os ministros, deputados, burocratas, altos funcionários, etc., que, desde segunda-feira, 23 de Janeiro (três dias antes da entrada de Franco em Barcelona), seguiam viagem em luxuosos automóveis, rumo a Cerbere e Perthus. Tinhamos assim diante dos olhos, contemplado nas estradas estes dois meios de locomoção, uma demonstração tangível da divisão de classes no seio da Frente Popular: por um lado, os burgueses de esquerda e os burocratas aburguesados, que viajavam em belos automóveis ou, no pior dos casos, nos pequenos Citroen, por outro lado, os operários, camponeses e combatentes, que seguiam a pé.

Assistíamos a cenas trágicas entre os que partiam e os que, presos por laços familiares, eram obrigados a ficar, momentos de hesitação, decisões súbitas e precipitadas, e tudo isto sob a ameaça contínua da aviação fascista, que bombardeava constantemente a estrada e que até, por vezes, a metralhava. Era necessário, então, interromper a caminhada, esconder-se numa vala ou procurar refúgio nalgum campo vizinho, passar noites em claro, sem qualquer informação sobre a situação da frente e a rapidez do avanço fascista, tudo isto no meio do pânico geral, duma confusão e desorganização totais. Já não líamos os jornais desde terça-feira [1], o aparelho de rádio não funcionava e, por conseguinte, vivemos até ao último instante com a esperança duma resistência firme aos fascistas. Tu compreenderás a nossa desorientação no último momento.»

---

[1] Terça feira, 24 de Janeiro, dois dias depois da tomada de Barcellona.

A narrativa do nosso camarada, da qual transcrevemos apenas algumas passagens, comove-nos, entristece-nos, ao pensarmos na tragédia de que foi vítima o proletariado espanhol e obriga-nos a lamentar a sorte de todas estas vítimas da «não-intervenção». Chegamos, até, a lamentar o nosso interlocutor, que viveu o drama dos camaradas espanhóis. O camarada sente-se visivelmente incomodado com a nossa piedade, e acrescenta com veemência:

— Não pensem que volto de Espanha «desiludido»! Quem volta desamparado e «desiludido» são os voluntários estalinistas, por exemplo, que partiram com a cabeça cheia de ideias erradas, que não conseguiam captar o sentido dos acontecimentos, e que a direcção comunista manteve na ignorância. Quanto à nossa organização internacional e à nossa secção espanhola, essas souberam prever as consequências lógicas da política criminosa da Frente Popular, que abria as portas a Franco.

A tragédia espanhola é mais um crime na lista da burocracia estalinista, que esmagou o movimento revolucionário, assassinou os seus melhores combatentes, desmoralizou, através da sua nojenta política de servilismo para com o capitalismo internacional, dito democrático, o heróico proletariado deste país. Mas este crime é um ensinamento, demasiado caro, é verdade, que o proletariado internacional aproveitará, e, em primeiro lugar, o proletariado francês.

II

PORQUE É QUE BARCELONA FOI ENTREGUE SEM COMBATE?

— *Precisamente, dizemos nós, os trabalhadores franceses foram apanhados de surpresa ao saberem da tomada de Barcelona, quando as autoridades militares anunciavam uma resistência de morte.*

— Compreendo perfeitamente a vossa surpresa, dado que se passou o mesmo comigo. Todos nós, ex-voluntários, que estávamos à espera do repatriamento, bem como todos os militantes, todos ficámos dramaticamente espantados perante a facilidade com que prosseguia o avanço fascista em direcção a Barcelona. Claro que não alimentávamos ilusões e tínhamos perfeita consciência da trágica situação, mas esperávamos, mesmo assim, uma resistência encarniçada diante de Barcelona, acalentando intimamente a esperança de que a heróica Barcelona viesse a ser uma segunda Madrid. Enquanto uma posição não passar para as mãos do inimigo, um revolucionário não tem o direito de a considerar perdida. Num artigo intitulado «Será possível evitar a derrocada?», escrito cinco dias antes da tomada de Barcelona, e que infelizmente não vos chegou às mãos, eu desenvolvia o plano de acção e o plano de salvamento de

Barcelona e da revolução. Definia, mais ou menos nestes termos, as opiniões e palavras de ordem dos camaradas espanhóis. Dizia eu: «Pode-se salvar Barcelona. A região mais industrializada de Espanha, a província de Barcelona [2] com as suas cidadelas industriais de Manresa, Sabadell, Tarrasa não está ainda nas mãos dos fascistas. E nunca o estará. É preciso fortificar Barcelona, transformá-la numa fortaleza inexpugnável. Não faltam em Barcelona especuladores e privilegiados, para os trabalhos de fortificação. Já é tempo de pegarem nas picaretas! «Resistir!», tal é a palavra de ordem do nosso Munis, preso há um ano sob a crapulosa acusação de assassinato, em Modelo, prisão do Estado, e ultimamente em Montjuich. Resistir, como resistia Garcia Moreno [3]. Mas a nossa palavra de ordem «Resistir» é diferente da de Negrin. Para poder resistir é necessário que a classe operária erga a cabeça, que recupere a confiança em si própria, que constitua os seus Comités de Salvação da Revolução e os seus organismos independentes do poder de Estado burguês, como em 19 de Julho de 1936, mas com a determinação de ir mais além.» Tal era — continua o nosso interlocutor — o estado de espírito dos camaradas espanhóis alguns dias antes da tomada de Barcelona.

— Claro que a situação era crítica. Por vezes, os fascistas conseguiam avançar 15 a 20 quilómetros por dia. Eram sistematicamente abandonadas, praticamente sem combate, posições estratégicas de importância capital como foi o caso das fortificações em redor de Balaguer, que levaram oito meses a erguer, as do Segre, a importante posição de Las Borgas Blancas, cuja captura abriu aos fascistas a

---

[2] A importância e o peso específico do proletariado da província de Barcelona iguala o do resto de Espanha.

[3] Garcia Moreno, um sargento que, sozinho, apreendeu quatro tanques italianos.

passagem para o mar e lhes permitiu sitiar Tarragona e, no último momento, a cadeia de montanhas que rodeia Igualada, cuja captura abria já o caminho para Barcelona. Assistíamos à repetição da catástrofe de Março na frente de Aragão, mas em maior escala ainda: as traições nos altos comandos, que se passavam para o inimigo juntamente com os planos de defesa, e até a passagem de corpos inteiros de carabineiros[4] para o lado dos fascistas. Mas restava ainda Barcelona. Do lado do mar, havia ainda os montes de Garaf, que podiam constituir uma linha de resistência. Quanto às estradas centrais que se dirigem a Barcelona, uma que vem de Villafranca de Panadès e a outra de Igualada, e que confluem a uns vinte quilómetros de Barcelona, elas atravessam uma planície. Mas, mesmo em caso de aproximação dos fascistas até à cidade, havia ainda as montanhas que rodeiam a capital catalã. Barcelona está cercada pelo Montjuich e pelo Tibidabo. Podiam fortificar-se estas colinas e fazer delas uma linha de defesa mesmo às portas da cidade.

— *No entanto — interrompemos nós — diziam que Barcelona era, do ponto de vista estratégico, indefensável.*

— É mentira. Claro que seria mais fácil defender Barcelona através da cadeia de montanhas que rodeiam Igualada ou perto dos montes de Garaf do que às portas mesmo da cidade. Mas é, por exemplo, mais defensável do que Madrid. Nem a incontestável superioridade de armamento dos fascistas (resultado da passividade do proletariado internacional, adormecido pela política da Frente Popular), nem sequer as razões estratégicas bastam para explicar a queda de Barcelona, sobretudo a queda rápida e quase sem combate. Os fascistas entraram em Barcelona depois

---

[4] Os dirigentes comunistas e anarquistas deixaram intacto este corpo formado durante a monarquia.

de um pequeno recontro em Hospitalet (arrabalde de Barcelona, do lado do mar).

— *E então?*

— Então, muito simplesmente, a estratégia e a técnica militar estão subordinadas à política, sobretudo numa guerra civil.

Barcelona foi entregue porque não havia ninguém para a defender; ninguém, ou quase ninguém, que estivesse pronto a dar a vida para a defender contra Franco. É esta a trágica realidade.

Nem vale a pena falar do governo, o sinistro «Gobierno de la Victoria». Segunda-feira à noite, três dias antes da entrada de Franco, o governo reuniu. O comunicado lido pelo ministro comunista da agricultura, Uribe, esclarece-nos àcerca das decisões anunciadas oficialmente e das medidas decididas. 1) Instaurar o estado de guerra no que restava da Espanha governamental, quer dizer, tentar amordaçar o proletariado (na realidade, o governo não tinha poder para isso); 2) Continuar a residir em Barcelona. Era esta a declaração oficial.

— *E a realidade?*

— A realidade? Enquanto anunciavam estas declarações, Suas Excelências os ministros estavam já de malas aviadas; os móveis e uma enorme quantidade de colchões estavam já dentro dos camiões e, nesse mesmo dia, começava o êxodo aristocrático dentro dos Rolls-Royce e Hispano-Suiza.

Tomados de pânico, Suas Excelências os ministros quizeram fazer um apelo aos operários da C. N. T. de Barcelona, para que derramassem mais uma vez o seu sangue generoso e salvassem a situação, sobretudo a deles. Estes senhores pensavam que se pode repetir um número infinito de vezes a mesma operação. Na opinião deles, em tempo normal, o proletariado deve estar acorrentado, deve respeitar a lei burguesa, pode ser continuamente maltra-

tado, ver os seus militantes maltratados, etc. Nos momentos de perigo, pode afrouxar-se um pouco a coleira e permitir-lhes generosamente que morram pela defesa do governo legítimo e da república democrática. Segundo o esquema destes senhores, o proletariado aproveita a bela oportunidade que lhe oferecem, corre para as barricadas, oferece algumas dezenas de milhar dos seus e salva a situação. O perigo fascista é afastado. Nessa altura, já se pode tornar a apertar-lhe a coleira e continuar a oprimi-lo como dantes. O esquema é este. É, na verdade, engenhoso, mas a mesma operação só pode dar resultado um número limitado de vezes.

Tomados, portanto, de pânico, os ministros convocaram com urgência Garcia Oliver, para que se pusesse à frente de seis divisões confederadas e dirigisse as operações.

— *Mas Garcia Oliver não é um militar!* — *observámos nós.*

— Não quero narrar os «serviços» que prestou ao proletariado espanhol em Maio de 1937 [5], em Barcelona (o camarada sorri ironicamente) mas posso dizer que o considero sobretudo um orador de meetings. Como ele representava a C. N. T. e, sobretudo, a F. A. I., os ministros estavam convencidos que, ao convocá-lo, convocavam também as dezenas de milhar de militantes da C. N. T.. Mas os operários de Barcelona estavam desmoralizados. Tinham ainda presente os acontecimentos de Maio de 1937. *Para compreender a tragédia de 26 de Janeiro de 1939, teremos que recordar a de 3-6 de Maio de 1937.* Entre estas duas datas há uma relação lógica. *Quando se esmagou a revolução, esmagou-se a guerra anti-fascista.*

---

[5] Pelo seu discurso do 4 de Maio de 1937, que terminava com o apelo: «Cessar fogo!» o honorável ministro da Justiça, Garcia Oliver, entregou os militantes da CNT ao massacre dos estalinistas. Os operários de Barcelona lembram-se bem desse discurso.

Os estalinistas provocaram e organizaram os acontecimentos de Maio de 1937, quer dizer, procederam ao desarmamento do proletariado, à destruição dos seus organismos de luta, ao assassinato de militantes operários, etc. Instauraram um regime de terror contra o proletariado. Tudo isso encontrava justificação na política da Frente Popular: «Primeiro, ganhar a guerra» e, para tanto, conseguir o apoio da França e da Inglaterra. O resultado está hoje à vista. Não conseguiram as boas graças dos burgueses de França e de Inglaterra, mas, em contrapartida, conseguiram desiludir e desmoralizar o proletariado espanhol, sobretudo o da Catalunha. Era o caminho mais curto para perder a guerra.

É claro, os operários de Barcelona tinham-se apercebido de que Franco representa o mal pior e, apesar da confiança que depositavam em Negrin ser muito reduzida, desejavam a derrota dos fascistas e a vitória do exército republicano, mas já não participavam activamente na luta. *Desde Maio de 1937, tinham deixado de se sentir senhores da situação. Aliás, já não o eram.*

Repetiam-lhes constantemente que a luta não visava a sua libertação social (Deus nos livre de semelhantes ideias trotsquistas!), mas apenas o restabelecimento da república democrática, que, por sua vez, já tinha engendrado o levantamento fascista. Ora, isto não podia favorecer o espírito de sacrifício nem o entusiasmo pela guerra, mas, pelo contrário, estava na origem da indiferença.

— Contudo Madrid, em condições mais difíceis, defendia-se e, em Novembro de 1936, ripostou vitoriosamente ao avanço de Franco. E os fascistas estavam às portas da capital.

— Essa música é velha — responde Casanova. Parece que os Catalães são uns cobardes e os Madrilenos uns heróis e uns cavalheiros. É uma explicação como outra qualquer, mas não tem ponta por onde se lhe pegue. Evi-

dentemente, essa explicação é dada sobretudo pelos comunistas, que assim procuram reabilitar-se: a maioria do proletariado de Barcelona é anarquista, e em Madrid são os comunistas que dominam. No entanto, os operários catalães mostraram bem do que são capazes em 19 de Julho. Em vinte e quatro horas, esmagaram completamente a rebelião dos militares. Se todos os operários de toda a Espanha tivessem agido assim, os fascistas seriam expulsos da Península Ibérica. Barcelona mostrou também aquilo de que era capaz quando, em alguns dias apenas, ofereceu cem mil voluntários, e quando pôs em marcha as famosas «tribus» dirigidas por Durruti, Ortiz, Domingo, Ascaso, Rovira, etc., durante a semana a seguir ao 19 de Julho.

Fez-se tudo para quebrar a combatividade e o entusiasmo dos operários catalães. A Frente Popular e, sobretudo, os comunistas tentaram tudo o que era possível para desmoralizar os operários de Barcelona e levá-los à indiferença. Infelizmente, conseguiram-no.

Aliás, a gloriosa epopeia de Madrid data de Novembro de 1936 e dos primeiros meses de 1937, e não de Janeiro de 1939. Em Novembro de 1936, o espírito revolucionário dominava ainda em toda a Espanha antifascista. Nessa época, os comités operários, dirigidos por José Diaz e Comorera, reuniam maior auditório que o governo republicano e «legítimo». O posto emissor de Madrid transmitia «A Internacional» e «Los Hijos del Pueblo» e não, como em 1939, canções patrióticas. Esvoaçavam as bandeiras rubras e negro-rubras. Mais tarde, foram substituídas pelos farrapos tricolores (não se trata, é claro, da bandeira, trata-se do que ela representa).

Os trabalhadores de Barcelona não tinham empenho algum em dar a vida pela bandeira tricolor e pelo governo de Negrin, que odiavam. De qualquer modo, não sabemos

como resistirá Madrid em 1939. Saberá repetir a epopeia de 1936? Receio que não.

— *Todavia, os operários de base, os operários revolucionários de Barcelona, não podiam deixar de se aperceber da iminência do perigo. Sabiam o que os esperava no caso da vitória de Franco: a ruína de todas as suas esperanças. Tem-se insistido tantas vezes no carácter espontâneo das lutas do proletariado espanhol, sobretudo o catalão, na sua grande maioria anarquista! Por que, não reagiram os operários de Barcelona, mesmo contra a vontade dos chefes?*

— A «espontaneidade» dos operários catalães tem limites, apesar do seu temperamento impulsivo. Fez-se tudo para quebrar o seu entusiasmo e a sua combatividade. Pregava-se-lhes a calma, a paciência e a confiança nos chefes da Frente Popular e do Governo e, acima de tudo embalavam-nos com ilusões, no que respeita às intenções da burguesia inglesa e, sobretudo, francesa. Repetiam constantemente aos operários: «no último momento, a Inglaterra e, sobretudo, a França interviriam de forma a impedir que os fascistas alemães e italianos se instalassem nos Pirinéus, porque nós lutamos pela segurança dos impérios democráticos.»

A última moda, em matéria de sabedoria, dos plumitivos e oradores da Frente Popular consistia em lembrar, nos jornais e nos comícios, a Chamberlain e Daladier, os seus deveres imperialistas... que preservariam a classe trabalhadora espanhola do fascismo. Estas ilusões, ou antes, estas criminosas aldrabices eram difundidas, sobretudo, em situações particularmente críticas. Exagerava-se, então, desmesuradamente as tensões diplomáticas entre os dois «eixos», apresentava-se a situação internacional como se a guerra entre as democracias e os fascismos estivesse prestes a rebentar e como se a esquadra inglesa e o exército francês fossem intervir dum momento para o outro. E o

O gov. viria a apostar as fichas em uma intervenção franco-inglesa

mais grave é que se obstinavam com todas as suas forças em tapar os olhos ao proletariado, e conseguiam-no.

Eis alguns exemplos para ilustrar a miopia dos chefes «realistas» da Frente Popular. Há algumas semanas corria em Barcelona que centenas de aviões e tanques franceses tinham chegado. Dizia-se isso para levantar o moral. Um outro exemplo. Há alguns dias apenas pouco antes da queda de Barcelona, um camarada estrangeiro, anarquista de esquerda, bastante bem colocado, afirmou-me, pedindo-me para guardar segredo (era este o meio geralmente usado para difundir as notícias), que várias divisões francesas tinham passado os Pirinéus e vinham em nosso auxílio. Tinha ouvido isso a um membro do Comité Regional, ou mesmo Nacional, que as tinha visto passar a fronteira.

Na Idade Média, os ascetas e os santos em êxtase viam a Santa Virgem, e chegavam até a ouvir a sua voz. É certo que para isso se mortificavam. Os chefes da Frente Popular, sem mortificações nem êxtases, conseguiam ver divisões francesas vindo em seu auxílio.

Infelizmente, estas lendas criminosas encontravam eco, e desarmavam o proletariado. Lénine dizia que as verdades, mesmo as mais duras, devem ser ditas ao proletariado para o educar; mas não seria ele, também, trotsquista?

— *Sê mais preciso. O partido comunista, apesar da sua política, devia saber o perigo que o ameaçava. Tratava-se também da sua pele. Que fez ele pela defesa de Barcelona?*

— Repetia, evidentemente: «No pasaran!», mas fazia tudo para que eles passassem. A sua palavra de ordem central, repetida com uma insistência e uma verve dignas de melhor causa, era: «Todos com o Governo da Vitória de Negrin». Do governo que fazia, ou antes... que mandava fazer as malas. Assim, qualquer iniciativa independente, qualquer tentativa, por muito tímida que fosse, de constituir os organismos independentes do proletariado, única

forma de lhe restituir a confiança perdida, eram qualificados de trotsquistas e fascistas.

É certo que «Frente Rojo» («A Frente Vermelha»), órgão do partido comunista, publicou na terça-feira um artigo intitulado: «Todos para as trincheiras! Como em 19 de Julho!». Mas as trincheiras ficaram-se pelas colunas do jornal... Uma única vez estes heróis do P. S. U. C.[6] foram capazes de ir para as barricadas: foi em Maio de 1937, contra os operários de Barcelona, para os escorraçar da Central Telefónica, propriedade sagrada do capitalismo americano, e para ajudar a polícia burguesa a metralhar os operários.

Também é certo que se o conseguiram foi porque a C. N. T., ou, mais precisamente, a direcção da C. N. T., lhes deu carta branca para tal.

---

[6] P. S. U. C., Partido Socialista Unificado da Catalunha, aderente da Internacional Comunista. É o pseudónimo do partido comunista catalão.

III

E A C. N. T.?

— *Fizeste bem em falar de C. N. T.... A grande maioria do proletariado de Barcelona é anarquista. Não compreendemos porque é que a C. N. T. não reagiu ou porque não tentou, pelo menos, reagir para salvar Barcelona. No entanto, dela tinham saído já alguns heróis de que muito se pode orgulhar o proletariado internacional, como Durruti, Ascaso... O que fez a C. N. T. no momento trágico?*

— A C. N. T. é um capítulo à parte. É claro que Durruti, Ascaso e milhares de heróis anónimos ficarão para sempre gravados, como a Comuna de Paris, no coração do proletariado, mas quanto à política destes «anti-políticos» e «anti-estatistas», quero dizer, a política da direcção da C. N. T., foi francamente reformista, pequeno-burguesa e objectivamente criminosa para com o proletariado e a revolução. Ela é de molde a esclarecer os operários de todo o mundo (neste momento de desordem ideológica geral, em que as ideias anarquistas podem ter um certo ascendente sobre os desorientados) sobre o valor da teoria e, principalmente, da prática anarquistas. Este trabalho crítico, que só os verdadeiros marxistas poderão fazer, será feito. Mas para isso serão necessárias algumas brochuras, ou mesmo livros.

No passado (refiro-me a 1936 e 1937), estes anti-estatistas tinham abolido o dinheiro, e chegaram até a queimá-lo, nas pequenas aldeias de Aragão, onde instauravam o comunismo libertário e o reino do amor e da fraternidade, mas nunca lhes passou pela cabeça a ideia de deitar a mão aos grandes bancos. No entanto — acrescenta maliciosamente o camarada Casanova — a filial do Banco de Espanha em Barcelona ficava precisamente em frente do Comité Regional da C. N. T., sede do estado-maior anarquista, mas os grandes chefes anti-estatistas caminhavam em bicos de pés diante da alta finança[7]. Consideravam pecado original falar-se em Estado Operário, na constituição e alargamento dos comités, mas, em contrapartida, trabalhavam com ordem e método, continuando a pregar o anarquismo, pela reconstituição do Estado burguês[8]. Em Maio de 1937, entregaram os operários de Barcelona à contra-revolução estalino-burguesa; algumas semanas depois, foram rejeitados pela burguesia, que se sentia suficientemente forte e já não necessitava, portanto, dos seus serviços.

Um ano mais tarde, em Abril de 1938, no momento do perigo (a ruptura da Frente de Aragão), ofereceram-lhes no segundo ministério de Negrin a pasta, da Instrução Pública, pasta decorativa e sem qualquer importância que,

---

[7] Abolir o dinheiro nas aldeias de Aragão e conservar «El Banco de España», lembra estranhamento a fábula de Krylov: «O curioso». O curioso que visitou o jardim zoológico relata o que pôde observar. Cita os insectos do tamanho duma agulha, mas não reparou no elefante.

[8] A esse respeito, é muito instrutiva e recomendável a leitura das quatro brochuras dos ex-ministros da C. N. T. no Governo Caballero, editadas pela Comissão Nacional da C. N. T., onde os ministros relatam as suas experiências.

com uma solicitude nada de acordo com o anarquismo, se apressaram a aceitar. A burguesia bem sabe que lida com animais domesticados e bem amestrados. Entretanto, a C. N. T. e mesmo a F. A. I. davam cobertura à política de regressão social do governo Negrin. Os 13 pontos de Negrin [9], os decretos contra-revolucionários dissolvendo os organismos proletários, tudo isso foi aprovado com a cobertura da C. N. T. e da F. A. I. Aliás, até a distinção formal entre a linguagem francamente chauvinista e reformista dos estalinistas e a linguagem revolucionária (em palavras) da C. N. T., distinção que existia durante o primeiro ano da revolução, desapareceu em 1938. A imprensa foi «gleichgeschaltet» (posta na ordem). Assim, «Solidaridad Obrera», órgão central da C. N. T., apresentava o conflito entre a Bolsa de Londres e a de Berlim como um conflito ideológico entre democracias e ditaduras, fazia diariamente uma menção honrosa ao apóstolo da paz, o representante do imperialismo yankee, Roosevelt, explicava muito naturalmente que a segurança dos Impérios exigia a intervenção em Espanha e dava lições de patriotismo a Chamberlain e a Daladier.

Durante vários meses — continua o camarada Casanova — o Comité Regional da C. N. T. andou completamente desorientado, sem saber que palavra de ordem lançar. Encontrou-a, por fim, em Novembro.

— *Qual? perguntamos ao nosso amigo, que gosta de espicaçar a nossa curiosidade.*

— Esta: A C. N. T. tem direito a um lugar de conselheiro no governo da Catalunha (Generalidade). A honestidade, a justiça e, sobretudo, o idealismo dos homens

[9] Os 13 pontos de Négrin, o programa de reconstrução duma república burguesa.

dignos, que nunca deixaram de lutar «contra las sujas maniobras politicas» (contra as sujas manobras dos políticos) exigiam a reparação da cruel injustiça cometida depois de Maio de 1937, quando os representantes da C. N. T. tinham sido expulsos do governo da Catalunha. De resto, segundo se podia ler na «Soli», o Comité Regional exigia um ministério, não pelos motivos pouco elevados que caracterizam os politiqueiros, por exemplo, atingir um objectivo político ou, muito simplesmente, aproveitar uma pasta, mas por razões ideais...

Pela minha parte, como vulgar materialista que sou — acrescenta Casanova — não posso ignorar, sobretudo, o interesse prático dum lugar de conselheiro no governo da Catalunha. Um posto desses abria as portas aos camaradas para belos tachos, «enchufes», como dizem os espanhóis, mas como palavra de ordem numa situação mais que séria acho-a um pouco inconsistente.

A C. N. T. e a F. A. I. podiam ter salvo a situação, até ao último momento. Podiam, pois. Seja como for, podiam e deviam, pelo menos, tentar salvá-la, diz Casanova com veemência. Nem sequer tentaram. É claro que, para isso, *teriam que contar com a política que conduzia ao abismo, e que se chama a Frente Popular.*

Sejamos mais precisos. Há quinze dias apenas, havia ainda em Barcelona, apesar da acção desmoralizante da política de Negrin-Comorera, vários milhares de operários, sobretudo jovens, dispostos a correr para as trincheiras e, se preciso fosse, a dar a vida pela Revolução. Estavam dispostos a alistar-se nos batalhões das Juventudes Libertárias, mas não tinham qualquer espécie de confiança no comando republicano que, na primeira oportunidade, se passava para o lado do inimigo. Os apelos dos organismos oficiais não encontravam eco. Nas fábricas, por exemplo, era preciso usar vários meios de coacção para localizar os falsos «imprescindibles». Chamava-se assim aos operários ou

especialistas que, devido ao seu valor técnico, estavam isentos do serviço militar [10].

Um exemplo: o Comité Nacional das Juventudes Libertárias, que seguia a linha do Comité Central da C. N. T., verificando que os jovens filiados na J. L. só se alistavam em número reduzido nos batalhões oficias do Exército Popular, publicou um comunicado bastante elucidativo. Nesse comunicado, o Comité Nacional tranquilizava os jovens membros das Juventudes Libertárias, dizendo-lhes que podiam alistar-se sem receio nos batalhões de voluntários mistos do governo, porque o Comité Nacional tinha um representante no Comité de Organização. Esta «garantia» não era suficiente para convencer os jovens, que esperavam em vão uma voz que lhes inspirasse confiança.

Em suma, a direcção da C. N. T. abandonou os seus aderentes no último momento, sem palavras de ordem e sem plano de acção. Assim, quinta-feira à noite, 25 de Janeiro, no próprio dia da entrada dos fascistas em Barcelona, eu estava numa pequena aldeia próxima de Gerona. Fui visitar o comité local, a «Junta» da C. N. T. Os camaradas não tinham qualquer ligação com o centro, nem sequer sabiam onde ele se encontrava, e pediam-me conselhos.

---

[10] Numa das mais importantes fábricas de armamento de Barcelona, denominada «Fábrica A», para poder recrutar voluntários, o Comité de Fábrica tinha que fechar as portas para evitar que os operários fugissem.

IV

O EXERCÍCIO REPUBLICANO E AS SUAS CONTRADIÇÕES

— Já conhecemos os efeitos da política da Frente Popular, dado que em França são os mesmos, mas, no entanto, o governo republicano dispunha dum exército que resistira vitoriosamente em Madrid, conduzia certas operações com sucesso, como em Belchite, Teruel, no Ebro, etc., com um comando único. O retorno às concepções burguesas teve por efeito um aumento do valor (disciplina, coordenação, moral) do exército republicano?

— Ah, sim! responde o camarada. «*Mando unico*» (comando único), tal era a palavra de ordem, aliás inteiramente justa, dos estalinistas e de todos os republicanos, socialistas inclusivé. Realçavam até o enorme serviço que prestara durante a «Grande Guerra» aos aliados. Mas esqueciam que, em Espanha, se tratava duma *guerra civil*.

O comando único era necessário (urgente, até, ao princípio), mas era preciso um Estado-Maior proletário e revolucionário, devotado à classe operária e sob a sua direcção.

Mas, pelo contrário, o Estado-Maior era composto por alguns oficiais superiores da monarquia, como o general Pozas, que fora destituído em circunstâncias misteriosas, após a derrota de Aragão, e que mais tarde voltou a cair

em graça, salmodiando louvores ao «grande Estaline»; outros, cujo «republicanismo» nunca se mostrou muito seguro nas várias circunstâncias e também recém-chegados prontos a receber medalhas e o posto de tenente-coronel ou mesmo de coronel, mas que, nos momentos de perigo se passavam juntamente com os planos para o lado de Franco. Evidentemente, havia no Estado-Maior homens honestos e dedicados, mas constituiam uma ínfima minoria.

Era necessário um comando único, actuando com mão de ferro, mas um comando como o de Léon Trotsky em 1917-1921, na Rússia. Para tanto, era preciso um poder revolucionário, uma ditadura do proletariado e um partido revolucionário consciente das suas tarefas, à imagem do partido bolchevique de 1917. Nada disso existia em Espanha.

Foi provado teoricamente e agora, infelizmente, também empiricamente, que em Espanha só era possível um exército forte, expressão dum poder fortalecido, na base do fascismo ou na base da ditadura do proletariado. O governo de Negrin não soube criar um exército forte e coordenado. Evidentemente, não se trata de Negrin pessoalmente, que não é mais que a expressão duma relação temporal das forças entre as diferentes classes e correntes políticas, mas de toda a orientação na direcção duma república democrática.

Queres uma prova da falibilidade dos doutores da Frente Popular em matéria militar? Ouve esta, que é de peso.

Nos discursos oficias diziam sempre: «Terminou a fase das milícias caóticas do primeiro período romântico da revolução, o das malditas «tribus»! [11] Possuímos agora um

---

[11] Foi assim que o estalinista Comorera qualificou as heróicas colunas de Durruti, Jubert, Rovira partidas em Julho de 1936 em direcção a Huesca e Saragoça. Do ponto de vista organizativo,

exército regular, disciplinado e organizado. Novos quadros — acrescentavam — estão a ser criados.» Apenas, quando chegava a hora do perigo, este castelo de cartas ruía... e faziam-se, então, apelos às organizações operárias... aos malditos comités (pretensa origem da confusão) e aos voluntários. Isto repetiu-se duas vezes. Em Março-Abril de 1938, quando Prieto fez um apelo, pedindo 100 000 voluntários para o exército e 50 000 para os trabalhos de fortificação. Os recrutamentos eram feitos no local das organizações e dos partidos, como no período maldito das milícias. E o facto repetiu-se, em fins de Dezembro de 1938: recorreu-se, mais uma vez, aos voluntários e às organizações.

Comorera tinha razão, mas as «tribus» lutavam heroicamente, ao passo que o seu Exército popular era comandado por traidores.

V

O FACTOR IDEOLÓGICO NA GUERRA CIVIL

Tu sabes — prossegue Casanova — e eu tive ocasião de o verificar na frente, na trincheira e durante os ataques, que as melhores armas de nada valem quando não há homens prontos a sacrificar-se e que prefiram perder a vida a ceder terreno ao inimigo. Sim, são precisos homens no Estado-Maior, como já expliquei, mas também são precisos homens cá fora para manejar as espingardas, as metralhadoras, as granadas, os morteiros, a artilharia ligeira e pesada, os tanques e até os aviões.

O material, sem o homem, de nada serve, sobretudo, e insisto neste ponto, numa guerra civil, em que o governo que tem diante de si a tarefa de lutar contra a reacção não dispõe dum aparelho repressivo com dezenas de anos de funcionamento como numa guerra imperialista, e em que é obrigado a criar um organismo inteiramente novo. Numa guerra civil, o soldado deve saber a razão por que luta, tem que estar convencido que é pela sua classe, para que a mulher e os filhos conheçam um mundo novo e melhor. Nessa altura, lança-se de granada na mão contra o inimigo mais bem armado, apodera-se de posições inexpugnáveis e inflige golpes mortais ao inimigo, semeando no seu seio a desorganização e o pânico.

Sim, continua Casanova, ainda agora vejo os meus camaradas de batalhão lançarem-se ao assalto durante a ofensiva de Belchite, por exemplo. Vejo o meu tenente Ferrer, morto em Codo[12], ao conduzir a sua secção ao ataque do parapeito dos requetes. Oiço as suas ordens: «Fuego!» e «Adelante!» à nossa secção, composta na sua maior parte por membros das Juventudes Libertárias. Pois é! Para tomar uma trincheira, não basta o fogo da artilharia e das metralhadoras! Se, depois dum fogo nutrido da artilharia e de metralhadoras, o inimigo teimar em não abandonar a posição, é preciso que a infantaria o vá desalojar a tiros de espingarda, granadas e golpes de baioneta.

Os meus camaradas das Juventudes Libertárias sabiam a razão por que se batiam. Odiavam a velha Espanha, do fundo do seu coração ardente. Odiavam os burgueses, mas principalmente a Igreja e os Padres — símbolo da opressão medieval — e lutavam por um mundo em que os seus pais, metalúrgicos, serralheiros, torneiros ou simples estivadores, fossem donos e senhores. Lançavam-se ao ataque cantando: «Hijos del Pueblo» e «Arroja la bomba», cantos anarquistas.

Mas os nossos adversários, note-se, não eram mercenários, como nos outros sectores, italianos, alemães ou marroquinos vindos a Espanha com o fito de encontrar aldeias para pilhar e mulheres para violar. Eram os requetes, animados duma chama e dum fanatismo inspirados pela sua profunda fé católica. Lutavam pelo «Cristo-Rey» e pela Santa Virgem contra o diabo vermelho, encarnado pelos «marxistas».

Eis algumas das inscrições que vi em 26 de Agosto de 1937, depois da «limpeza» de Codo, onde tínhamos

---

[12] O ataque de Codo deu-se de 23 a 25 de Agosto de 1937.

entrado na véspera, nas trincheiras conquistadas: «Viva el Cristo-Rey», «Vienen los marxistas! Coraje!», e ainda esta: «Quando matas um rojo tienes un ano de purgatorio de menos!». Defendiam-se até ao fim, até ao último cartucho, completamente cercados, e eram apenas cerca de 300 a defender Codo, e nós talvez 2000, ou mais.

Rezavam muitas vezes durante o dia, esperando os socorros da Virgem Santa e outros, mais materialistas, da cavalaria moura. Na quarta-feira à noite, vendo que o auxílio não chegava nem do céu nem da terra (a cavalaria que se aproximava de Codo e que tinham entrevisto ao longe não era a dos mouros, mas a cavalaria republicana) tentaram utilizar a última tábua de salvação: uma retirada forçada. Vimos de repente um punhado de homens sair da igreja e descer a colina. As nossas metralhadoras começaram a funcionar. Muitos deles foram mortos ou feitos prisioneiros [13].

Tomei a liberdade de fazer esta digressão — diz Casanova — a fim de sublinhar mais uma vez que numa guerra civil, a única guerra justa e sagrada da parte dos oprimidos, dos que são portadores de progresso e de novos valores humanos, as pessoas matam, por vezes, com particular obstinação e um fanatismo sem par.

Portanto, repito, os homens e as ideias (principalmente as ideias) desempenham um papel primordial. Que os revolucionários não o esqueçam nos combates futuros e que não se deixem influenciar pelos pretensos realistas que, sabiamente, colocarão em primeiro plano apenas os problemas da técnica militar.

---

[13] Em Codo nós encontrámos uma grande quantidade de «bojnes rojas» (boinas vermelhas) e... também munições francesas entregues a Franco apesar da política de não-intervenção do governo de Blum.

VI

SERIA POSSÍVEL DESMANTELAR O EXÉRCITO FRANQUISTA?

Embora, aos meus camaradas de batalhão, os animasse duma ideologia revolucionária, se bem que confusa, os nossos alti-falantes em Matamala, por exemplo, faziam uma propaganda nitidamente reaccionária que, por vezes, se assemelhava, como duas gotas de água, à de Franco, e que não podia desmoralizar nem semear a revolta no exército inimigo. Gritavam: «Somos de la raza española!», pretendendo provar que eram mais espanhóis que Franco. Uma política revolucionária podia fazer penetrar a «peste bolchevista», mesmo entre os elementos mais retardatários e mais reaccionários. Não se assistiu, durante a revolução russa, à passagem dos próprios destacamentos cossacos para o exército vermelho?

Porque razão não se observou em Espanha o mesmo fenómeno? O fanático requete, com o seu Cristo-Rey, era impenetrável à propaganda revolucionária? Nem por sombras. É claro que amava a Santa Virgem, mas amava também outras virgens e, dum modo geral, coisas mais materiais. Era católico fervoroso. Sim, mas também camponês, desde sempre enganado e explorado. Que lhe deu a repú-

blica democrática, mesmo sob a presidência de M. Azaña, e inclusive quando Largo Caballero era ministro (e era-o já em 1931)? Miséria e balas. Ora, que lhe prometia contra Franco a Frente Popular? A continuação da mesma república. Esta república, é certo, prometiam-na melhor e mais justa. Mas não tinha ele ouvido já a mesma música, as mesmas promessas?

E o marroquino? Que lhe prometia a Frente Popular, durante o tempo de Negrin e de Caballero, de Hernandez e do terrível «anarquista» Garcia Oliver? Independência nacional, porventura? Só um trotsquista criminoso podia pensar em tal! As declarações dos sábios e realistas dirigentes e ministros da Frente Popular apenas versavam o respeito pelos tratados e a intangibilidade do protectorado, quer dizer, a intangibilidade da escravatura do Marrocos espanhol.

Isto era suficiente para inquietar Chamberlain, que se sentia mais seguro com Franco, mas não era de molde a tranquilizar o marroquino. Ser escravo com Franco ou com Negrin era para ele muito parecido. Mas talvez estivesse errado, dirá um espertalhão. Talvez! porque para nós também o regime de Negrin não é tão mau como o de Franco, mas Ben Mahomed, apesar de astucioso, não era muito forte em sociologia, e neste caso preciso pensava mais ou menos como Estaline, quer dizer, com os pés: a social-democracia e o fascismo não eram para ele antípodas, mas gémeos [14].

E os «voluntários» italianos e alemães? Seriam todos eles fascistas convictos? Não o creio. Certamente que entre eles havia vendidos e também entusiastas dum outro Cristo-

---

[14] «A social-democracia e o fascismo não são contrários mas gémeos». Esta a genial e bem conseguida frase de Estaline que estava na base teórica do «social-fascismo» e permitiu a subida de Hitler ao poder na Alemanha.

Rey: Hitler e Mussolini, mas a maioria era pouco mais ou menos como a maioria do género humano, quer dizer, gente enganada. E dizia-se-lhes que não existem franceses, alemães e italianos, mas simplesmente proletários e que se lutava por uma República Universal? Dizia-se-lhes como Jaurès, que a palavra «estrangeiro» não tem qualquer sentido para o proletariado? Não!

— Infelizmente, aqui em França, de há alguns anos para cá, também a Frente Popular trabalha dia e noite para tornar os operários franceses mais patriotas e mais chauvinistas.

— Pois bem, lá passava-se a mesma coisa. Diziam que lutávamos contra os estrangeiros e por uma Espanha livre, forte e feliz. O italiano e o alemão, conduzidos à força para Espanha pelos bandidos fascistas, reagiam como era de esperar, fortificando os seus preconceitos nacionalistas. Se os outros lutam para que a Espanha seja forte, não devo eu lutar também para que a Itália seja forte? Não sou eu, antes do mais, um italiano?

E os operários, porque os havia no exército franquista, quando ouviam dizer que lutávamos pelo regresso à mesma república em que a propriedade capitalista continuaria a ser sagrada como a tinham conhecido; quando ficavam a saber, não somente através do canal da propaganda fascista, mas também por intermédio dos prisioneiros de guerra, que em Barcelona a C. N. T. era perseguida, poderia tudo isto predispô-los a arriscar a vida e a revoltar-se contra a disciplina do exército franquista?

É verdade que alguns soldados e até, por vezes, alguns pequenos destacamentos passavam para as nossas fileiras, mas isso era motivado, sobretudo, por ocasionais reveses militares de Franco.

Quanto a verdadeiras revoltas, ao longo destes últimos dois anos, não as houve. É, sem dúvida, chocante, mas só pode causar espanto aos que não compreendem que

para se dar uma revolta num exército é preciso prepará-la de antemão, tanto do interior como do exterior, através duma propaganda revolucionária, e não de ladainhas sobre o «governo legítimo».

Há quem queira explicar o facto de não se ter verificado a revolta nas fileiras de Franco pelo terror.

Como se o proletariado fosse por natureza uma raça de escravos!

Os chefes da Frente Popular ignoram que a propaganda revolucionária é mais forte que todos os terrores e aparelhos repressivos. Mas um dia ficarão a sabê-lo!

Não reinava também o terror no exército branco, na Rússia? Os japoneses seriam autênticos anjos, durante a ocupação da Sibéria? Ou não teriam cometido também atrocidades cuja recordação nos faz estremecer? Os exércitos da França democrática, em Odessa, não enforcavam, não torturavam? E os corpos expedicionários dum outro democrata e muito «Frente Popular», Mr. David Lloyd George, não cometiam atrocidades?

Folheai as últimas páginas de *Jimmie Higgins*, de Upton Sinclair, e vereis o propagandista bolchevista torturado pelos democráticos representantes do corpo expedicionário de Sua Majestade o Rei de Inglaterra. E não se trata apenas duma imagem literária!

Mas, apesar das torturas, «a peste bolchevista» penetrava em todo o lado e desmantelava, não só o exército branco, mas também os corpos expedicionários estrangeiros: franceses, ingleses, checoslovacos, etc....

Donde provinha esta força mágica que existia na Rússia e faltava em Espanha?

Provinha *da força de atracção da revolução proletária.*

Tudo isto demonstra que a linguagem muda e a política podre da democracia burguesa e da Frente Popular eram incapazes de desmantelar e desmoralizar o exército fascista, composto precisamente pelos elementos mais

fáceis de aliciar: os camponeses explorados, os escravos coloniais, e mesmo os alemães e italianos, que lutavam por uma causa que não era a sua.

Como vês — insiste Casanova — para estes charlatães da Frente Popular tudo é difícil, e tentam até persuadir o proletariado de que é impossível abater o regime capitalista, porque os capitalistas têm ao seu serviço os fascistas, os tanques, uma enorme quantidade de aviões, etc. Só esquecem uma coisa: ver-se ao espelho e acrescentar que se o capitalismo se mantém é, principalmente, graças aos seus lacaios, chamados Blum, Estaline, Thorez, Negrin e Comorera.

VII

MAIS UMA VEZ A TÉCNICA

— Mas também não estarás a desprezar demasiadamente a técnica? Claro que o homem é importante, mas, se ela nos faltar, que podemos nós fazer contra um adversário fortemente armado e auxiliado pelo estrangeiro com tanques, artilharia e sobretudo aviação? Ficamos reduzidos à impotência, meu velho, e tu deves ter verificado isso na frente.

— Não, não desprezo a técnica. Mencionaste a aviação, essa arma tão potente na guerra moderna. Ela faltou-nos, por exemplo, no ataque a Quinto, em 15 de Julho de 1937. Partimos e estávamos já bastante perto das trincheiras franquistas, mas faltaram as balas nos postos avançados; a nossa artilharia ia trabalhando, é verdade, mas quanto à aviação, ninguém lhe punha a vista em cima. Devia andar a passear por Barcelona ou outro sítio qualquer. Recuámos nessa mesma tarde, ao escurecer.

O caso do malogrado ataque a Quinto [15] assemelha-se a muitas outras operações do mesmo género na frente de

---

[15] Seis semanas depois estávamos em terreno conquistado, perto de Puebla de Alborton; li a imprensa fascista que relatava o nosso ataque de Quinto a 15 de Julho. Ela falava evidentemente

Aragão, durante os anos de 1936 e 1937. Concerteza — continua Casanova — ouviste falar neste género de operações.

— *Não compreendo bem a que te referes. Explica-te melhor.*

— Pois bem, quando na frente de Aragão predominavam os batalhões da C. N. T., da F. A. I. e também do POUM, o governo central de Madrid e, em seguida, de Valência, onde predominavam já os estalinistas e os ministros cenetistas, deixava correr, sabotava, por razões fáceis de perceber, toda e qualquer operação militar. Não queria que os milicianos da C. N. T. - F. A. I. e do POUM entrassem em Huesca e Saragoça. Isso teria aumentado o peso específico e a importância do sector revolucionário e, consequentemente, representava para Prieto, Negrin e Comorera, que nos bastidores iam preparando, por conta do capitalismo internacional, a nova combinação ministerial, um perigo tão grande como Franco.

Eis o esquema de todas estas operações empreendidas pelos batalhões e pelas divisões da C. N. T. e do POUM: os batalhões, armados de espingardas e, às vezes, de metralhadoras num estado deplorável, partiam para o ataque e apoderavam-se, à custa de muitas perdas, das posições mais difíceis e das colinas mais abruptas, mas depois de as ter conquistado aos fascistas eram obrigados a cedê-las novamente, nesse mesmo dia ou passadas 24 horas. A aviação fascista chegava, a nossa não aparecia. Éramos bombardeados e tínhamos que recuar.

É esta também a história do ataque a uma posição muito importante, Santa Quiteria, em meados de Abril de 1937, em que tinhamos conquistado a posição aos fascis-

---

da nossa derrota e também «dos tanques russos» nascidos da imaginação dos redactores do *Heraldo de Aragon*, quotidiano de Saragoça para as necessidades da propaganda fascista.

tas; fomos também obrigados a retirar, por nos faltar a aviação. No ataque à posição de La Loma, próxima de Manicomio de Huesca, onde, entre outros, foi morto um dirigente do SAP, Wolf, ataque que foi organizado mais ou menos na mesma altura pelo POUM, a história repete-se. Só conheço estas duas operações através das narrativas doutros camaradas que nelas tomaram parte, mas tenho a certeza da sua autenticidade, pois trata-se de vários testemunhos. Os camaradas que permaneceram mais tempo do que eu na frente podem dar-te mais exemplos deste género.

— Meu caro Casanova, não achas que os teus exemplos acentuam precisamente a importância do factor técnico durante a guerra, mesmo a civil? Que podemos nós fazer com os melhores homens, mesmo que estejam à altura dos heróis mitológicos, se temos falta de tanques e de aviação? Não se pode dizer «que o homem é tudo». E o governo republicano dispunha de quantidades limitadas, mesmo muito limitadas, de tanques e aviões e tinha tantas frentes para defender! Talvez desprezes demasiado os efeitos nefastos da política de «não-intervenção»!

— Não, não desprezo os efeitos nefastos da política de não-intervenção, inaugurada pelo primeiro governo da Frente Popular, o de Léon Blum...

Claro que a política de não-intervenção enfraqueceu e (muito) o proletariado espanhol. E favoreceu Franco que, como pude verificar com os meus próprios olhos, em Codo, recebia munições dos traficantes de canhões franceses, entre outros. É claro que esta política, derivada da política geral da Frente Popular, para quem as bases do regime capitalista são sagradas e intocáveis e segundo a qual, de momento, os operários de todos os países não devem sequer tentar libertar-se do jugo capitalista, está na origem da inferioridade técnica do campo anti-fascista em Espanha, evidentemente. Não tenho a intenção de julgar

Blum (o proletariado há-de julgá-lo um dia, como deve ser) mas foi com um sentimento de vergonha e um certo espanto também que me apercebi da indiferença com que os operários franceses deixaram passar a «sincera» declaração do chefe do primeiro governo da Frente Popular, a «confissão» que fez na Câmara dos Deputados sobre as razões que motivaram a queda de Irun...

Mas já expliquei, e insisto mais uma vez neste ponto, que (estou por um momento a raciocinar no abstracto) *se porventura o governo republicano espanhol tivesse recebido do estrangeiro uma grande quantidade de aviões, estes aviões, com a política que se seguiu em Espanha, não bastariam para salvar a situação.*

Para vencer Franco, *era necessária uma direcção revolucionária, isto é, um partido.*

De resto, as munições, balas, metralhadoras, granadas, morteiros e mesmo canhões e aviões, podiam ser fabricadas em Espanha e, até, em grande quantidade (não quero com isto dizer que o auxílio estrangeiro não fosse de uma extrema importância).

VIII

A INDÚSTRIA DE GUERRA

— *Ainda bem que falaste nisso, Casanova, pois trata-se dum problema de importância capital. Foi-o em Espanha e sê-lo-á em todos os países em que o proletariado venha a ser colocado perante a necessidade de empreender uma guerra revolucionária contra o fascismo. A produção de munições, de boa qualidade e em grande quantidade, será uma questão de vida ou de morte em todas as revoluções! O governo republicano conseguiu criar uma indústria de guerra? E em que bases?*

— Embora não seja um perito nesse domínio, tenho uma certa experiência do assunto, pois trabalhei durante todo o ano de 1938 precisamente na indústria de guerra. Trabalhei, primeiro, como simples contabilista, durante três meses, numa pequena aldeia da Catalunha, na província de Barcelona numa fábrica que produzia vagões e máquinas agrícolas antes do 19 de Julho e que foi, depois, transformada numa fábrica de guerra. Fabricava-se granadas, peças de metralhadoras, etc. A seguir fui administrador duma fábrica de guerra, em Barcelona, durante cerca de nove meses. Para te descrever as dificuldades com que nos defrontávamos constantemente, ou melhor, a sabotagem

constante e permanente, a burocracia, a dissipação, os roubos, a incúria, a anarquia — esta, no sentido vulgar da palavra — enfim, para te contar as proezas da criminosa administração da indústria de guerra, que se chamava *Subsecretaria de Armamento*, seria preciso um livro, que seria com certeza rico de ensinamentos, mas infelizmente não sou escritor — diz Casanova.

Quando assistíamos a estes roubos, a este constante esbanjamento (deslocações inúteis, falhas frequentes da corrente eléctrica, precisamente durante as horas em que era mais necessária, matérias-primas que entravam na fábrica quando não as tínhamos pedido, quando em contrapartida, aquelas de que necessitávamos faltavam, embora os armazéns do Subsecretariado estivessem atulhados delas, etc.), quando assistíamos a estas coisas, perguntávamo-nos sempre: «Tratar-se-á de imbecis ou de fascistas?». Era sempre este o tema das nossas conversas, nos momentos livres, no meu gabinete, entre mim e o meu colaborador, aliás estalinista, mas trabalhador honesto e dedicado, cumpridor das tarefas que o Subsecretariado do Armamento lhe confiava.

Imbecis ou fascistas? Bem, havia os imbecis, mas havia sobretudo fascistas, agentes da 5.ª coluna, e aqueles que, talvez inconscientemente, faziam o jogo deles.

No princípio, em 1936, era a Generalidade que dirigia a indústria de guerra, na Catalunha. Para o efeito, tinha criado um organismo denominado «*Comision de Industrias de Guerra de Cataluña*». Por sua vez, esta comissão era inicialmente dirigida por um operário metalúrgico de Barcelona, um militante do sindicato dos metalúrgicos da C. N. T., Vallejo. Podemos ter as nossas opiniões críticas sobre as suas concepções anarco-sindicalistas, que eram as da maioria dos operários catalães da vanguarda, mas devemos prestar homenagem ao seu espírito de sacrifício sem limites, à sua coragem, à sua energia e à sua iniciativa.

Este homem, este militante, este simples operário, era capaz de transformar numa semana, às vezes nalguns dias, qualquer fábrica metalúrgica numa fábrica de guerra. Ele encontrava as máquinas necessárias, confiscava-as imediatamente, transportava-as de camião, e partia em busca dos sinos das igrejas, por exemplo, cujo bronze servia para o fabrico das balas. Como Vallejo, havia concerteza na Catalunha e no resto da Espanha centenas e milhares de operários qualificados, conhecedores do seu ofício, abnegados nas trincheiras, mas também no próprio local de trabalho, diante do torno, forja ou forno. Mas os seus esforços, a sua capacidade, a sua energia e a sua dedicação à causa da indústria de guerra (eles compreendiam perfeitamente a importância de cada obus que saía da sua oficina) eram a todo o instante paralizados pelos organismos centrais. O mesmo se passou com muitos outros, dedicados e bons técnicos, vindos do estrangeiro.

Ao acaso, citarei o caso dum engenheiro belga, o camarada K..., especializado na fabricação de explosivos, que se ofereceu ao respectivo departamento, o qual recusou os seus serviços por causa dos contratos com os fornecedores estrangeiros; e o deste outro engenheiro espanhol, que dirigia uma escola de aviação e que apresentou um projecto perfeitamente realizável duma fábrica para a produção de aviões, projecto esse que foi recusado para permitir a compra no estrangeiro.

Quanto a Vallejo, acima mencionado, foi despedido por volta de Maio de 1937, como muitos outros trabalhadores dedicados, e substituídos, evidente, por estalinistas... e fascistas.

— *Fascistas? Estás a exagerar!*

— Mas não, não estou a exagerar absolutamente nada. Apenas constato um facto. A Catalunha possuía uma indústria metalúrgica bastante importante, facilmente transformável, se as matérias-primas necessárias chegassem, em

quantidade suficiente, do centro e também do estrangeiro. *Podia e devia ter nascido uma possante indústria de guerra, que teria tornado a Espanha praticamente independente dos especuladores estrangeiros.* Uma prova, histórica: a Espanha não alimentava, durante a grande guerra, os dois campos beligerantes, aos quais fornecia munições de boa qualidade? No entanto, uma grande fábrica de munições que durante a grande guerra trabalhava para a França e cujo engenheiro foi, nessa altura, assassinado em condições misteriosas pelos agentes da contra-espionagem alemã, fazia para o governo republicano, nestes últimos meses, 90% de artigos defeituosos.

Na fábrica que eu administrava, a produção só tinha baixado, ultimamente, de 30-40% (mas é um caso excepcional). A produção baixava não só em quantidade como em qualidade, e era um fenómeno geral. Quais as razões? A inércia, a má organização, apesar do número crescente de «organizadores», de novos inspectores e novas comissões, que deviam investigar as causas desta anarquia... Quanto mais «comissões» havia, mais circulares e instruções apareciam, alterando todos os quinze dias os métodos de trabalho, mais estatísticas, mais fichas a preencher (uma simples factura tinha que ser feita em seis exemplares); quanto mais comissões de fiscalização eram criadas, para investigar, por exemplo, os falsos doentes [16], mais um sem número de controladores aparecia para estes «incontrolados», mais as coisas iam de mal a pior, apesar das fanfarronadas oficiais e enganadoras e das palhaçadas do stakanovismo.

Ilustremos esta sinistra barafunda e tentemos, depois, explicá-la. A Subsecretaria de Armamento, que concentrava e dirigia toda a indústria de guerra, tinha que nos fornecer as matérias-primas (o ferro, o carvão, a madeira, o petró-

---

[16] Doentes fingidos, operários que abusavam da Previdência Social e que sob pretextos fúteis não se apresentavam ao trabalho.

leo, o barro refractário, a areia para a fundição, o óleo para as máquinas, etc...). Se nos faltavam estas matérias-primas ou, simplesmente, uma delas, éramos obrigados a parar e os operários condenados a jogar as cartas na oficina.

Ora, faltava frequentemente qualquer matéria de primeira importância. E faltava não porque a Subsecretaria não a tivesse (os seus armazéns estavam repletos, e muitas vezes a matéria em questão até era roubada), mas porque o responsável pelo respectivo departamento «se esquecia» de no-la enviar, apesar das requisições escritas e telefonadas; «esquecia-se», por exemplo, de enviar o petróleo ou o carvão, apesar de ter recebido as encomendas perfeitamente em ordem. Em contrapartida, não «se esqueciam», ele ou o seu colaborador, de enviar muitas vezes uma matéria-prima em quantidade exagerada, suficiente para atravancar uma fábrica.

A este respeito chegavam a passar-se cenas cómicas, ou antes, tragico-cómicas. Uma vez, o responsável dum desses departamentos enganou-se apenas num algarismo, acrescentando-lhe muito simplesmente um zero. Em vez de 5 toneladas de carvão, enviou 50... Não se trata dum gracejo, mas dum caso real, como tantos outros. O humorista soviético Zochtchenko conta muitas piadas deste género, mas enquanto que Zochtchenko satirizava e exagerava intencionalmente, eu limito-me a narrar factos reais. Enviavam-nos constantemente matérias-primas muito caras e de que a nossa fábrica não necessitava. Assim, num contrato sem pés nem cabeça estabelecido entre a nossa fábrica e a Subsecretaria previa-se uma entrega mensal de 200 kg de ferro-manganés e 200 kg de ferro-silício. De nada serviram as múltiplas intervenções telefónicas e orais do director técnico, do controlador da Subsecretaria e de mim próprio, com o fim de anular o envio destas matérias tão caras e que tão necessárias eram para outras fábricas. O ferro-manganés e o ferro-silício continuaram a chegar até ao fim.

Para transportar material duma fábrica para outra eram necessárias autorizações e licenças especiais passadas pelo controlador da Subsecretaria, sem as quais nada podíamos fazer. E como se tratava duma colectividade constituída por umas trinta fábricas e como o Governo adoptava uma política de sabotagem em relação a estas colectividades (falarei, em seguida, do problema das colectivizações), as autorizações não eram concedidas.

A Subsecretaria preferia paralizar a produção, que estava oficialmente encarregada de impulsionar e coordenar, a colaborar honestamente com a colectividade.

Passo agora para o problema da corrente eléctrica (problema de importância capital), sem a qual também éramos obrigados a parar. Pois bem! A corrente eléctrica faltava precisamente às horas em que se tornava mais necessária, quer dizer, quando procedíamos ao trabalho de fundição.

Com uma longa interrupção da corrente, o conteúdo do forno eléctrico solidificava, o que tornava inutilizável e imobilizava a fábrica. Parece que estou a ver o meu colaborador, o director técnico (o antigo patrão), muito embaraçado num desses momentos, suplicando-me constantemente para telefonar para a Central Eléctrica.

A corrente faltava não só durante os alertas (isso era inevitável), mas também várias vezes durante o dia, e havia dias inteiros (ultimamente era muito frequente) em que faltava de todo.

É claro que estes incidentes serviam de pretexto para mais uma série de papelada. Todas as manhãs tínhamos que assinalar em três exemplares as interrupções de corrente da véspera (número, duração, etc.). Como vês, mais verificações, mais fichas, mais papelada, mas a corrente continuava a faltar.

Mais outra: a nossa colectividade tinha necessidade de certas máquinas que só podiam ser obtidas no estrangeiro. Tinha encarregado alguns representantes de procederem

a essas compras. Mas o governo, que não se sentia inclinado a favorecer a colectividade (A colectividade era CNT--UGT, mas a maioria dos operários e do Conselho de Empresa era da CNT), recusava os passaportes, dando como pretexto não haver divisas para semelhantes luxos. Em contrapartida, havia divisas para enviar múltiplas delegações ao estrangeiro, com o objectivo de escovar as botas a certos democratas milionários e puxar o lustro ao soalho das antecâmeras de Suas Excelências os Ministros de França e de Inglaterra, com o fim de conquistar a simpatia de Chamberlain — o objectivo central e impossível de toda a política da Frente Popular. E, é claro, as máquinas não foram compradas... Isto traduziu-se por mais uma perda para a colectividade e a impossibilidade de pôr em funcionamento algumas secções em várias fábricas. Uma perda também, evidentemente, para a indústria de guerra, mas para os senhores da Subsecretaria este pormenor não tinha grande importância.

Logo que uma peça esteja pronta, quer se trate dum zagalote, duma peça de máquina, dum tripé de metralhadora Hotchkiss ou duma granada, deve ser enviada ao destinatário, quer dizer, a uma outra fábrica que procederá ao seu acabamento, ou a um arsenal, por exemplo, e nunca deve, em princípio, ficar à espera que «se maduren los higos».

— *É claro! Acho isso tão simples que não precisas de nos explicar...*

— É simples para ti, continua o nosso amigo, mas não era assim tão simples para mim nem para os outros, na fábrica de Barcelona. Recebíamos, por exemplo, uma encomenda da «Subsecretaria», da Secção de Explosivos ou da Secção dos Blindados, para fazer com urgência, «urgentisimo», uma determinada quantidade de peças. Tinham que estar prontas, suponhamos, no prazo duma semana. Os operários correspondem com o seu esforço. As peças estão

prontas na data indicada. Mas é preciso vir buscá-las. (Trata-se de pequenas coisas, mas são as pequenas coisas que fazem as grandes, não é?). Pois bem, por vezes, apesar do «urgentisimo» passavam-se semanas, às vezes, um mês, e as peças à espera... Telefonava-se dezenas de vezes a dizer que as viessem buscar e recebia-se sempre a mesma resposta, a primeira palavra que um estrangeiro aprende em Espanha: mañana (amanhã)...

Em compensação, muitos camiões passavam pela fábrica inutilmente, muitas vezes apenas para nos cumprimentar. Não há dúvida que era muito amável e engraçado, mas era também mais alguma gasolina, tão preciosa, que se gastava. Também posso citar aquele caso dos dois motociclistas que percorreram uma centena de quilómetros para nos entregar «um documento de extrema importância» — uma simples factura que podia muito bem ser-nos enviada pelo correio.

— *Estás a brincar... Estás a dar relevo a pequenos factos que nem sempre têm uma importância decisiva. Não é vulgar encontrarmos a burocracia mais ou menos em todos os lados, sobretudo no período revolucionário, quando o aparelho, acabado de construir, não pode ainda funcionar normalmente?*

— Protesto — intervém Casanova — vê-se bem que não possuis, como eu, a experiência, mesmo modesta, deste género de trabalho, que me permitiu apreciar os factos de perto.

«Solo trabajando mucho, gañaremos la guerra», e «Trabajar 12 horas, 14, 18, 24 horas no es bastante para gañar la guerra!» [17], está muito certo. A guerra ganha-se traba-

---

[17] «Solo trabajando mucho, gañaremos la guerra». Só trabalhando muito, ganharemos a guerra. «Trabajar 12, 14, 18, 24 horas no es bastante para gañar la guerra» — segundo cartazes de propa-

lhando, se se fizerem, evidentemente, coisas úteis. O tempo é um factor de primeira ordem. Quanto a este burocratismo de que tenho falado, não somente atingiu proporções colossais, como não era combatido seriamente. Empregarei um termo um pouco grosseiro e que não me agrada muito, mas que reflecte bem a realidade, pelo menos no que respeita à administração catalã: estavam-se marimbando... «Es igual», «Está bien». Mas por detrás deste estar-se marimbando não se escondiam apenas a despreocupação e a cretinice, mas também a verdadeira sabotagem... e a autêntica 5.ª coluna. Nem sequer se pode comparar este burocratismo com o que existe, e existia, na Rússia nos primeiros anos da revolução.

Apenas um exemplo, para te mostrar a diferença de processos nas mesmas situações, na Rússia, em 1918-1919, em plena guerra civil, e em Espanha, em 1936-1939.

Em fins de Março no momento da ruptura da frente de Aragão, chega à fábrica onde eu trabalhava um representante da Subsecretaria com uma encomenda de picaretas. Eram precisas urgentemente, dado o avanço rápido dos fascistas, que tinham rompido a frente e avançavam vertiginosamente em direcção à Catalunha. A fábrica estava cheia de serviço, mas é claro que as peças que tinham sido encomendadas antes podiam esperar. Primeiro estavam as picaretas. Eram necessárias para abrir trincheiras e construir uma nova linha de resistência. Pois bem! Na Rússia, num caso semelhante (poderia citar alguns factos que me foram contados por um camarada que trabalhou precisamente na indústria de guerra, na Rússia, e, vinte anos mais tarde, em Espanha) vinha uma ordem militar: era preciso

---

ganda. O primeiro encontrávamo-lo em escritórios... onde ninguém se matava a trabalhar. O segundo era projectado em todos os cinemas e teatros de Barcelona.

que executassem a encomenda sob pena de serem até... liquidados.

Na minha fábrica, no ano da graça de 1938, as negociações iniciaram-se com conferências, seguidas de discussões sobre os preços, reuniões dos comités e abundante correspondência entre a fábrica e «La Subsecretaria», e as picaretas acabaram por não se fazer.

Se na Rússia também existia o burocratismo, ao menos havia uma mão firme, uma direcção consciente, centralizando tudo e que, apesar da sabotagem e de todos os obstáculos, impunha a sua vontade. Tudo isto faltava em Espanha, porque não havia uma unidade real (apesar de todas as belas tiradas sobre o assunto), *unidade que, aliás, nunca poderia ter sido construída sobre a base contraditória da Frente Popular.* Esta contradição manifestava-se a todo o instante, era evidente para quem tinha olhos na cara. A contradição era a seguinte: *dum lado, o proletariado, lutando pela sua libertação económica, do outro, os burgueses de esquerda e os seus lacaios, quer os que seguiam o rito estalinista quer o anarquista. Uns queriam ser senhores das fábricas, os outros queriam restabelecer a ordem... a ordem burguesa, na qual, generosamente, prometiam reformas aos operários. UNS, OS OPERÁRIOS, QUERIAM ACABAR COM O CAPITALISMO, OS OUTROS QUERIAM CONSERVÁ-LO.* Para ver esta contradição não era necessário nenhum microscópio, mas, para os cegos, nem um microscópio é suficiente.

Esta «ligeira» contradição, cuja demonstração foi considerada pelas avestruzes da Frente Popular o maior pecado do século XX, o trotsquismo, revelava-se em tudo, absolutamente tudo, pois não era acidental, acessória ocasional, mas sim a própria base da guerra civil de Espanha.

Revelava-se como pudemos constatar, na indústria de guerra, no exército republicano, em todos os aspectos da vida da Espanha governamental e, em primeiro lugar, na sua economia.

IX

O QUE SE PASSOU NO 19 DE JULHO?

É importante analisar com precisão esses acontecimentos pois o quadro que deles traçam os chefes estalinistas e reformistas da Frente Popular é falso.

Que vos foi dito em França diariamente, durante estes 30 meses, por *L'Humanité* * e *Le Populaire?* * Que existia em Espanha uma república democrática e um governo legítimo, que conduzia este belo país em direcção ao progresso e à felicidade. Mas, um dia, os generais perjuros revoltaram-se (é mais ou menos como a revolta dos demónios no céu, que engendrou o mal sobre a terra, facto de que a Igreja se serve para conciliar os dogmas da omnipotência de Deus e da sua infinita bondade). Estes agentes Alemães e Italianos mergulharam o país, que percorria o caminho florescente da democracia, na guerra civil assassina. Os espanhóis, apesar do seu temperamento impulsivo, estavam prontos a entender-se: a guerra foi-lhes imposta sobretudo pelo estrangeiro e pelos agentes de Hitler e Mussolini. Estes

---

* *L'Humanité,* jornal do PCF; *Le Populaire,* jornal da S.F.I.O. (Partido Socialista Francês).

é que romperam a união da nação espanhola que estava tão bem encaminhada, sobretudo depois das eleições vitoriosas da Frente Popular de Fevereiro de 1936. E, então, os generais ao serviço do estrangeiro revoltaram-se. Todos os democratas, os operários, os camponeses, os pequenos burgueses, mesmo os burgueses, que põem acima do seu interesse egoísta o interesse superior da democracia e da nação saem para a rua, dão o seu sangue pelo governo democrático, constitucional e legítimo de Espanha, e a 19 de Julho salvam-no duma situação embaraçosa. A segunda guerra de independência começa em Espanha. É uma guerra sobretudo nacional contra os países estrangeiros, a fim de proteger a integridade do Estado espanhol e das suas colónias e protectorados. Enfim, se bem que «a causa da Espanha fosse a causa de toda a humanidade progressista e avançada» [18] não havia em Espanha guerra civil, nem guerra de classe, mas somente uma guerra contra um invasor estrangeiro.

Tal concepção que achou a sua expressão completa nos treze pontos de Négrin que (não o esqueçamos) foram aprovados não só pelos estalinistas, mas também pelo representante da C. N. T. no governo, foi repetido *urbi et orbi* milhares de vezes. Tal concepção tinha, de resto, também, como fim ganhar o coração de Chamberlain.

Voltando à economia: segundo a imagem dos dirigentes da Frente Popular, ela foi, é claro, abalada pela revolta dos generais. Os operários e camponeses foram obrigados

---

[18] «A causa da Espanha é a causa de toda a Humanidade progressista e avançada». A grande frase de Estaline no seu telegrama a José Diaz em 1936. É a única frase e contestação... difícil que Estaline pronunciou desde há três anos sobre a Espanha. Realmente para ter perspectiva semelhante era preciso ser o chefe do proletariado e um titã do pensamento tal que a terra nunca vira.

a tomar algumas fábricas[19] e a trabalhar a terra, mas foi porque os proprietários fascistas e outros burgueses de cor indeterminada tinham fugido. Quanto a estes últimos, longe de serem fascistas, eram muito simplesmente burgueses, que fugindo, cometeram de resto um grande disparate resultante da sua incompreensão do carácter real do conflito espanhol também explicado nas teses de Dimitrov e José Diaz. É esta incompreensão e este malentendido que os inclinaram a emigrar quer para a zona fascista quer para o estrangeiro... Não havia pois nenhuma revolução em Espanha[20] (invenção dos trotsquistas que pelas suas teorias serviam o fascismo), mas unicamente a defesa do governo legítimo e dos direitos consagrados pela constituição e pelos códigos.

ñ havia revolução

Conheceis o quadro, pois deste-vos ao cuidado de ler diariamente a prosa da Frente Popular. Deixai-me agora explicar-vos a verdade.

Como marxista, creio que o proletariado não tem razão nenhuma em fechar os olhos. Deve olhar a realidade de frente, «cara a cara», como dizemos em espanhol. A superioridade do sistema marxista, materialista e científico, sobre todos os sistemas idealistas, consiste precisamente em que, sem preocupações sentimentais apriorísticas, ele parte da análise exacta da realidade económica e política, das contradições reais entre as classes, afim de indicar ao

---

19 Queria-se mesmo esconder da opinião democrática que os operários espanhóis tinham tomado nas mãos *todas* as fábricas importantes. Evidentemente que não se conseguia enganar os capitalistas «democratas» de França e Inglaterra que sabiam informar-se no próprio lugar, mas, em contrapartida, conseguia-se enganar o proletariado dos outros países.

20 A este respeito é sintomático o artigo dum empregado do Comité Regional da C. N. T., um tal Fortin, «Resposta a Styr-Nhair» publicado na *Revolução Proletária*, onde a miopia grotesca dum francês ressalta com uma clareza particular.

proletariado o caminho a seguir. Mas é verdade que não havia marxistas entre os doutores da Frente Popular. A minha análise do conflito espanhol parte da constatação da principal e essencial contradição da nossa época, a saber o conflito que opõe duas classes fundamentais da sociedade contemporânea: o Proletariado e a Burguesia. A burguesia existia e governava em Espanha antes do 19 de Julho durante o regime da Frente Popular depois da sua vitória eleitoral de Fevereiro como governava em França durante todos os governos da Frente Popular (e não se dava nada mal); como governava na Rússia com um governo duma outra Frente Popular, de Kerenski em 1917 antes que os «agentes alemães» Lenine e Trotski corressem com ela.

Mas a Espanha é um país atrasado. Talvez não tanto como a Rússia czarista, mas em muitos pontos de vista, assemelha-se-lhe.

A burguesia espanhola, o capital financeiro governam, pois, como governam neste momento na Lituânia agrícola e atrasada ou nas ilhas Filipinas. Mas a burguesia espanhola governa sem ter feito uma revolução burguesa, como tão bem fizeram os jacobinos em França, em 1789. A burguesia espanhola chegou ao poder no seguimento duma série de compromissos com o feudalismo. As castas reaccionárias, os proprietários das terras, a Igreja (poder económico e não somente moral e político em Espanha), a casta militar, uma burocracia muito poderosa, desempenham um papel de primeiro plano na vida do país e impedem-no de avançar na via do desenvolvimento capitalista. Acrescentemos a isto, como na Rússia czarista, o papel decisivo do capitalismo estrangeiro, sobretudo inglês e francês, que detém nas mãos as principais riquezas do país, de quem a burguesia espanhola é estipendiária.

Em suma: tal como a Rússia de 1917, a Espanha deparava-se com a revolução burguesa; ou seja, as tarefas urgentes que as necessidades objectivas do desenvolvimento do

país, impunham, eram a abolição de todos os restos de feudalismo, a repartição das terras pelos camponeses pobres, a supressão do poder da Igreja, da casta militar, da burocracia e também a libertação do país do domínio do capitalismo estrangeiro que, seja ele inglês, francês ou alemão, está precisamente interessado na manutenção da Espanha atrasada com todas as suas características da Idade Média.

Contudo (tal como na Rússia, de resto) em Espanha, esta revolução burguesa não pode ser consumada pela burguesia espanhola fraca e domesticada. A revolução burguesa só podia ser conduzida pelo jovem, mas muito combativo, proletariado espanhol. Mas, para acabar com os restos da Idade Média, o proletariado espanhol não podia ficar-se pela liquidação destes restos de feudalismo, mas tinha que acabar com o capitalismo, intimamente e indissociavelmente ligado aos proprietários das terras e à casta militar.

Em suma, para tirar a Espanha do seu sono mais que secular, o proletariado espanhol devia fazer a sua revolução proletária, estabelecer a ditadura do proletariado, e, orientando-se no sentido do apoio da revolução europeia, começar a construção dos Estados Unidos Socialistas da Europa.

Tal era o dilema que se punha à Espanha, não por alguns doutrinários teimosos, mas pelo desenvolvimento objectivo do país. Permanecer atrasada, como país semi-feudal, com a sua ignorância e esclavagismo, ou avançar audaciosamente para o socialismo. Tal era, tal é hoje ainda, a escolha trágica para este país onde se aplica precisamente a teoria da Revolução Permanente.

Esta teoria, da qual encontramos alguns embriões em Marx, e que foi magistralmente desenvolvida por Leon Trotski já em 1905 e em seguida também magistralmente aplicada conjuntamente por Lenine e Trotski, apesar das dife-

rentes vias teóricas que aí os levaram, ensina-nos que no período imperialista do capitalismo decadente, as revoluções burguesas democráticas no género da Revolução Francesa de 1978 são impossíveis. Cabe ao proletariado dos países atrasados tomar a direcção do movimento pela libertação destes países não só do feudalismo mas também do capitalismo.

A revolução política de Abril de 1931 não tinha resolvido nada. A história desta república de «trabajadores de todas clases»[21] é a história de convulsões permanentes. O rei foi-se embora, foi divertir-se para os cabarets das mais belas capitais europeias e disse às classes dominantes: «Desembaraçai-vos!» Não era fácil. A história desses cinco anos (1931-1936), é a história dos conluios permanentes dos militares, dos golpes de força reaccionários (Sanjurjo), das tentativas de amordaçar o proletariado com uma ditadura reaccionária sob a cobertura parlamentar (Gil Robles-Lerroux), por um lado, e, por outro, das lutas heróicas do proletariado espanhol, que tanto tomavam a forma de movimentos anarquistas, sem perspectivas, é verdade, mas que arrastavam camadas importantes do proletariado, sobretudo catalão, e de movimentos de massa que culminaram na gloriosa Comuna das Astúrias. É a história dos lock-outs, mas também das poderosas greves. É a história das insurreições camponesas, que tomavam a forma de uma *jacquerie* *. O país estava em desequilíbrio permanente. Os camponeses queriam a terra. A república de «trabajadores de todas clases» sob a presidência do Conse-

---

[21] «De trabajadores de todas clases» — de trabalhadores de todas as classes — é a fórmula da Constituição republicana espanhola.

* Revoltas desordenadas dos camponeses da Idade-Média. (N. do T.).

lho do Senhor Azaña respondia com balas. A bela República continuava a responder com balas aos camponeses andaluzes, mesmo quando o Senhor Azaña graças à vitória da Frente Popular, foi elevado à magistratura suprema, a da Presidência da República. Ela defendia os nobres e os marqueses e a sua vida de «señoritos». Os operários organizavam-se em fortes sindicatos, os patrões exigiam do poder medidas mais fortes. As perseguições contra as organizações proletárias foram tão fortes durante o Governo de Gil-Robles-Lerroux como nos piores anos da ditadura de Primo de Rivera, e foram até à repressão sangrenta da Comuna das Astúrias. A República protegia os generais da monarquia, garantia a sua situação, mas os generais não se sentiam seguros porque, por detrás da República, viam o proletariado. E eles responsabilizavam a República pelo perigo revolucionário. Fizeram-se leis formais sobre a separação da Igreja e do Estado. Descontentou-se assim o clero que se sentia ameaçado, mas não se tocou no seu poder real, no seu poder económico. Na realidade, a República protegia a Igreja, mas a Igreja guardava-lhe rancor pelas suas veleidades laicas. E assim de seguida sem fim. *Não se satisfazia ninguém, e descontentava-se toda a gente!*

Crescia o caos. Gil Robles, lúcido representante da burguesia espanhola, deu-se conta que com o parlamentarismo não havia nada a fazer. Alguns meses antes do golpe de força de Julho de 36, retirou-se do parlamento, batendo a porta. E era mais que um gesto. Era a ruptura da grande burguesia com a democracia.

Os cinco meses da Frente Popular de Fevereiro a Julho de 1936 foram meses de convulsões levadas até ao paroxismo. Os generais, a Igreja, a Banca, ajudados pelo capitalismo estrangeiro, preparavam o seu golpe. Os camponeses revoltavam-se. Os operários faziam greves e impacientavam-se. Mas os chefes da Frente Popular aconselhavam paciência, sempre paciência, e a confiança no

aparelho do governo legítimo que era necessário depurar. Cabia aos operários tomarem a iniciativa, mas eles estavam paralisados pela Frente Popular.

Semelhante freio não existia do outro lado da barricada. A reacção sentia o perigo da Revolução crescente.

Mola, Cabanellas, Franco, foram instrumentos de todas as classes reaccionárias. Eles conluiaram-se não só com Hitler e Mussolini, mas também com o capitalismo inglês. Hitler e Mussolini procuravm e procuram evidentemente posições estratégicas em Espanha. Eles serviram-se e servem-se de Franco por razões imperialistas. Nós compreendemo-lo tão bem como José Diaz e Alvarez del Vayo: mas isto é apenas um lado da guerra civil espanhola. E não é o essencial! Para o capitalismo internacional, tanto dos países fascistas como democráticos, o fim principal era e continua a ser esmagar «a peste vermelha», ou seja esmagar o proletariado, única maneira de garantir a continuidade da exploração capitalista num país em que a democracia burguesa não tinha nenhuma possibilidade real de subsistir. Daí toda a «não-intervenção», a unidade (real esta) do capitalismo internacional, democrático, inclusivamente. Este último podia decerto manobrar contra a sua corrente fascista em Espanha, fornecendo por vezes certas quantidades de armamento[22] à Espanha afim de prolongar a carnificina, mas não podia empenhar-se a fundo... e preservar a classe operária espanhola do fascismo.

Nós não negamos o papel dos agentes de Hitler e Mussolini no desencadeamento da guerra civil, mas daí a explicar a guerra somente pelas suas intrigas, vai a sua distância.

---

[22] Certos comerciantes de canhões forneciam armas aos dois lados. Como dizia Vespasiano: «Non elet» — «O dinheiro não tem cheiro».

Se Hitler e Mussolini puderam utilizar Franco (e não é certo de que, no futuro, sejam os únicos a utilizá-lo)[23] é porque havia na própria Espanha um conflito de peso: entre o fascismo e o proletariado. Não foi nos gabinetes que inventaram Franco: apoiaram-se nas forças reaccionárias que existiam no interior da própria Espanha. A teoria que explica o fascismo pela intervenção dos «agentes do estrangeiro» é tão ridícula como a teoria dos reaccionários que explicam todos os movimentos revolucionários em qualquer ponto do globo pelas «manobras dos agentes de Moscovo». É uma prova mais da baixeza e idiotia que atingiu os ideólogos do Comintern. A sublevação do 18 de Julho foi a tentativa de fazer retroceder a Espanha e estancá-la brutalmente no caminho do seu desenvolvimento.

O fascismo lançou-lhe um desafio. O proletariado respondeu a esse desafio. Não se ergueu para defender uma república podre que o explorava e que engendrou o fascismo. Ergueu-se para se libertar.

---

[23] Se Franco triunfar terá todo o interesse em mudar de amos. Do lado da Itália e da Alemanha ele terá dívidas. Em contra-partida uma aproximação com as democracias permitir-lhe-á passar a receber algo. Será difícil, porque Hitler e Mussolini tomaram as suas precauções. Mas não há precaução que valha face às relações de força em constante mudança. Nós não somos profetas. O mais provável é que Franco uma vez vitorioso tente jogar nos dois campos, como a Jugoslávia e a Checoslováquia.

X

HOUVE UMA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA EM ESPANHA?

Houve em Espanha uma revolução proletária? Vale a pena pôr a questão e responder-lhe.

Del Vayo, Dimitrov, Diaz, Marty e até certos «anarquistas», respondem que se trata duma invenção de certos excitados e dos trotsquistas.

Vejamos, no entanto, as coisas mais de perto. Peço pois aos membros dos partidos da segunda e terceira Internacional e da Internacional anarquista que me concedam um minuto de atenção — e vou deixar de lado os «excitados» que estão construindo a IV Internacional... Abri os vossos cartões de membros do partido. Nele vereis como é definido o objectivo revolucionário das vossas organizações. Os meios de produção devem passar para as mãos do proletariado, que deve ao mesmo tempo apoderar-se do poder político. Este objectivo revolucionário que é ao mesmo tempo a definição da revolução proletária, encontrá-lo-emos nos estatutos dos partidos que se chamam marxistas. Quanto aos anarquistas, eles colocam como objectivo da transformação revolucionária a supressão imediata, não somente do capitalismo, mas também do Estado.

Por conseguinte, segundo os marxistas, a revolução proletária é a apropriação dos meios de produção e do poder

político pela classe operária que deve tomar a forma da ditadura do proletariado.

Depois desta simples lembrança, voltemos à Espanha. Quando os generais e toda a canalha reaccionária levaram a cabo o seu golpe de força de 18 de Julho, os operários compreenderam instintivamente o sentido do golpe de Estado. Ergueram barricadas. Foi o proletariado, e só o proletariado, quem salvou a situação. O aparelho burguês passou na sua maioria para o lado dos fascistas.

Mas os operários não se precipitaram para as barricadas pelos lindos olhos da democracia burguesa. Passaram à revolução socialista. Nas grandes capitais e pequenas vilas, agarraram os burgueses e proprietários fundiários pelos colarinhos, e apoderaram-se dos seus bens. Qual foi a forma da colectivização, da socialização, da «construção do comunismo libertário numa só aldeia», é coisa de somenos importância. O principal é que o fenómeno se generalizou. Os operários apoderaram-se de todas as riquezas do país.

No que toca ao lado político da revolução: «começou» também realmente em Espanha em 1936; os operários criaram os seus organismos independentes do Estado burguês: as milícias com o seu *Comité Central das Milícias Antifascistas; as Patrulhas de Controle,* organismo autenticamente revolucionário, destinado a manter a ordem pública contra os atentados contra-revolucionários; as comissões operárias que existiam em todas as cidades, e que, independentemente da sua forma variegada, constituíam a única autoridade real durante os primeiros meses que se seguiram ao 19 de Julho. Existiam dois poderes. Um poder fantasma, o poder oficial republicano estatal. Um outro — esse real — o das comissões e organizações operárias. Muito embora este segundo poder nunca tivesse adquirido a forma coordenada, organizada e centralizada dos sovietes, dominava a vida do país durante os três primeiros meses até à formação

dos governos de coligação enquadrados por todos os partidos operários, e subsistia ainda até ao golpe de força contra-revolucionário de Maio de 1937. Consequentemente, a revolução operária tinha começado em Espanha nada mais nada menos, no domínio económico e político, em Julho de 1936.

Evidentemente, era preciso prossegui-la até ao fim. Era necessário destruir completamente o antigo aparelho estatal da burguesia e tudo o que dele restava. As comissões tinham que alargar a sua base e transformar-se em organismos democráticos do proletariado. Tinham que tomar o poder no país, centralizar a economia, nacionalizar os bancos, elaborar um plano económico e, sobre a base proletária revolucionária, conduzir a guerra contra o fascismo.

Mas a revolução social foi em seguida criminosamente estrangulada pelos chefes da Frente Popular, e também pelos dirigentes de todos os partidos operários que preferiram à via revolucionária, as pastas no governo e na Generalidade. Foi a aplicação da fórmula «primeiro ganhar a guerra, depois fazer a revolução» que conduziu como o tínhamos previsto já em 1936, à perda, primeiro da revolução, depois da guerra.

XI

OS ACONTECIMENTOS DE MAIO DE 1937

A dualidade de poder existia em Espanha, embora sob uma forma incompleta e parcial, nos meses que imediatamente se seguiram a 19 de Julho. O segundo poder, o poder operário embrionário, exprimia-se nas comissões operárias que se tinham criado em todas as cidades e nas mais pequenas aldeias da Espanha governamental. Estas comissões, no seio das quais se encontravam os representantes de todas as organizações proletárias, tomavam diversas formas; eram comissões de defesa que asseguravam a ordem pública por intermédio das Patrulhas de Contrôle e que administravam as aldeias e as cidades. Nas fábricas tinham-se formado as comissões de fábrica. Os transportes e toda a administração estatal encontravam-se sob o controle dos delegados sindicais. Nos barcos os marinheiros formavam os seus conselhos. As milícias eram organizadas desde início pelos partidos e pelos sindicatos. Por proposta do presidente Companys foi criado na Catalunha o Comité Central das Milícias Antifascistas. Formalmente, era um organismo da Generalidade; na realidade, no primeiro período, era o único poder efectivo na Catalunha. O governo da Generalidade era uma aparência tolerada porque as organizações operárias não tiveram a coragem de o liquidar.

No entanto, foi esta aparência do poder, a Generalidade, que suplantou o poder do povo e das comissões. Os chefes das organizações injectaram um sangue novo na instituição agonizante. Liquidou-se o Comité Central das Milícias Antifascistas e formou-se o ministério de coligação de Taradellas na Cataunha em fins de Setembro. Um mês depois os anarquistas entravam igualmente no governo central. A partir da formação dos governos de coligação a situação evoluiu na Espanha «governamental» no sentido do enfraquecimento do poder das comissões e do reforço do poder burguês central. As razões desta evolução reaccionária residem inteiramente na política dos partidos operários.

A palavra de ordem central do partido comunista espanhol e da sua filial catalã era: «Todo o poder ao governo!» A isto os comunistas acrescentavam «Más pan e menos comités!». (Mais pão e menos comissões!). Os estalinistas responsabilizavam as comissões, ou seja a revolução, por todas as dificuldades administrativas, pela falta de organização e pela desordem do abastecimento. No entanto, a supressão das comissões pelo partido de Comorera não fez senão aumentar as dificuldades. As comissões foram destruídas, mas o pão tornou-se cada vez mais raro. Na sua campanha pela destruição das comissões de defesa, das Patrulhas de Contrôle, dos conselhos de marinheiros, os comunistas foram firmemente apoiados pelos elementos burgueses e nacionalistas. Nesse trabalho contra-revolucionário na Catalunha, apoiavam-nos a «Esquerra catalana» (a Esquerda Catalã), o partido democrático burguês e a Estat Catala (Estado catalão), partido catalão nacionalista e separatista. Quanto aos anarquistas, seguiam na cauda do bloco estalino-burguês. Se a direcção da CNT mostrava resistências, era por causa da pressão da base ou seja dos operários anarquistas que queriam conservar as conquistas da revolução. Na Catalunha, a revolução foi levada mais longe do ponto de vista social que no resto da Espanha. Não é

para admirar que o conflito dos dois poderes tenha tomado ali formas mais agudas.

Os decretos da Generalidade da Catalunha só eram executados quando as organizações operárias e em primeiro lugar a CNT queriam. Por exemplo, depois de Novembro de 1936 as milícias tinham sido militarizadas e o Exército Popular tinha sido formado por decreto da Generalidade. Juridicamente as milícias dependiam somente do conselho de Defesa e do Estado Maior do governo central. Mas, de facto, dependiam dos organismos dirigentes dos partidos e sindicatos. Outro tanto se passava no domínio da ordem pública.

A dualidade do poder, fenómeno geral no início de cada revolução, só pode ser um período transitório. Um dos poderes antagonistas tem que desaparecer. Por razões ainda mais fortes a dualidade de poderes não podia subsistir num período de guerra civil contra o fascismo. A centralização do poder era inelutável e necessária. Segundo nós, bolchevique-leninistas, devia operar-se com base nas comissões operárias, generalizadas, democratizadas e coordenadas. Segundo os estalinistas e os republicanos devia operar-se com base na reconstituição da república burguesa.

É certo que alguns anarquistas imaginavam, que a concorrência de poderes pode manter-se indefinidamente. Não é isso a anarquia? Com efeito, a dualidade de poderes tem de comum com a anarquia, no sentido vulgar do termo, o facto de o conflito das competência entre os pretendentes ao poder não permitir a formação dum poder forte e centralizado. Mas esta «anarquia» ou melhor este desequilíbrio da sociedade leva sempre no curso da história das revoluções a um choque entre poderes concorrentes. A seguir a este choque sempre sangrento um impunha-se ao outro, e eliminava o seu concorrente. Foi este o sentido dos acontecimentos entre 3 e 6 de Maio, em Barcelona.

A ocupação da Central Telefónica pela guarda de assalto

não foi senão um pretexto da parte da coligação estalino--burguesa para desarmar o proletariado. Em consequência da moleza do POUM e sobretudo da direcção da CNT e da FAI e dos seus abandonos e capitulações sucessivas, os estalinstas e burgueses republicanos, que, nos primeiros meses, não ousavam sequer levantar cabelo, sentiram-se no início de Maio de 1937 suficientemente fortes para tentar o seu golpe baixo contra a revolução e os seus organismos.

A Central Telefónica, tal como outras instituições de utilidade pública, era gerida desde Julho por comissões de fábrica com representação das duas centrais sindicais UGT e CNT. Era a CNT que predominava na Catalunha. A ocupação da Central Telefónica pela guarda de assalto foi executada na sequência dum conluio urdido pelos estalinistas e republicanos sem que o governo catalão, a Generalidade, fosse posta ao corrente. Os ministros anarquistas ignoravam a decisão de ocupação da Central Telefónica.

Os operários cenetistas de Barcelona reagiram espontaneamente construindo barricadas. Eles compreendiam que queriam desarmá-los e arrancar-lhes as conquistas do 19 de Julho. O POUM juntou-se ao movimento. Todavia, a sua direcção esperava as decisões do Comité Regional da CNT. O movimento foi poderoso. Os operários revolucionários da CNT dominavam a cidade. A C. N. T. tinha nas mãos todos os instrumentos: o apoio da maioria do proletariado, armas em quantidade suficiente, os transportes, o que lhe permitia impedir a chegada das tropas de Valência. A província catalã seguia o movimento. A base da CNT apenas aguardava ordem do centro para passar ao ataque.

Do outro lado da barricada, em Barcelona, havia a polícia e os estalinistas, mas a polícia, em muitos locais, não se decidia a intervir, dada a sua inferioridade, e declarava-se neutra. Quanto aos estalinistas, se se sentiam suficientemente fortes para assassinar os militantes revolucionários isolados como Beronerie, Barbiéri e outros, também

não ousavam passar ao ataque. Aguardavam ajuda de Valência.

A situação designava a direcção da C. N. T. para desempenhar o papel de centro dirigente da insurreição proletária, mas a C. N. T. desempenhou o papel de agente do inimigo. Traiu o movimento, exortando os operários a não atacar, depois a abandonar as barricadas, e, deste modo, entregou o proletariado de Barcelona à reacção estalino-burguesa.

«Mas não não podíamos empenhar-nos a fundo na batalha; tal exigiria que chamássemos as nossas milícias da frente e, por conseguinte, teria favorecido Franco» — argumentavam os anarco-ministros. É sintomático que, tal argumento não existisse para a ala direita da Frente Popular, ou seja para os estalinistas e os burgueses. Estes últimos não tinham escrúpulos de enviar para Barcelona as tropas de que a frente necessitava.

Mas a CNT, para dominar a situação em Barcelona, na Catalunha e em Aragão, não tinha nenhuma necessidade de trazer milícias cenestistas da frente. Dispunha de forças suficientes na retaguarda. Os dirigentes cenetistas invocavam perigos imaginários, para justificar as suas traições. Pelo contrário, a liquidação do poder burguês, ou seja da Generalidade, e a passagem do poder para as mãos das Comissões de Defesa, espontaneamente criadas no decurso da luta, teria sido um terrível golpe vibrado em Franco. O triunfo da revolução proletária na Catalunha teria modificado de ponta a ponta a situação em toda a Espanha. Ele teria estimulado os operários de Madrid e de Valência que seguiriam o exemplo de Barcelona, teria centuplicado a energia e a combatividade do proletariado, teria tido repercussões na retaguarda franquista que despertaria, e teria tido repercussões para lá das fronteiras de Espanha, inclusivamente.

Garcia, Olivier e Frédérica Montseny preferiram a outra via. Seguiram a burguesia e os estalinistas. Não foram recompensados: três semanas depois, dispensavam--nos. Feito o trabalho, manda-se embora o negro. O governo de Largo Caballero foi substituído por «El Gobierno de la Victoria», do doutor Négrin. Os operários cenetistas foram desarmados. As patrulhas de Contrôle dissolvidas. As conquistas económicas do proletariado foram progressivamente eliminadas.

O esmagamento dos operários revolucionários de Barcelona abriu as vias à reacção estalino-burguesa e consequentemente a Franco.

XII

A ECONOMIA DA FRENTE POPULAR

Os operários tomaram as fábricas nas suas mãos. A revolução veio de baixo. De cima, ou seja das direcções dos partidos operários vieram apenas freios.

Os decretos do governo da Generalidade de Taredellas que diziam respeito às colectivizações, p. ex., foram apenas a consagração tardia dum estado de facto.

A economia na Espanha governamental reflectia as tendências contraditórias que dilaceravam o campo anti-fascista. Por um lado, as medidas de estatização, ou seja, a apropriação pelo Estado das fábricas e empresas «abandonadas», ou seja, das fábricas que os operários obrigaram os capitalistas a abandonar, por outro, as colectivizações que reflectiam a vontade dos operários gerirem a economia do país, mas eram sobretudo inspiradas pelos anarquistas que nelas viam o começo da realização das suas teorias sobre a união das comunas livres.

Estas colectividades apresentavam muitas vezes traços do socialismo pequeno-burguês: os operários apoderavam-se duma empresa e por vezes repartiam os lucros, inclusivé. Apesar desta falsa orientação, as colectivizações, no caso duma evolução revolucionária, podiam evidentemente servir como ponto de partida da economia socialista.

Apesar dos procedimentos da burocracia sindical que impediam o seu funcionamento democrático, os conselhos de empresa constituiam organismos proletários, saídos do 19 de Julho. Daí a luta constante do governo contra estes conselhos de empresa.

O governo da Frente Popular encontrava-se dividido entre as concepções capitalistas da economia, a concepção anarquista das comunas livres, e a concepção socialista. A orientação geral da Frente Popular indicava-lhe evidentemente a via da supressão das colectividades. Estas não cabiam no quadro da república democrática e constituiam um obstáculo à conquista do coração gélido de Chamberlain.

Há quatro meses o conselheiro da Generalidade, Vidiella, um dos dirigentes do P. S. U. C., declarou abertamente que era vergonhoso ver em Barcelona tantas inscrições deste género: *Colectividad, Industria Socializada*, etc.... Vidiella dizia que isto indispunha os visitantes estrangeiros, os ingleses, sobretudo, e impedia uma ajuda das democracias.

Simplesmente, apesar deste obstinado e terno namoro a Chamberlain, os chefes da Frente Popular não podiam levar às últimas consequências a supressão das colectividades. Não podiam romper com os operários sobretudo cenetistas, nem com os operários da UGT, os quais também não queriam a destruição das colectividades.

Em suma, os nossos democratas estavam entre dois fogos. Queriam estar de bem com Deus e o diabo. Era difícil. Era mesmo impossível. Mas, pela sua natureza de classe, estes pequeno-burgueses não podiam fazer mais do que tentar conciliar o inconciliável.

A política económica da Frente Popular é precisamente o reflexo desta contradição.

A história da colectividade onde eu trabalhava é sintomática a este respeito.

No mês de Janeiro de 1938, o governo decidiu tomar nas suas mãos esta colectividade, ou antes este aglomerado de colectividades que passou a depender do governo e se tornou uma empresa de Estado. Simplesmente, a experiência estatal durou apenas três meses. Havia conflitos constantes entre os representantes do governo e dos conselhos de fábrica, entre o sub-secretariado e o sindicato da C. N. T. A coisa não andava nem desandava. O governo decidiu no mês de Março anular o decreto sobre a estatização e tornamo-nos novamente uma colectividade e uma empresa independente que estabelecia contratos com o governo e era por ele controlada.

Este novo «período» que, para a nossa colectividade, começou no mês de Março de 1938 e que durou até ao fim, não foi de todo um período de colaboração pacífica entre o governo e o conselho de fábrica. Pelo contrário. Remeto-vos para tudo o que já disse ao falar da indústria de guerra.

Era uma guerra ora surda, ora aberta, que tomava diferentes formas, mas não parava. O governo exercia uma chantagem permanente. Tinha um revólver constantemente suspenso sobre a cabeça da colectividade: vivia-se sob a ameaça constante da nova medida de estatização! Uma vez o controlador da Generalidade quiz apresentar uma queixa contra a colectividade que devia arrastar obrigatoriamente a sua estatização, por causa dum erro de contabilidade de 800 pesetas...

Os comunistas eram naturalmente adeptos da passagem de toda a indústria de guerra para as mãos do Estado.

Era o leit-motiv de toda a sua propaganda: «A indústria de guerra e os transportes nas mãos do governo», mas era mais fácil de dizer, que de fazer.

Os operários não tinham confiança no Estado de Négrin, ou seja no Estado burguês. É evidente que a centralização de toda a indústria de guerra dos transportes

e da economia em geral era necessária segundo nós também, blocheviques-leninistas espanhóis, *mas ela não era realizável senão sob o poder proletário que se chama ditadura de proletariado...*

Mas os comunistas perdiam a paciência. Impeliam o governo a entrar na via das medidas enérgicas, ou seja das novas medidas de estatização. Para estes heróis do gangsterismo, tudo se reduz às medidas enérgicas e ditatoriais. Estes «marxistas» imaginavam que tudo se pode resolver por medidas administrativas e procedimentos de «governo forte». Assim eles pensavam que medidas fortes e ditatoriais podiam por ordem na indústria de guerra, que os decretos podiam suprimir a especulação florescente, etc. Isto explica-se, de resto. Não tinham eles «esmagado» o trotsquismo e assassinado Andrés Nin, o nosso Ervin Wolf, Moulin, etc., através de medidas policiais?

Simplesmente, é mais fácil executar um atentado e matar militantes operários que resolver um problema económico por decreto.

É certo que os comunistas se lembravam da Rússia e dos métodos ditatoriais que aí eram aplicados no curso da guerra civil. Simplesmente, esqueciam um pequeno pormenor, a saber, que *na Rússia os bolcheviques estabeleceram a ditadura do proletariado sob a égide de Lenine e Trotsqui, e não o regime da podre Frente Popular.*

Mas voltemos às colectividades.

Algumas semanas antes da derrocada, os comunistas conseguiram por fim levar a água ao seu moinho: um novo decreto do governo entregava ao Estado todas as indústrias que, mesmo que indirectamente, trabalhassem para a guerra, mas não houve tempo de o pôr em execução. Podemo-nos interrogar se poderia ter sido aplicado mesmo que a derrocada não se realizasse.

Nós, trotsquistas, somos adversários da teoria do «socialismo num só país» (é um dos nossos pecados capi-

tais). Mas por isso mesmo, estamos em melhores condições para compreendermos o ridículo das teorias e práticas do socialismo numa só aldeia e numa só fábrica ou numa só quinta.

Concretamente, as colectividades não podiam desenvolver-se e prosperar senão centralizadas, generalizadas, e com a ajuda constante do governo *proletário*. Mas, repita-se, isso não existia em Espanha.

A economia de Espanha governamental era então muito variegada: havia, a indústria estatal, tanto a do governo central, como a da Generalidade — e ainda por cima, guerreavam-se mutuamente — havia as colectividades que faziam também concorrência umas às outras, e, a par disso, o capitalismo privado que se reconstituia a pouco e pouco. É necessário acrescentar uma especulação florescente, o afluxo duma quantidade de aventureiros e comerciantes estrangeiros contra os quais a política da Frente Popular nada podia, a ruptura quase completa de trocas entre as cidades e o campo, pois o campesinato fechava-se na sua colectividade ou na sua pequena nesga de terra, não querendo vender porque da cidade apenas podia receber notas de banco cujo valor diminuia de dia para dia, retorno portanto à economia primitiva, etc.

Como o dinheiro só tinha valor nominal, todo o comércio se fazia com base na troca directa. Trocava-se azeite, quando havia, por arroz ou legumes, amêndoas por sabão, pão por tabaco e produtos alimentares por vestuário. Por ex.º, era impossível mandar pôr solas novas nos sapatos em Barcelona com notas do Banco de Espanha; em contrapartida, uns quilos de arroz ou... um quilo de açúcar, abririam todas as portas. Todos trocavam, todos traficavam *cada qual puxava a brasa à sua sardinha*. Cada indivíduo, cada empresa, cada quinta, cada colectividade, e também cada burocrata estava em guerra permanente com

o vizinho por razões de lana caprina... O resultado era fácil de prever: o caos não parava de crescer.

Todas as medidas «enérgicas» do governo não passavam de palavreado e não podiam ser outra coisa. É certo, combatia-se a especulação, por exemplo... prendendo as vendedeiras miseráveis que vendiam avelãs[24] demasiado caras, impunha-se por vezes também multas a um grande especulador. Mas era o risco do ofício e era mínimo. O especulador estava sempre protegido pelos seus amigos na polícia.

Denunciar um especulador era perigoso: não para o especulador, mas para a sua vítima.

De resto, toda a gente deixava correr o marfim. O sentido das responsabilidades desaparecia. A de indiferença generalizava-se. Vivia-se o dia a dia. Todos tinham a noção de que este caos não duraria muito e queriam aproveitar o momento. *O regime da Frente Popular não satisfazia ninguém; pelo contrário, indispunha toda a gente. Para uns, era demasiado vermelho, para os outros, demasiado pálido.*

— Nós compreendemos as contradições que dilaceravam a economia da Frente Popular, mas a economia fascista não se encontrava também dilacerada por correntes opostas, p. ex.°, a dos falangistas adeptos duma economia cooperativa e a dos reaccionários à moda antiga? Franco não sofria dos mesmos males que Negrin no domínio da economia? Porque pode ele «resistir» neste terreno melhor que Negrin?

— Erro profundo! A economia de Franco funcionava, de maneira geral (sou incapaz de dar mais pormenores),

---

[24] A Generalidade criou para isso um aparelho, e muitas pessoas, sobretudo do PSUC, perseguiam constantemente os «especuladores», quer dizer, as vendedeiras ambulantes.

tais). Mas por isso mesmo, estamos em melhores condições para compreendermos o ridículo das teorias e práticas do socialismo numa só aldeia e numa só fábrica ou numa só quinta.

Concretamente, as colectividades não podiam desenvolver-se e prosperar senão centralizadas, generalizadas, e com a ajuda constante do governo *proletário*. Mas, repita-se, isso não existia em Espanha.

A economia de Espanha governamental era então muito variegada: havia, a indústria estatal, tanto a do governo central, como a da Generalidade — e ainda por cima, guerreavam-se mutuamente — havia as colectividades que faziam também concorrência umas às outras, e, a par disso, o capitalismo privado que se reconstituia a pouco e pouco. É necessário acrescentar uma especulação florescente, o afluxo duma quantidade de aventureiros e comerciantes estrangeiros contra os quais a política da Frente Popular nada podia, a ruptura quase completa de trocas entre as cidades e o campo, pois o campesinato fechava-se na sua colectividade ou na sua pequena nesga de terra, não querendo vender porque da cidade apenas podia receber notas de banco cujo valor diminuia de dia para dia, retorno portanto à economia primitiva, etc.

Como o dinheiro só tinha valor nominal, todo o comércio se fazia com base na troca directa. Trocava-se azeite, quando havia, por arroz ou legumes, amêndoas por sabão, pão por tabaco e produtos alimentares por vestuário. Por ex.°, era impossível mandar pôr solas novas nos sapatos em Barcelona com notas do Banco de Espanha; em contrapartida, uns quilos de arroz ou... um quilo de açúcar, abririam todas as portas. Todos trocavam, todos traficavam *cada qual puxava a brasa à sua sardinha*. Cada indivíduo, cada empresa, cada quinta, cada colectividade, e também cada burocrata estava em guerra permanente com

o vizinho por razões de lana caprina... O resultado era fácil de prever: o caos não parava de crescer.

Todas as medidas «enérgicas» do governo não passavam de palavreado e não podiam ser outra coisa. É certo, combatia-se a especulação, por exemplo... prendendo as vendedeiras miseráveis que vendiam avelãs[24] demasiado caras, impunha-se por vezes também multas a um grande especulador. Mas era o risco do ofício e era mínimo. O especulador estava sempre protegido pelos seus amigos na polícia.

Denunciar um especulador era perigoso: não para o especulador, mas para a sua vítima.

De resto, toda a gente deixava correr o marfim. O sentido das responsabilidades desaparecia. A de indiferença generalizava-se. Vivia-se o dia a dia. Todos tinham a noção de que este caos não duraria muito e queriam aproveitar o momento. *O regime da Frente Popular não satisfazia ninguém; pelo contrário, indispunha toda a gente. Para uns, era demasiado vermelho, para os outros, demasiado pálido.*

— Nós compreendemos as contradições que dilaceravam a economia da Frente Popular, mas a economia fascista não se encontrava também dilacerada por correntes opostas, p. ex.º, a dos falangistas adeptos duma economia cooperativa e a dos reaccionários à moda antiga? Franco não sofria dos mesmos males que Negrin no domínio da economia? Porque pode ele «resistir» neste terreno melhor que Negrin?

— Erro profundo! A economia de Franco funcionava, de maneira geral (sou incapaz de dar mais pormenores),

---

[24] A Generalidade criou para isso um aparelho, e muitas pessoas, sobretudo do PSUC, perseguiam constantemente os «especuladores», quer dizer, as vendedeiras ambulantes.

como funciona a economia capitalista em qualquer país. Era organizada e regulada por leis que regulam esta economia capitalista, as leis do mercado livre e da livre concorrência.

Pelo contrário a economia de Negrin não era e não podia ser uma economia capitalista organizada, mas também não era uma economia socialista, quero dizer, a economia do período de transição e da ditadura do proletariado. Não era carne nem peixe. Era um contra-senso erigido em sistema.

Para compreender a sua impotência e a sua fraqueza congénita, não era preciso ser grande sábio. Bastava ser marxista. Infelizmente havia muito poucos na Península Ibérica.

Tal como no terreno militar ou ideológico, apenas poderíamos «resistir» opor-nos vitoriosamente ao fascismo no terreno económico, *se opuséssemos ao fascismo o socialismo e os métodos da ditadura do proletariado.*

Que os operários doutros países o não esqueçam.

Antes de terminar estas poucas palavras que devem dar aos operários franceses uma ideia sobre a economia de Espanha governamental, eu lembrarei um pequeno facto: toda a gente roubava, roubavam pura e simplesmente, e como mandam as regras da arte. Roubavam os funcionários bem colocados, roubavam os burocratas, os especuladores, mas roubavam também os pobres diabos, os simples operários; precisavam de comer e tinham que alimentar os seus filhos, e os salários apenas davam para comprar nabos e avelãs.

Até em algumas fábricas de guerra desapareciam regularmente o carvão, a madeira, mas também as gorduras, o óleo e por vezes até os metais que tinham algum valor. Não roubavam máquinas porque eram difíceis de transportar e utilizar.

— *E vocês ficavam de braços cruzados perante tais crimes?*

— Mais ou menos... Para combater esses crimes, era necessário abater a grande causa que estava na origem de tudo isso, toda a política utópica e podre da república democrática. Mas, precisamente, tal política era defendida pelos chefes todo-poderosos da Frente Popular.

De resto, denunciar um gatuno ou um espião nem sempre era possível, pois a quinta coluna estava bem protegida no aparelho. Uma vez na nossa fábrica, expulsaram um operário que nela trabalhava há 20 anos, porque tinha roubado um pote de óleo. Levava-o para fazer sabão. Só era digno de pena. Quanto aos verdadeiros gatunos, eles estavam bem protegidos pelo sistema da Frente Popular.

XIII

O ABASTECIMENTO

— *Disseste que os operários eram obrigados a traficar e por vezes até a roubar para alimentar os seus filhos. Queres-nos dizer qualquer coisa sobre o abastecimento e sobre a maneira como era resolvido pelo governo republicano? De súbito a imprensa começou a dizer que reinava a fome na Catalunha. Este problema tem a sua importância. Estás a esquecer que é necessário comer.*

— Não esqueço tal! Há oito dias, que não faço outra coisa e por vezes tento mesmo compreender a política de não-intervenção ao contemplar o pão branco e a boa cozinha francesa.

O problema do abastecimenot é um dos problemas centrais durante a guerra e também durante a guerra civil. Para viver, há que comer, quanto mais para defender uma trincheira ou para trabalhar. Um torneiro, um ajustador, mas sobretudo um ferreiro, um fundidor ou um servente de pedreiro não se alimentam com belos discursos. Não podem produzir se na barriga apenas tiverem nabos e avelãs. Observei isso de perto.

Não havia na Catalunha nem em Barcelona fome no verdadeiro sentido da palavra, como, por exemplo, na Rús-

sia em 1920. Mas havia uma sub-alimentação acentuada. Comia-se cada vez menos. Progressivamente, desaparecia a carne, as gorduras, as batatas, e, ultimamente, até os legumes estavam a desaparecer. Comiamos mas em quantidade cada vez mais reduzida, e sem gorduras.

Quanto ao pão, a ração era de 150 gramas por dia e por habitante. O peso médio dum barcelonês adulto diminuiu cerca de 20 quilos.

Mas nem o de todos os barceloneses. Para bem conhecer a política de abastecimento da Frente Popular, seria interessante e mesmo muito instrutivo comparar a baixa do peso médio por um lado dum especulador, burocrata bem colocado, polícia e mesmo carabineiro, com a dum operário de fábrica, mesmo de fábricas de guerra, por outro. Uma semelhante estatística não foi feita, mas aquele que viveu em Barcelona não me desmentirá quando eu disser que se a categoria A, ou seja os burocratas, os polícias, os guardas de assalto e em geral todos aqueles que faziam parte das forças repressivas do Estado aumentavam, por vezes, mantinham a sua gordura, ou, no pior dos casos perdiam alguns quilos de gordura inútil, pelo contrário, a categoria B, ou seja, os operários de Barcelona, perdeu em média 20 quilos de peso.

Na minha fábrica um operário morreu depois duma subalimentação que enfraqueceu o seu organismo e o tornou incapaz de «resistir».

A política alimentar da Frente Popular era o oposto do famoso preceito evangélico:

«Quem não trabalha, não come.»

Eram precisamente os que trabalhavam menos que comiam mais. Fazes ideia do efeito que isso produzia no espírito da rectaguarda, fazes ideia até que ponto isso desmoralizava os operários? O problema alimentar; só se falava disso em Barcelona. Não eram só as donas de casa, eram todos, mesmo os homens mais inclinados à filosofia...

A nossa preocupação era arranjar uma ração suplementar de arroz, de feijão, ou mais um bocado de pão. Os operários iam todos os domingos (e por vezes até durante a semana) para o campo à procura de víveres.

Nas fábricas, havia comissões especiais «de abastos» (de abastecimento) encarregadas de comprar víveres. Ultimamente, ao fim de seis dias de viagem, voltavam com abóboras (calabaza) e avelãs, e às vezes de mãos vazias.

É claro, a alimentação não abundava mais na Catalunha em 1938 porque os camponeses deixavam muitas terras por cultivar por razões interessantes a estudar, mas que deixo de lado, e também porque do estrangeiro vinham quantidades insuficientes de víveres.

Mas o principal, é que os produtos alimentares de que dispunham a Catalunha e a Espanha eram repartidos mais ou menos do mesmo modo que em qualquer outro país burguês. Só que era mais revoltante pois se passava em plena guerra fascista.

O operário espanhol não precisa de lições de dedicação e de sacrifício. Mostrou que sabe sacrificar-se até à última, só que troçavam dele a cada instante. O racionamento mesmo oficial estava organizado de modo oposto aos interesses do proletariado e, consequentemente, da guerra.

Longe de mim idealizar tudo o que se fazia na Rússia revolucionária, mesmo no período leninista de 1917-1923. Permito-me, no entanto, assinalar a diferença fundamental que existia também neste domínio entre a Rússia bolchevique e a Espanha da Frente Popular.

Na Rússia por exemplo, instituiram-se em 1918 as senhas de pão. Dividiu-se a população em quatro categorias, a primeira categoria eram os *manobras*, depois vinham os operários da indústria ligeira, depois as profissões liberais, e por fim os burgueses.

Em Espanha, segundo as regras de democracia formal, a ração era igual para todos. Se os operários da

fábrica de guerra recebiam uma ração de mais pão e por vezes de legumes, isso não era nada comparado com as rações nos subsecretariados por exemplo ou dos guardas de assalto. Quanto aos especuladores, não se arranjavam mal. Um exemplo vivo para ilustrar isso: o fundidor mencionado acima, que trabalhava na fábrica e dela foi expulso por roubar um pequeno pote de óleo, não vivia pior por isso. Começou a viajar pela província a fim de juntar víveres para os vender em seguida. A partir daí, começou a comer melhor do que quando exercia o duro ofício de fundidor.

Um tal exemplo não predispõe os operários a trabalhar.

Para resumir o problema do abastecimento, podemos constatar — conclui Casanova — que os contornos de classe ou antes as divisões de classes no interior da Frente Popular saltavam à vista nesse domínio como saltavam durante os dias do trágico êxodo quando uns fugiam em belos automóveis, enquanto os outros se viam reduzidos a andar a pé.

XIV

A ORDEM REPUBLICANA

— Nós compreendemos bem os efeitos nefastos da política económica e da política de abastecimento da Frente Popular, mas o sentimento de ter pela frente um inimigo comum, essa espada de Demócles suspensa sobre a cabeça do anti-fascismo, que se chamava Franco e que ameaçava varrer tudo, não aproximou as diferentes correntes? Perante o perigo que o ameaçava, o governo não tentou constituir uma verdadeira unidade de luta? A imprensa da Frente Popular apresentou o governo do doutor Negrin como um governo de União Nacional. A atitude do governo de Negrin era verdadeiramente democrática?

— Essa é para rir?! Mas faz bem em perguntar. Isso permite-me falar da repressão e da «ordem republicana», em geral.

Quanto à União Nacional, os operários franceses sabem do que se trata: Poincaré e Doumergue, o operário é enganado e o patrão é quem lucra. *A união entre o burguês e o proletariado é impossível.*

Como vê, sou incorrigível e repito várias vezes a mesma ideia, mas é uma ideia que seria necessário encaixar bem na cabeça de cada explorado.

No caso da União Nacional tipo Negrin havia, evidentemente, diferenças fundamentais em relação à de Poincaré. Socialmente, aquela estava suspensa no ar e o doutor estava sentado como se costuma dizer entre duas cadeiras, o que não quer dizer que entretanto ele não maltratasse o proletariado. Perseguisse, prendesse e frequentemente assassinasse os seus melhores militantes.

As experiências de Negrin e Comorera nesse domínio são já um pouco conhecidas no estrangeiro. O sangue de Andrès Nin, desse amigo do anarquismo que foi o professor Berneri, de Domingo Ascaso, dos nossos queridos Erwin Wolf, Moulin, de milhares de outros, manchou como nunca as mãos ensanguentadas dos estalinistas e daqueles que, tais Pôncio Pilatos, lavaram as mãos e deixaram correr.

Farei por resumir, com brevidade, como funcionava a polícia da Frente Popular e quais eram a orientação e o sentido das medidas repressivas do governo.

Como já explicámos, os acontecimentos de Maio de 1937 determinaram uma viagem na evolução da Espanha republicana. Maio de 1937 foi o desarmamento do proletariado, a destruição de todos os organismos independentes da classe operária, das Patrulhas de Contrôle.

As Patrulhas de Contrôle foram um autêntico organismo da classe operária nascido do calor das jornadas quentes de Julho de 1936. Eram destacamentos operários controlados pelas organizações proletárias encarregadas da manutenção da ordem pública. No início, nas patrulhas de contrôle estavam representados todos os partidos anti-fascistas, incluindo os comunistas e o PSUC. Conformemente à política geral da Frente Popular, estes últimos retiraram-se voluntariamente das Patrulhas de Contrôle e a partir daí passaram a lutar pela sua dissolução. Na sua maioria, eram compostas por membros da CNT-FAI. O POUM também fazia parte. Se podemos criticar muitos defeitos desses

organismos (moleza, descentralização que resultava da organização anarquista) devemos todavia constatar que constituiam um embrião e um elemento do poder proletário. Era em todo o caso um organismo anti-fascista cem por cento seguro. Foi destruído pelos chefes «realistas» da Frente Popular e substituído pela polícia burguesa, que tinha sido reconstituída graças aos esforços conjugados de republicanos, socialistas, estalinistas e também chefes anarquistas.

A reconstrução do «poder forte» burguês (na realidade, apenas foi forte contra o proletariado revolucionário) não serviu evidentemente senão aos fascistas e aos verdadeiros agentes da quinta coluna.

Doravante, cada qual podia ser preso em Barcelona como espião e suspeito, salvo os verdadeiros agentes de Franco e os autênticos espiões. Isso parece um paradoxo; no entanto, era assim.

A repressão que se seguiu *a Maio de 1937 tinha um sentido de classe nítido.* Eram os girondinos e por detrás deles os elementos pura e simplesmente reaccionários, que erguiam a cabeça. Vingavam-se contra os operários revolucionários e os combatentes do 19 de Julho. Vingavam-se contra os membros das Patrulhas de Contrôle, contra as malditas comissões, nascidas durante os primeiros dias de luta. *Eram os burgueses que erguiam a cabeça.* Escondiam-se, é verdade, atrás do anti-trosquismo, mas isso não mudava nada ao fundo da questão. Apenas o confirmava. Um exemplo entre mil para ilustrar *o carácter de classe* de repressão que se seguiu a *Maio de 1937.*

Na primeira metade de Agosto de 1937 fuzilou-se em Lérida o comissário político do POUM *Mena.*

Quem era Mena? Um militante e combatente do proletariado, no melhor sentido de palavra. Não poderei fazer a sua biografia, pois não disponho dos dados suficientes. Mas tive a honra de o conhecer em Fevereiro de 1937,

quando me mostrou o castelo de Lérida. Vejo os seus olhos cheios de fogo e vejo essa cena inesquecível quando ele me fez entrar numa sala dessa fortaleza, dizendo-me: «Nas primeiras semanas depois de Julho fechei aqui todos os fascistas e burgueses de Lérida. Eram obrigados a fazer o que eu lhes ordenava. Se algum murmurava já sabia o que o esperava.» E indicava-me o seu revólver. Depois, por gestos, reconstituiu os momentos em que os honrados burgueses de Lérida detidos, eram obrigados a fazer bicha com as suas malgas. Quando Mena contava isso, os seus olhos reflectiam ainda a satisfação: era a de um operário que tinha sido sempre perseguido, que tinha passado pelas prisões e emigração, que tinha agora nas suas mãos os pançudos de Lérida!

Ele foi um dos primeiros comissários políticos da Espanha revolucionária. Foi um dos primeiros a entrar no castelo de Lérida a 19 de Julho. E não era assim tão fácil. No castelo, havia militares sublevados. Mena, à cabeça dos operários, lançou-se ao ataque da fortaleza. Primeiro com uma espingarda, a seguir com uma metralhadora, subiu os degraus que o conduziam à torre. Limpou a escada. Depois de Julho, como comissário político da fortaleza de Lérida defendeu sempre os interesses dos soldados. Este combatente sabia odiar. Compreende-se que também fosse odiado e que os seus inimigos só estivessem à espera duma oportunidade para se vingarem.

Não conheço as circunstâncias do seu assassinato. Os camaradas do POUM que o conheciam, sobretudo os de Lérida, contarão um dia esse episódio em pormenor. Soube no mês de Agosto na frente, nos arredores de Quinto, que tinha sido executado no mesmo castelo. E soube-o ao ler «*El Noticiero Universal*». Eis mais ou menos como o jornal republicano narrava, nos casos do dia, a execução de Mena: «*Depois do julgamento, quando soube o veredito, Mena pediu para ser enviado para a frente para aí poder morrer*

com uma bala fascista. Para dar força ao seu pedido, salientou o facto de ter sido o primeiro a ter a honra de apresentar o título de comissário político depois de Julho.»

Eis o texto do «Noticiero». Mena foi pura e simplesmente assassinado pela coligação dos estalinistas e burgueses de Lérida.

Quando passei novamente por Lérida em Dezembro de 1937, falei com os operários àcerca do destino de Mena que, seis meses antes, tinha sido meu guia no castelo. Os operários de Lérida não o tinham esquecido. Explicaram o seu assassinato sobretudo pelo facto de ele endossar a defesa dos soldados contra os oficiais «republicanos». Um militante da CNT, que antes era seu inimigo e concorrente político na localidade disse-me: *Era un verdadero luchador!»* (era um verdadeiro lutador!).

Quanto nos lembramos dos combatentes como Mena temos por vezes vergonha de não termos sido mortos com eles. É verdade que nos resta a tarefa sagrada de os vingar. Se lembrei o destino de Mena[25], não foi somente para animar a lembrança deste herói do proletariado, mas sobretudo para servir a causa pela qual Mena subia os degraus do castelo em Julho, e pela qual um ano depois foi assassinado. Essa causa, a causa da revolução proletária mundial, exige que se saibe no estrangeiro quais foram as vítimas da repressão estalino-burguesa de Maio. Multiplicai Mena por cem, por mil e por vários milhares, pondo no seu lugar um militante da CNT ou da FAI e compreendereis *contra quem era dirigida* a repressão que se seguiu a Maio.

---

[25] Mena é conhecido por muitos camaradas franceses, sobretudo do PSOP, porque tendo emigrado a seguir a Outubro de 34, passou algum tempo em França na região parisiense.

Depois de Maio, o POUM foi ilegalizado. Quanto à CNT e sobretudo à FAI e às Juventudes Libertárias, foram sistematicamente atacadas e perseguidas. Muitos dos seus militantes cobardemente assassinados e outros presos. Segundo carta do secretário do Comité Regional da C. N. T., Domenec, dirigida a sua Excelência o Presidente da República Azaña, por volta do mês de Novembro de 1937, redigida num tom mole e choraminga, que lembra estranhamente a petição endereçada pelos operários ao czar, quando se dirigiam com Gapone ao Palácio de Inverno, havia tantos prisioneiros anti-fascistas como no tempo de Gil Robles. É difícil admitir que Domenec, que era tão paciente e tinha o hábito de contemplar tranquilamente enquanto chicoteavam a sua organização, estivesse a exagerar. Este anarquista dizia a verdade e implorava a compreensão e a graça do Senhor Azaña ou seja da burguesia.

«Nem rir, nem chorar, mas compreender.» O terrível «anarquista», ex-conselheiro da Generalidade e secretário do Comité Regional da C. N. T. estava grandemente embaraçado.

Este ex-ministro não se contentava em ficar «ex», queria tornar-se ministro. Os poucos meses durante os quais este «anti-estatista» pôde usufruir duma pasta não passaram sem deixar traços. Imbuído duma ideologia pequeno-burguesa, impunha-se-lhe «o realismo» necessário dum homem que tem responsabilidades e dum ministro que não pode mais contentar-se em fazer discursos demagógicos, mas que deve servir activamente o capital.

«A unidade e as «razões de Estado» partilhadas também pela C. N. T. exigiam que se «encaixasse» e que se deixasse perseguir impunemente os membros da organização. Mas por outro lado, Domenec recebia diariamente comunicados de diferentes localidades sobre a prisão dos militantes. Estes militantes libertários eram incorrigíveis: queriam

simplesmente a liberdade e refilavam só porque estavam presos há alguns meses [26].

A perseguição do governo ou seja da coligação estalino-burguesa contra a CNT, também tinha o seu método. O objectivo dessa perseguição sistemática, como sempre acontece em casos semelhantes, era domesticar a CNT e amansá-la. Neste método educativo os pontapés alternavam com os cumprimentos. Negrin, Companys e mesmo Comorera tinham a noção de que, sem a CNT (uma organização de massa que tinha com ela a maioria esmagadora do proletariado catalão e a elite dos elementos combativos), a guerra anti-fascista era impossível. Isso não quer dizer que quisessem e trabalhassem por uma colaboração honesta com a central sindical revolucionária de Espanha. Uma colaboração franca e leal era impossível a Negrin-Comorera pela sua orientação geral: conquistar o coração de Chamberlain e do capitalismo «democrático». Ora, ao lado dum embaixador de Inglaterra, a CNT fazia má figura. Mas avançar a fundo contra a CNT ou o POUM, era impossível, era provocar a derrocada imediata. Os estalinistas tentaram marchar por esta via, e a G. P. U. tinha já no bolso um processo contra CNT em que acusava esta de colaboração com a quinta coluna.

Por volta de Agosto-Setembro de 1937, meses em que o gangsterismo estalinista atingiu o seu apogeu na Catalunha, apareceu um comunicado do Buro Político do Partido Comunista no qual se dizia que «certos elementos

---

[26] Num comício da C. N. T. em Barcelona na sala Olímpia, Mariano Vasquez, secretário nacional da C. N. T., foi acolhido aos gritos: «Liberdade para os presos!», que o impediram de falar durante uns bons momentos mas o «anarquista» fez ouvidos de mercador e não disse palavra sobre a ninharia das prisões republicanas.

extremistas» de concerto com a quinta coluna preparavam outros movimentos no género de Maio. Era depois da dissolução do POUM. Tratava-se agora da CNT. Uma polémica seguida de troca de cartas entre a CNT e o Partido Comunista foi publicada na imprensa da época.

Mas o Partido Comunista parou a meio caminho. Portanto, não se ilegalizou a CNT como o POUM, mas escarrou-se-lhe na cara todos os santos dias. A direcção do CNT dizia: «Obrigado», por vezes tirava o lenço e deixava correr algumas lágrimas, invocando a justiça e os serviços prestados no passado à causa anti-fascista («fomos nós que saímos no 19 de Julho»), e também os serviços prestados à burguesia no mês de Maio de 1937 com a traição e o seu «Alto el fuego!». Mas a gratidão raramente funciona na vida e ainda menos nessa «suja» política. O facto da CNT «encaixar» tudo com uma tal bonomia apenas incitava o duo Negrin-Comorera a continuar os seus amigáveis movimentos de pés contra a CNT.

Quanto à base do CNT, o Comité Nacional e Regional queria insuflar-lhe paciência lembrando-lhe que: 1) Há a guerra, por isso temos que suportar tudo. Para muitos isto significava: «Primeiro ganhar a guerra e depois sair da prisão»; 2) O reino de Deus não é deste mundo ou seja: nós vivemos numa atmosfera suja rodeados de políticos. No paraíso do comunismo libertário seremos recompensados; 3) Tal foi sempre o destino dos anarquistas: sofrer, serem perseguidos e apodrecer na prisão. Era impressionante, romanesco, mas nem sempre convencia os prisioneiros.

O governo perseguia os elemento revolucionários da CNT, a sua ala de esquerda «Los amigos de Durruti», os elementos revolucionários das Juventudes Libertárias e da FAI. Prendia também de tempos a tempos alguns reformistas dos comités de direcção, para aprenderem o que é a vida. Estes últimos saíam da prisão depois de alguns

meses de cura, mais dóceis que quando tinham entrado. Ao mesmo tempo, os dirigentes comunistas e republicanos falavam de «unidade» e por vezes até abraçavam ternamente os representantes da CNT nos comícios públicos, cujo objectivo era provar às massas que uma perfeita harmonia reinava entre as duas centrais sindicais e que um ambiente ameno reinava no matrimónio. O método educativo de Negrin-Comorera serviu para alguma coisa. A direcção da CNT tornou-se mais dócil, aprendeu a dominar os seus impulsos a tal ponto que no mês de Abril, já podiam oferecer-lhe uma nova pasta, porque estavam seguros de que não constituiria um obstáculo à política reaccionária do governo. Doravante, aprovou tudo sem murmurar e entrou como parte integrante na Frente Popular.

Esta perseguição do governo de Négrin traduziu-se não somente pelos assassinatos e prisões, mas também pelo fecho das instalações sindicais, pelas requisições, por uma censura que não deixava passar nenhuma crítica, mesmo ligeira, e sobretudo as que podiam ser desagradáveis aos representantes diplomáticos da França e de Inglaterra, no caso de estes se dessem, ao trabalho de ler a prosa da Frente Popular.

Eu disse que a direcção do CNT aplicava a doutrina da não-resistência ao mal, oferecia a face direita quando lhe esbofeteavam a esquerda. Mas não queria ser mal compreendido. Essa moleza, a direcção da CNT, como de resto os estalinistas e os reformistas em geral, mostrava-a nas suas relações com a burguesia de esquerda, com o governo. Em contrapartida, quando se tratava de combater os revolucionários, enchia-se logo de energia juvenil. É natural, faz parte da ordem das coisas. Os reformistas estão sempre de joelhos perante o capital, mas em contrapartida mostram-se muito decididos, contra os revolucionários quando estes últimos dizem a verdade e denunciam os seus crimes.

Assim o Comité Regional, apesar da sua ultra-democracia anarquista que gostava de opôr aos métodos bolchevistas de organização, decidiu excluir da CNT (uma organização sindical), à boa maneira americana, ou seja em 24 horas, todos os membros dos «Amigos de Durruti», velhos militantes que tinham arriscado várias vezes a sua vida pela CNT e pela FAI porque diziam algumas verdades sobre a traição da direcção do CNT e dos «ministros anti-estatistas» como Gracia Oliver durante as jornadas de Maio.

Não foi por culpa de Mariano Vasquez nem de Domenec[27] que a medida de expulsão, a seguir, não foi integralmente aplicada, mas pela existência duma ala revolucionária na CNT: a base da CNT odiava literalmente a direcção anarquista. E não era só a base: até os quadros médios falavam com desprezo da «Casa Grande» (a sede do Comité Regional).

Contra a perseguição ao POUM, a direcção da CNT reagiu molemente. Os seus arrependimentos tardios, como por exemplo o de Santillan[28] em nada alteram o facto de ter assistido passivamente aos actos dos estalinistas e ao seu gangsterismo.

Quanto a nós, bolcheviques-leninistas espanhóis, podemos lembrar que quando o representante do nosso grupo espanhol se dirigiu ao Comité Regional a fim de tentar obter uma intervenção a favor dos nossos prisioneiros, no melhor dos casos apresentavam-lhe as condolências, noutros casos mostravam-se surpreendidos com os nossos esforços porque os nossos camaradas nessa altura não estavam na prisão há mais do que alguns meses.

---

27 O primeiro secretário do Comité Nacional e segundo do Comité Regional da C. N. T. na Catalunha.

28 No seu livro: «*Guerra y Revolucion en España*», Santillan «deplora» que a C. N. T. tenha permitido a perseguição estalinista contra o POUM.

Para chegarmos à verdade, é necessário lembrar que junto de alguns burgueses de esquerda encontrámos mais compreensão.

Como já o dissemos, a direcção da CNT não só deixava que se perseguisse os bolcheviques-leninistas e poumistas, em suma «os politiqueiros», mas também os seus próprios militantes.

Assim, quando Berneri foi assassinado, foi preciso uma forte pressão da base para que *Solidaridad Obrera* publicasse uma nota sobre o seu assassinato. Até Aurelio Fernandes, um dirigente anarquista ministerial, chefe da polícia catalã de Julho a Maio, passou vários meses na prisão sem que a direcção da CNT emitisse um protesto sério. Que podia pois fazer a direcção da CNT quando prendiam um militante de base, que por vezes tinha chegado a criticar essa direcção?

Os dirigentes da CNT estavam de resto mais tranquilos quando vários membros da sua organização, sobretudo estrangeiros da oposição, ficavam na prisão de Modelo e não na de Via Durruti, no local do Comité Regional.

O argumento central da direcção da CNT com que se pretendia justificar esta não-resistência ao mal, era o mesmo que o dos estalinistas e da Frente Popular no seu conjunto: «É preciso ganhar primeiro a guerra».

Para ganhar a guerra temos que andar a quatro patas face ao capitalismo estrangeiro, curvarmo-nos perante os sapatos dos burgueses democráticos, e limpar-lhes os sapatos, deixar destruir sistematicamete todas as conquistas de Julho e, entre outras coisas, deixar na prisão os militantes operários. Isto dava evidentemente coragem aos operários para «resistir».

Quando fui detido durante as jornadas de Maio, conheci um jovem de 17 anos, quase uma criança, membro das Juventudes Libertárias. Tinham-no preso durante as jornadas de Maio, e tinham encontrado umas bombas nos

seus bolsos. Ele tinha medo que o fuzilassem e passava o tempo a chamar pela mãe. Depois da sua captura, esteve vários meses na prisão.

Encontrei-o um ano depois nas Ramblas. O meu companheiro tinha um ar alegre. Tinha obtido dos seus pais a autorização de se apresentar como voluntário para a frente. Terá este jovem combatente de Maio sido em seguida morto pelas balas fascistas? Não faço ideia. Em todo o caso, apesar das perseguições do duo Négrin-Comorera, ele sabia qual era o dever dum proletário face ao fascismo; apesar da repressão da Frente Popular, ele não se deixava guiar por qualquer rancor, e mesmo débil no domínio das generalizações sociológicas, ele compreendia e sobretudo ressentia que independentemente do carácter reaccionário de Negrin, era preciso lutar de armas na mão contra Franco [29].

Mas a maioria esmagadora dos operários catalães e espanhóis não reagia e não podia reagir como o meu jovem amigo, que tinha começado a sua carreira revolucionária nas barricadas de Maio «com bombas de mano» (com bombas de mão).

A repressão contra o proletariado da parte do governo da Frente Popular destruia sistematicamente a moral da rectaguarda, e falava-se tanto da necessidade de manter a moral da rectaguarda, da necessidade de fazer renascer o entusiasmo do 19 de Julho!

---

[29] Como exemplo duma atitude oposta, permito-me recordar os propósitos que me expuseram alguns «esquerdistas» que os ignorantes confundiam por vezes com a IV Internacional: «Vale a pena ir para a frente de batalha e arriscar a vida por uma República democrática de Caballero ou Négrin?». Este «esquerdismo» mascarava muitas vezes a cobardia pura e simples. Entre estes «esquerdistas» e nós há um abismo.

Solidaridad Obrera publicava quase todos os dias artigos pedindo aos operários para conservarem o mesmo entusiasmo e a mesma heroicidade do 19 de Julho. Esses artigos invocavam sempre «o espírito do 19 de Julho». Os idealistas ingénuos e sentimentais que redigiam esses artigos não se davam conta do ridículo dos seus apelos. Não sabiam que para haver um espírito, tem que existir um corpo. Para reconstituir o entusiasmo do 19 de Julho, era necessário reconstituir a relação de forças e a situação do 19 de Julho, ou seja a situação na qual o proletariado se sentia senhor. Quem pode combater com entusiasmo o inimigo fascista na frente se não sabe se vai passar os dias de licença (pelos quais um miliciano ansiava sempre) nas prisões republicanas, como suspeito ou como trotsquista? Pode-se combater com a tenacidade e o espírito de sacrifício necessários, quando se tem um irmão, um primo, anti-fascista comprovado na prisão, ou quando se acaba de sair da prisão? Poucos homens são capazes de reagir como reagia o meu amigo, o jovem libertário acima referido.

Ainda parece que estou a ouvir afirmações destas, que podíamos escutar em todo o lado e que eram reflexo da moral da classe operária! Esses propósitos lançam um pouco mais de luz sobre as razões que determinaram o facto de Barcelona ter sido cedida sem resistência e da cidade das barricadas ter tombado sem barricadas. «Ora, agora, quando começar o barulho, ficarei descansado em casa! Os da alta que venham para a rua!» dizia o ex-combatente das barricadas do 19 de Julho.

A palavra o doutor Negrin: «resistir» [30] era pretexto para graças e anedotas, não só dos fascistas e da quinta

---

[30] «Resistir». Chamava-se por exemplo às avelãs os «comprimidos do doutor Négrin para resistir». As avelãs eram um dos raros alimentos que ainda se encontrava em Barcelona no Outono de 1938.

coluna, de que os comunistas tanto falaram, ao mesmo tempo que lhes facilitavam a tarefa, mas também dos bravos operários. «Ai eu é que tenho que «resistir» quando os outros passam a vida a fazer pouco de mim?» Quando os outros têm boas cores, andam bem tratados e rosados como meninos ou bébés, enquanto eu aperto mais o cinto em cada dia que passa?

«Então eu tenho que resistir, quando um ex-membro da Ceda, fascista mal disfarçado, manda mais que eu, que estive no assalto de Altarazanas ou outro quartel, no 19 de Julho? Então eu tenho que «resistir» quando os meus camaradas continuam na prisão, prisão republicana, verdade seja dita? No fundo eu fui sempre um explorado. O operário foi sempre enganado quer por Negrin quer por Franco, etc. Eu é que sou sempre amordaçado! Negrin e Comorera que «resistam» um bocado!»

Até quando liam os apelos da CNT-FAI assinados por Garcia Oliver ou Vasquez pedindo aos operários que se deixassem matar no local de preferência a deixar o inimigo avançar, apelos em que pediam aos operários «todo o sangue», os militantes da ONT riam-se. Que dizer então dos operários de base?

«Todo o sangue», isto é textual. Os autores desses apelos, apesar das boas intenções que não podemos deixar de aprovar, imaginavam que o operário está sempre pronto a dar sangue, mais facilmente do que uma vaca dá leite. Eles não contavam que para que o operário dê «todo o sangue», tem que estar convencido, e firmemente convencido, de que luta para libertar os seus irmãos. Talvez seja pena, ex-ministro Garcia Oliver, mas o operário não é uma torneira que se abre sempre que se quer para fazer correr o líquido encarnado. Para levar os operários a fazer sacrifícios, é necessário uma política revolucionária. Sim, *política*, mesmo que essa palavra vos encha de horror. A espontaneidade do 19 de Julho apenas se reproduz em situações

excepcionais e para a conservar é necessário mais que apelos ao entusiasmo. «Resistir», mas com que perspectiva? Ser senhor das fábricas, instaurar um regime sem explorados? Não, isso seria trotsquismo criminoso. «Resistir» pediam Negrin e Comorera aos operários de Barcelona, para ter, em vez duma prisão franquista, uma prisão republicana, que funcionasse segundo todos os preceitos do código penal e do regime penitenciário. «Resistir» para que o governo legal, a Constituição, os tratados fossem respeitados. «Resistir» com a esperança de um dia o frio coração de Chamberlain se comover e acorrer em nossa ajuda!

As afirmações que citei acima não foram inventadas por mim, ouvi-as na minha fábrica, eram pronunciadas pelos operários que estavam nas barricadas do 19 de Julho.

Em resumo, podemos chegar à mesma conclusão que na nossa análise da Frente Popular noutros domínios.

Sem dúvida, Negrin-Comorera e a sua Frente Popular mais a sua política de «ordem republicana», trabalhavam para o fascismo.

Apesar das futilidades, das lisonjas e das baixezas da Frente Popular, M. Chamberlain manteve-se sempre frio. Apesar da repressão, que assegurava que «a ordem reinava em Barcelona», para esse gentleman a Espanha «governamental» continuava mal governada e os republicanos eram uns «vermelhos».

«Mas vejamos, não há comunistas no governo, e se os há, não são mais que dois, e não são maus tipos, são bons patriotas. Até há um católico no governo. Já se celebra missa em Barcelona. De momento só para os Bascos, mas em breve as igrejas funcionarão normalmente. Escute as emissões dos postos de Espanha governamental, Mr. Chamberlain, já não se ouve a Internacional, apenas se ouvem hinos patrióticos como os que se cantam no seu país. Não, Mr. Chamberlain, nós não somos «vermelhos»! Até trememos só de pensarmos em ter semelhante cor! Se cometemos

algum excesso depois de 19 de Julho, não foi por nossa culpa! Logo que pudemos, metemos esses anarquistas e esses poumistas na prisão. Se pecámos, perdoe-nos, compreenda-nos e corra em nosso auxílio!»

Mas mais uma vez em vão! Este sinistro namoro que o proletariado pagou tão caro não serviu de nada.

Mr. Chamberlain preferiu Franco a Negrin e o fascismo ao regime da Frente Popular, e toda esta tragi-comédia desarmava o proletariado, destruía a sua energia, aniquilava a sua combatividade.

O único efeito da repressão, «da ordem republicana», do gangsterismo estalinista não foi matar alguns milhares de militantes e esmagar o trotsquismo. Repito: esta repressão abriu as portas a Franco.

XV

A RETIRADA DOS VOLUNTÁRIOS

Toda a orientação da Frente Popular aparece também claramente no problema dos «voluntários» ou seja das forças «estrangeiras» que combatiam nos dois campos adversários: o «governamental» e o «rebelde».

Em Julho de 1936, cerca de três meses antes da formação das Brigadas Internacionais, começaram a vir de quase todos os cantos do mundo militantes revolucionários e também operários de base para combater em Espanha. Eles punham-se à disposição de todos os partidos, sindicatos e de todas as organizações proletárias, e alistavam-se nas colunas e nas famosas «tribus» das primeiras horas.

Era um movimento forte, espontâneo e irresistível. «Ir combater em Espanha» foi o desejo de numerosos militantes dos países democráticos, como a França, a Bélgica, a Suiça, a Holanda, mas sobretudo dos anti-fascistas da Europa Central (acoçados) por todas as polícias e que há anos esperavam uma ocasião para voltar à luta. Os voluntários vieram literalmente de todos os cantos da terra. Vi voluntários da Indochina, Austrália, e até da África do Sul. Era um movimento espontâneo e por vezes irreflectido.

Os mais lentos levaram algum tempo a decidir-se, mas já encontrei voluntários em Espanha, vindos de longe, a

partir do dia 21 e 22 de Julho, dois, três dias depois de levantamento militar. Houve, é certo, bastantes aventureiros, amargurados e perdidos, que procuravam nesse grande drama um derivativo contra as suas misérias pessoais, mas houve também homens assentes, organizados e regrados como relógios, que deixaram mulheres, filhos, obrigações e tudo isso para lutar contra o fascismo e por um mundo novo!

Ultrapassavam todos os obstáculos, saltavam as fronteiras com ou sem passaporte, chegavam enfim a esta Espanha explêndida, imbuida dum espírito de fraternidade, de bondade [31] e dos maiores valores humanos, que só conheceu quem teve a alegria de lá ir.

Chegavam enfim a Barcelona ou a Madrid e brevemente na frente o seu sangue se misturava ao dos operários espanhóis!

Esses cavaleiros da maior das cruzadas metiam-se a caminho porque felizmente havia o proletariado, ou seja uma classe que não se contenta em digerir e trabalhar para o capital, mas que prepara para a humanidade o grande futuro.

Durante os primeiros dois meses e meio, Estaline praticou a não intervenção. Por razões cujo exame nos levaria longe, o Comintern começou em seguida a organizar as Brigadas Internacionais sob a direcção de Marty.

Essas Brigadas Internacionais eram compostas de elementos diversos, desde os militantes que, pela sua dedicação ao proletariado, tinham passado pelas prisões burguesas,

---

[31] A atmosfera do 19 de Julho! Um pequeno facto para a ilustrar. Depois duma busca em casa dum dos meus camaradas em Barcelona, de que se queriam apoderar, as Patrulhas de Contrôle abriram uma gaiola e libertaram um pequeno canário... É o dia da liberdade! Ninguém tem direito de aprisionar pássaros!

fascistas e democráticas, até alguns elementos sem classe (vagabundos, antigos legionários), etc.

As Brigadas Internacionais combateram e perderam cinco mil dos seus homens [32]. Estes tiveram melhor alimentação e armamento, foram colocados em melhores condições que outras colunas e divisões, sobretudo anarquistas e poumistas, onde havia bastantes voluntários estrangeiros, por razões políticas do favoritismo estalinista. Eu não quero, no entanto, entrar aqui em discussões um pouco estéreis e comparar a sua coragem e a sua participação com as das outras forças anti-fascistas [33]. As Brigadas Internacionais deram o seu melhor e em alguns momentos críticos fizeram sentir o seu peso na balança.

Infelizmente, apesar do seu sacrifício e da sua coragem e disciplina, o seu sangue era vertido *ao serviço duma política de suicídio que se chama Frente Popular.*

Mantendo-os na ignorância [34], dando-lhes acesso somente à imprensa estalinista, a direcção comunista fechava-os numa redoma. Serviu-se deles, por vezes, para as tarefas mais sujas e repugnantes. Os assassinatos de vários militantes revolucionários, as provocações ignóbeis foram obra de vários comissários políticos das Brigadas Internacionais.

---

[32] É o número oficial de todos os estrangeiros e não só das Brigadas Internacionais, tombados em Espanha.

[33] Quando encontrávamos um miliciano duma formação qualquer, ele explicava que «os trabalhos difíceis» se encontravam reservados à sua unidade, ou seja ao seu partido. Na realidade os «trabalhos difíceis» foram repartidos por toda a gente.

[34] Encontrei um voluntário estrangeiro que estava sinceramente convencido que tinha havido uma revolta fascista em Maio de 1937 em Barcelona. Quanto ao seu conhecimento da vida política em Espanha, não conhecia sequer o nome de Durruti. Neste domínio de deformação e embrutecimento dos cérebros, os estalinistas são uns mestres iguais a Goebbels.

No mês de *Maio de 1937*, em Barcelona, serviram como uma força de choque, uma força segura, porque executava cegamente tudo o que se lhe pedia. Vários guardas de assalto vindos de Valência a Barcelona no 7 de Maio de 37 para aí fazer reinar «a ordem» contra os operários da CNT e do POUM, e vários tankistas, falavam búlgaro, alemão, polonês e sérvio. Encontrei nos destacamentos que serviam a burguesia e a reacção alguns bons militantes que já conhecera no estrangeiro.

«E nós perdoamos os seus pecados como Deus nos perdoará os nossos». Eles não sabiam o que faziam.

Esta intervenção reaccionária das Brigadas Internacionais mereceria ser analisada em pormenor, mas o que nos interessa agora, é o problema dos voluntários no seu conjunto, em ligação com a orientação geral da Frente Popular. Ilustrámos em breves linhas qual era o carácter do voluntariado no exército republicano.

Passemos ao outro lado da barricada, ou antes ao outro lado das trincheiras. Para Franco dirigiram-se também voluntários autênticos, fascistas raivosos que procuravam em Espanha a ocasião de lutar contra a peste vermelha e o «marxismo», mas eram uma minoria ínfima. Está na ordem das coisas: pode o capitalismo encontrar muitos defensores voluntários? Ele apenas se mantém pelo terror e pela mentira.

O grosso das tropas estrangeiras de que Franco se serviu eram quer mercenários, quer «voluntários» trazidos contra a sua vontade.

No estrangeiro, é bastante conhecida a importância da ajuda efectiva em homens, material e dinheiro que Franco recebeu dos ditadores fascistas e também das potências financeiras oligárquicas dos países democráticos da Inglaterra e França. Os números escasseiam e é impossível dizer quantos «voluntários» houve com Franco.

No entanto, não andarei longe da verdade, se disser que por *um* combatente estrangeiro no campo anti-fascista, havia *cinco*, talvez *oito* ou mais no de Franco.

A desproporção era muito grande no que diz respeito à ajuda em dinheiro, víveres, envio de material de guerra, etc. Se Franco recebia centenas de aviões, tanques e todo o material de guerra, em grande quantidade, e de primeira qualidade, os «governamentais», na maior parte das vezes, não conseguiam senão velharias em más condições de pagamento. Até o México se serviu dos envios para Espanha para renovar o material do seu exército.

Esta desproporção facilmente se compreende. Se Franco era ajudado segundo um plano bem arquitectado e controlado, e por 3 Estados fascistas: Alemanha, Itália, Portugal, e pelos potentes agrupamentos capitalistas, os republicanos apenas foram apoiados, e mediocremente, pela Rússia, pelo México e por um punhado de especuladores estrangeiros que, forneciam bugigangas a alto preço.

Mas voltemos à desproporção no que respeita a quantidade de combatentes nos dois campos.

Do facto, desta desproporção, os nossos espertos democratas retiravam a conclusão de que a intervenção estrangeira, e também a vinda de voluntários, era mau negócio para a República.

Os nossos bravos democratas e os seus sócios estalinistas sabiam observar os fenómenos, mas não compreendiam as razões desses fenómenos e assim não podiam encontrar-lhes remédio.

O direito internacional, os tratados concluídos com outros Estados a situação jurídica do governo republicano (governo «legítimo», constituído de acordo com a constituição e todos os seus parágrafos), a Sociedade das Nações com o seu «Acordo» de Genebra e o pacto Briand-Kellog, que ilegalizava a guerra, todas essas coisas apreciáveis joga-

vam evidentemente contra os «rebeldes» e a favor dos «governamentais».

Mas não jogavam também a favor da Abissínia e do Négus? E na Abissínia não havia comunistas, nem PSUC, nem POUM, nem CNT, nem FAI, etc. em suma os pratos que não eram precisamente os que Chamberlain preferia para o seu pequeno-almoço.

Entretanto os nossos democratas «realistas» não perdiam a coragem por tão pouco. Apoiando-se no direito, esperavam obter do capitalismo democrático uma intervenção em favor da «não-intervenção», ou seja *obter a retirada das forças estrangeiras de Espanha.*

O seu raciocínio era o seguinte (lembremos de passagem que foi também dos anarquistas): se retirarmos as forças italianas e alemãs de Espanha, se retirarmos os técnicos estrangeiros, se retirarmos o material de guerra, se impedirmos esta intervenção que é um desafio ao direito internacional, se todos esses Italianos e Alemães voltarem a Roma ou a Berlim, repatriaremos também os nossos voluntários. Se impedirmos toda esta guerra totalitária, se fizermos enfim tudo o que manda a equidade e os pactos, nós, republicanos espanhóis, acabaremos facilmente com Franco e faremos um negócio chorudo.

Sabemos que há também uma lógica na estupidez. Há uma lógica neste raciocínio, mas era mesmo assim uma estupidez.

Evidentemente, que se fosse possível ao proletariado, em qualquer país capitalista, esmagar o fascismo sem que os capitalistas estrangeiros interviessem, se fosse possível que os capitalistas estrangeiros, cujos interesses e lucros são ameaçados em caso de esmagamento do fascismo, deixar andar e traçar de bom grado uma cruz sobre os milhões de libras, dólares, francos ou marcos investidos, se o capitalismo estivesse decidido na sequência dos argumentos do «direito», a deixar-se desapossar das posições que detinha,

se o grande capital pela sua situação no período actual não fosse levado a comprometer-se no apoio ao fascismo, não contra a revolução proletária, mas também contra a democracia formal ou seja burguesa, se em suma a burguesia estivesse decidida a ceder gentilmente o lugar ao proletariado, então o negócio chorudo nos cérebros dos chefes da Frente Popular poderia ter-se realizado.

Para resumir: para que a retirada bilateral dos voluntários pudesse ser realizada, era necessário que não existisse um pequeno pormenor que perturba o raciocínio dos nossos espertos democratas. Esse pequeno pormenor chama-se: *o capitalismo*. Os chefes da Frente Popular neste caso como de resto nos outros, à imagem do famoso «curioso» de Krilov, não viam este elefante, mas pelo contrário, viam insectos ou seja a luta «ideológica» entre os democratas e o fascismo.

A intervenção estrangeira em Espanha resultava muito simplesmente do facto *da Península Ibérica não se encontrar na lua, mas num planeta que tem este nome prosaico: Terra.*

Os fascistas estrangeiros, italianos, alemães, portugueses, e também, os capitalistas ingleses e franceses intervinham a favor de Franco não porque eles fossem maus, mas porque eram *burgueses.* A esta intervenção inelutável que se reproduzirá com cada revolução e guerra civil anti-fascista em qualquer país, o proletariado mundial devia opôr uma intervenção ainda mais activa, a fim de salvar a revolução Espanhola, uma intervenção que devia paralizar os estados capitalistas fascistas e democráticos, uma intervenção que devia, sobretudo, tomar em França a forma de luta pelo poder.

Apesar de todas as explicações de direito, e apesar de todas as resoluções da comissão de não-intervenção, Franco continuava e continua a receber ajuda em dinheiro, em material e em homens dos países fascistas. Mussolini decla-

rou de resto: «Retiraremos os nossos legionários de Espanha, depois da vitória de Franco».

Era uma declaração clara e edificante. Depois da leitura desta declaração, não se podia concerteza depositar nenhuma confiança no ditador fascista, e acreditar que retirará as suas tropas depois da vitória de Franco. Ele tratará de as guardar na península tanto tempo quanto possível, e no seu interesse imperialista, mesmo depois da vitória de Franco. Mas podíamos crer na sinceridade de Mussolini no sentido em que ele não estava em todo o caso disposto a retirá-las *antes* da vitória de Franco.

Mas os nossos dirigentes «realistas» da Frente Popular esperavam sempre que Chamberlain e Daladier obrigassem Franco a retirar os seus legionários. Não era acaso um atentado contra a democracia e o direito internacional? Por isso, no entretanto era preciso não dar nenhum «pretexto» (como se o capitalismo precisasse de qualquer pretexto para enganar e oprimir os operários!) aos fascistas e aos democratas.

«Nós vamos retirar as Brigadas Internacionais e todos os estrangeiros que estão no nosso exército. Pediremos à Sociedade das Nações que controle a nossa retirada. Daremos à Comissão Internacional de Contrôle da Sociedade das Nações todas as facilidades e garantias a fim de provar à opinião internacional que a nossa retirada dos voluntários é completa, total e sincera. Nós iremos ao ponto de retirar a nacionalidade espanhola aos combatentes estrangeiros que a adquiriram depois de 19 de Julho [35]. Dando tantas provas

---

[35] Eu conheço casos em que se considerou como estrangeiros, espanhóis nascidos na América do Sul que viveram toda a sua vida em Espanha, e se lembraram da sua origem argentina ou cubana quando tal lhes permitia deixar a frente em Outubro de 1938. Considerou-se também como estrangeiros, Marroquinos do Protectorado espanhol. Nestes casos os democratas esqueciam mes-

de boa vontade, disporemos dum trunfo no nosso jogo diplomático e colocaremos Franco numa situação difícil».

Era este o cálculo que Alvarez del Vayo, Negrin, José Diaz, e também de vários chefes «anarquistas» faziam, era este cálculo que estava na base da retirada unilateral operada pelo governo republicano. Ele testemunhava com efeito a boa vontade do governo de Negrin e as suas boas intenções a respeito do capitalismo internacional, mas como meio de obter a retirada das forças estrangeiras ao serviço de Franco (que deveria ter seguido esse bom exemplo!) era uma lástima... Os chefes da Frente Popular queriam realizar um bom negócio: a retirada dos voluntários dos dois lados. Mas para se fechar um negócio são precisos dois interessados. Ora, se os nossos democratas demonstravam boa vontade em relação a Chamberlain, ou seja, à City, esta última só podia ser amável para com Franco.

Os republicanos levaram a cabo a retirada dos voluntários estrangeiros de todas as frentes. Perderam assim algumas brigadas boas e seguras.

Mesmo no último momento, quando os fascistas se aproximavam de Barcelona, os voluntários podiam ser úteis para a defesa da capital catalã. Mais de oito mil ex-voluntários aguardavam repatriamento em vários campos de concentração. Eram predominantemente originários dos países de regime fascista e reaccionário: italianos, alemães, polacos, húngaros, etc.... Se ainda não estavam repatriados, não era por culpa do governo republicano, cuja boa vontade neste caso está fora de discussão, mas resultava do facto de nenhum país no mundo, incluindo a União Soviética, ter pressa em recebê-los.

---

mo as suas obrigações internacionais, pois queriam provar assim que o exército republicano é composto por espanhóis puros, e esperavam dessa maneira obter a retirada dos Marroquinos ao serviço de Franco. Eram verdadeiros «realistas».

Os burgueses do mundo inteiro não podem perdoar a esses combatentes o facto de ousarem lutar de armas na mão contra o fascismo. Acham estranho que especimens destes não tenham encontrado em Espanha uma morte que estariam dispostos a qualificar de heróica. Para os voluntários também a terra é um planeta sem visto. Quanto à democracia francesa, ela nem sequer autorizou que passassem pelo seu território para se dirigirem ao México[36] pois a passagem desses monstros, mesmo em carruagem de chumbo, podia perturbar a digestão tranquila dos burgueses nesse país. Quando os fascistas se aproximavam de Barcelona uma ideia se apoderou desses ex-voluntários ou melhor dum certo número dentre eles: ir em socorro, reformar algumas brigadas, e refazer mais uma vez a glorioso epopeia de Madrid. Alguns milhares de combatentes decididos a lutar, animados duma chama revolucionária, podem em certas situações, provocando o choque psicológico, inverter uma situação, tornar a dar a confiança a uma cidade, fazer um milagre.

Eis as discussões que se mantinham nos campos de voluntários. Não estou a inventar, estou a informar:

«A situação está perdida. Quando a situação é desesperada, que podem alguns milhares de combatentes contra um exército bem equipado como o de Franco, que podemos nós fazer?» diziam alguns bem alto, e acrescentavam para os seus botões: «O essencial é salvar a pele». — «Não se trata de alguns milhares de combatentes — respondia um comandante dum batalhão austríaco, estalinista, mas animado duma fé revolucionária — trata-se do efeito moral que isto terá no proletariado de Barcelona. Este dirá a si pró-

---

[36] O governo mexicano prometeu receber todos os ex-voluntários do exército republicano espanhol. Não se sabe se cumprirá a sua promessa.

prio: «O proletariado internacional vem em nossa ajuda!» e ele levantar-se-á como em Madrid! No Pasaran.

Esta controvérsia foi cortada por um coronel Alvarez, de origem mexicana, estalinista cem por cento, que num discurso dirigido aos ex-voluntários, disse textualmente: «Atenção! Temos inimigos no nosso campo. Querem dividir-nos e quebrar a nossa unidade. Sabeis que meios utilizam para nos quebrar: fazem propaganda para regressarmos à frente, para reconstituir os batalhões sem que uma ordem tenha vindo do governo legal e legítimo de Espanha. É claro. São sempre os mesmos agentes da quinta coluna, os provocadores, os *trotsquistas!* Quando encontrarem um espécime desse género, um desses provocadores que faz campanha para irmos para a frente, desmascarem-no, tragam-no até mim, e eu, pessoalmente, *meter-lhe-ei doze balas na pele!»* — e Alvarez mostrava o revólver.

O coronel recebeu fracos aplausos.

Mas dois batalhões de Brigadas Internacionais, alemão e austríaco, mais dum milhar de ex-voluntários partiram na noite de 24 para 25, um dia antes da tomada da capital catalã, para Barcelona, e ofereceram os seus peitos ao governo de Negrin. Fizeram-lhe dar meia volta. Não tinham necessidade deles. Levá-los até à frente não era contrário às promessas solenes dadas pelo governo republicano em Genebra?

«Mais vale morrer segundo as regras que viver contra elas», dizia o doutor no «Malade Imaginaire» de Molière, e isto significava: mais vale morrer segundo as prescrições médicas que viver contra a opinião da Faculdade. Para o governo de Negrin, isto queria dizer: mais vale morrer respeitando os acordos travados com Chamberlain, que viver contra as prescrições dos doutores da Frente Popular. É um ponto de vista.

Mas vós, os operários de todo o mundo, que quereis viver, e viver humanamente, e só o podeis fazer derrubando

o regime capitalista, não sigais «as regras» dos doutores da Frente Popular.

Se a política da «ordem republicana» e da famosa palavra de ordem: «Primeiro ganhar a guerra, *depois* fazer a revolução», desmoralizava o proletariado espanhol, *a orientação nacionalista e limitada da Frente Popular entre outras no que diz respeito aos voluntários e à intervenção estrangeira, desmoralizava o proletariado espanhol e os operários dos outros países. Esse nacionalismo pequeno-burguês destruia os laços entre os explorados de Espanha e os doutros países, aniquilava o internacionalismo activo do proletariado mundial.*

A imprensa da Frente Popular dizia sempre: «Pois é! Se deixassem os espanhóis sozinhos, há muito tempo que isto teria acabado!» E o operário francês que lia isto dizia de si para si: «Já que é preciso deixar os espanhóis sozinhos, posso contentar-me em dar alguns francos para enviar leite às crianças de Espanha. Eu cá sou francês e devo ocupar-me sobretudo deste meu belo país. *Cada qual por si!*» *Eis a ideia que o reformismo infiltra no proletariado desde há décadas, e o estalinismo desde que lançou a sua teoria do «socialismo num só país.»*

Tudo tem a sua lógica. A política podre da Frente Popular é um fruto legítimo das concepções nacional-reformistas fundamentais e da burocracia soviética e do estalinismo conservadores, como o era também há dez anos a teoria do «social-fascismo».

Tudo tem a sua lógica. A política da Frente Popular é uma cadeia ininterrupta de crimes contra o proletariado. Um dos elos nesta cadeia de crimes é a suicida política de mentiras na questão dos voluntários.

XVI

A IDEOLOGIA REPUBLICANA

«Nós lutamos pelo direito internacional, lutamos para que a constituição seja respeitada, lutamos por uma república democrática», proclamaram Azaña, Caballero, Negrin e Miaja.

«Nós lutamos por uma república democrática, parlamentar, mas uma república democrática dum tipo novo, onde as raízes do fascismo serão destruídas. A nossa revolução é popular. A nossa guerra é uma guerra nacional pela independência» acrescentavam José Diaz, Jésus Hernandez e a Passionaria [37].

Tantas palavras, tantas frases, tantas mentiras místicas para esconder as coisas! Senhores Azaña, Caballero, Negrin, Companys, Diaz e Passionaria, deviam ter dito: «Nós lutamos para *conservar o capitalismo* sobre a base

---

[37] «República democrática parlamentar de tipo novo em que as raízes do fascismo serão destruídas», extracto dum discurso de José Diaz. «Tipo novo» na realidade muito parecido com o antigo, pois para destruir as raízes do fascismo é necessário destruir a sua origem: o sistema capitalista. O que nos era vedado, segundo José Diaz.

democrática pois só nesse quadro da democracia podemos exercer as nossas profissões de advogados, deputados, e burocratas sindicais. Proibimos os operários de abater o regime capitalista e de fazer a revolução proletária».

A mentira que toma a forma de camuflagem mística é inseparável do regime capitalista. A burguesia não poderia dominar um dia sem a mentira. Pode um comerciante dizer a verdade ao cliente? Dizer-lhe quanto lhe custou a mercadoria que ele quer vender a um preço exorbitante? Pode um capitalista mostrar aos operários a sua contabilidade? Porque é que, o que é impossível a um capitalista tomado individualmente, seria possível à classe capitalista tomada no seu conjunto? O Senhor Capital tem uma garganta demasiado repugnante para a mostrar em público; ficaria logo desacreditado.

Para existir, tem que enganar, esconder os seus objectivos reais que são inconfessáveis. Tem que cobrir-se com uma máscara mística, principalmente quando assume a forma democrática, que se apoia mais na mentira do que o fascismo, forma brutal e mais aberta da dominação do capital.

«Face à barbárie fascista, nós, os republicanos, representamos a cultura. Olhai esses bárbaros, esses fascistas. Eles matam. Eles assassinam as crianças. Eles bombardeiam as cidades desprotegidas e os pontos onde não há nenhum objectivo militar. Matam os seus irmãos de raça, matam os espanhóis. Venderam-se ao estrangeiro. Inspirados pela ideologia prussiana, conduzem uma guerra totalitária. Não têm consciência. Não têm sentimentos. Não têm coração! Nós, os republicanos, somos doutra massa não podemos, por exemplo, responder aos bombardeamentos de Sevilha e Burgos, pois, com isso, teríamos manchado a nossa bandeira tricolor e republicana. Nós somos verdadeiros patriotas. Não podemos nortear-nos pela ajuda activa da revolução proletária e dos operários de todo o mundo.

Queremos vencer como verdadeiros Espanhóis. É por isso que estamos prontos a retirar os estrangeiros e retirá-los-emos. Queremos humanizar a guerra, e, por isso, apelamos constantemente para a Sociedade das Nações; por isso nos congratulamos pela formação da Comissão Internacional contra os bombardeamentos das cidades desprotegidas. Ela que venha a Barcelona, Valência, Granollers, e constatará que somos vítimas inocentes das agressões bárbaras da aviação fascista», etc... por aí fora.

Já conhecemos essa música e os vossos discursos, Senhores Azaña, Caballero, Negrin, Companys, Diaz e Passionaria. Não só os conhecemos bem, como compreendemos o seu sentido que é o seguinte: «Face ao fascismo, arma violenta, decerto bárbara, mas consequente e lógica de defesa do capitalismo condenado, mas que quer sobreviver, nós, democratas, não passamos dumas galinhas assustadas. Nós somos pequeno-burgueses. É claro, queríamos a democracia, mas temos medo de Ti, Grande Capital! Tu impões-te pela tua potência! Nós andamos na ponta dos pés à tua frente, veado de ouro, pois temos medo que sejas tomado pela ira. Uma ira injustificável, pois *somos apenas republicanos e não vermelhos.* Se nós bombardearmos Sevilha ou Maiorca, centenas e milhares de aviões virar-se-ão contra nós. Arrazar-nos-ão. Asfixiar-nos-ão. Apesar da nossa nobreza, do nosso humanitarismo, da nossa lealdade, Chamberlain não nos quer escutar e não nos acredita quando dizemos que não somos vermelhos. Que se passará se empregarmos todas as violências contra Franco? As democracias francesa e inglesa, ficarão sem sombra de dúvida, com a certeza de que somos bolcheviques.»

«Nós, os pequeno-burgueses, temos medo de Ti, Capital. Nós temos estima por Ti, porque te devemos tudo: os nossos lugares nos conselhos de Administração, a nossa clientela de advogados. Lutamos contra Franco, é verdade; mas tememos que Tu, Capital, desapareças. Pois, segundo

nós pequeno-burgueses, poderia uma sociedade viver se um mal fatal Te atingisse? Isso seria o fim da civilização, a anarquia, o descalabro de tudo. Os operários, os homens que mal sabem ler e escrever teriam que nos dirigir, a nós, homens de ciência e de cultura! Vimos isso quando reinavam as malditas comissões, nos primeiros meses depois do 19 de Julho. Nós trememos só de pensar que tal poderia regressar. Temos pois que nos impôr à opinião internacional, ou seja à opinião que Tu crias à custa de milhões, pela nossa moderação e doçura cristã em relação a Franco.»

Se os chefes da Frente Popular adoptassem esta linguagem clara, se desvendassem as suas verdadeiras intenções e pensamentos, poderiam educar os operários, mas eles não seriam já úteis ao capital.

Passemos uma vista de olhos à atitude do governo republicano, por exemplo, na questão dos bombardeamentos às cidades desprotegidas, e veremos que os nossos democratas eram anjos... para com o capital e o seu cão Franco. Aos bombardeamentos cruéis e bárbaros da aviação fascista podia-se e devia-se responder com bombardeamentos de cidades nas mãos dos fascistas pela aviação republicana [38]. A guerra é uma coisa desumana e abominável em si. É verdade, mas se a aceitamos, é mister levá-la às últimas consequências, empregando todos os meios para vencer o adversário. Da parte do proletariado, terá também que ser totalitária, terá que ser levada até à derrota do inimigo. Às represálias, o governo republicano preferia o apelo à formação de uma Comissão encarregada de verificar os bombardeamentos das cidades desprotegidas. A comissão, composta de honrados especialistas ingleses, franceses,

---

[38] A inferioridade numérica e qualitativa da aviação republicana não pode explicar os procedimentos «humanitários» da Frente Popular.

etc... veio a Barcelona e a Granollers. Contemplou as ruínas e os escombros, resultado da agressão aérea da aviação fascista, verificou que efectivamente cidades desprotegidas e locais sem objectivos militares, tinham sido bombardeados, e foi-se embora. Em que poderia isto consolar as viúvas e os órfãos de Barcelona e Granollers? Como podia impedir novos bombardeamentos?

A fim de sublinhar o contraste que existia entre a ideologia de galinha assustada da Frente Popular e os métodos da Revolução russa, citarei aqui uma frase dum dos discursos de Leão Trotski em 1918. Não sei se é autêntica e se foi realmente pronunciada pelo organizador do Exército Vermelho, ou se foi muito simplesmente uma das legendas que se criam durante as revoluções. Reflectia em todo o caso o espírito e a decisão da revolução bolchevique: «Se o brilho do céu se destina apenas à burguesia, nós vamos apagá-lo!» Quer dizer: empregaremos todos os meios par vencer a burguesia. Mas os chefes democratas da Frente Popular espanhola não podiam falar nem agir como falaram e agiram Lenine e Trotski em 1917-21.

É claro que a forma de proceder dos fascistas é particularmente bárbara, e nós não podemos nem queremos imitá-la. Essa forma de proceder tem explicação: é a raiva duma classe condenada e que não quer ceder o seu lugar seja por que preço for. De resto, o capitalismo, seja ele fascista ou democrático, está sempre disposto a lançar milhões de homens numa carnificina se os seus dividendos se encontrarem ameaçados. O coração do capital é o metal dourado.

Nós, os revolucionários proletários, não podemos praticar as barbaridades dos fascistas. De resto essa barbárie parecia-nos inútil e, como portadores de novos valores humanos que somos, repugna-nos. Mas, apesar disso, devemos também ser ainda mais decididos e audaciosos que os fascistas. «Para vencer, precisamos de audácia, mais audá-

cia, sempre audácia» dizia o grande estratega revolucionário Danton. Se, aos combatentes do 19 de Julho e aos combatentes da frente não faltava uma coragem física que atingia as raias do heroísmo sem par, *a audácia política* fazia completamente falta àqueles que pretendiam dirigir a guerra anti-fascista.

A moleza para com o fascismo, que se exprimia em todos os domínios, da parte dos dirigentes da Frente Popular, não foi acidental.

Era resultado do conjunto da sua natureza pequeno-burguesa. A pequena burguesia, classe intermediária situada entre o grande capital e o proletariado, as duas classes fundamentais da sociedade contemporânea, espartilhada como está entre as corentes opostas, só pode oscilar, só pode hesitar, sobretudo quando se trata de se opôr a quem a subjuga: o grande capital. E era a pequena-burguesia, ou para ser mais preciso, os agentes pequeno-burgueses do grande capital que dirigiam a guerra contra Franco. Daí o carácter mole e choraminga da ideologia da Frente Popular. Para vencer Franco, o proletariado devia tomar a direcção da guerra arrastando atrás de si a pequena burguesia, mas para isso carecia duma direcção, ou seja, um partido revolucionário.

O pequeno-burguês é nacionalista. A sua existência económica é determinada pelos acasos de concorrência no mercado capitalista. Ele olha com desconfiança e ódio o seu rival, o lojista do lado. Os nossos dirigentes da Frente Popular queriam concorrer com Franco no terreno nacionalista. Os estalinistas acreditam que é o último grito da sabedoria. Julgam-se muito espertos. No entanto, é impossível. Na Alemanha, as palavras de ordem da Revolução Social e Nacional só levaram a água ao moinho da demagogia fascista e facilitaram a penetração ideológica de Hitler. Em Espanha, na vez de Hitler, os estalinistas, pelo seu nacionalismo, favoreceram Franco.

Franco apelou aos capitalistas estrangeiros para salvar o regime capitalista em Espanha. Não inventou nada. A classe dominante identifica a pátria com a sua dominação. Quando os seus interesses estão ameaçados pelo seu concorrente imperialista ou pela revolução proletária, «a pátria está em perigo». Franco aliou-se aos Italianos, aos Alemães, aos Portugueses — então, e os generais brancos não se aliavam com os capitalistas do mundo inteiro? E o democrata Miliukov, aderente entusiasta da «Entente», acaso hesitou em dirigir-se aos Alemães a mendigar ajuda contra os operários do seu país? A burguesia tem razão do seu ponto de vista de classe: o principal para ela, é salvar a sua dominação e o seu regime de exploração.

Desse «patriotismo» relativo da burguesia o proletariado pode extrair o ensinamento seguinte: o que importa não são os conflitos nacionais, *mas a oposição de interesses de classe.* Nós os operários, devemos seguir o exemplo da burguesia. Ela mesmo nos ensina que a pátria é um mito. Devemos lutar para nos libertarmos economicamente em cooperação com os operários de todos os países. É por isso, de resto, que a palavra de ordem da Internacional não é «Espanhóis, uni-vos!» ou «Franceses, uni-vos!», mas *«Proletários de todos os países uni-vos!»*

A ideologia proletária, ou é internacionalista, ou desaparece. O chauvinismo estalinista, além de ser uma traição, é também inoperante contra o fascismo. Em matéria de chauvinismo não podemos superar um Hitler e um Franco. Pelo contrário, podemos vibrar golpes mortais na burguesia, servindo-nos da arma de que esta não pode dispôr: o internacionalismo. O nacionalismo burguês tem a sua base no facto do capitalismo se desenvolver nos quadros das fronteiras nacionais. O capitalismo significa a concorrência, e no estádio imperialista, a concorrênnncia dos trusts-Estados capitalistas entre eles. Coisa diferente é o socialismo, cujo triunfo só pode significar a destruição das fron-

teiras nacionais, e a criação duma verdadeira sociedade internacional.

Ultimamente o Partido Comunista espanhol difundiu as seguintes palavras de ordem: «A Espanha para os Espanhóis! Reconciliação nacional dos Espanhóis! Fuera los extraneros!» (Fora com os estrangeiros!). Esperava assim adoptar uma linguagem franquista, ganhar a clientela fascista. Mas passou-se exactamente o contrário. Um partido operário pode ganhar temporariamente uma certa influência, graças à baixa demagogia nacionalista, mas, no fim de contas, ele será forçosamente batido nesse terreno, e ideologicamente apenas pode franquear assim o caminho ao fascismo. Não vale a pena ser comunista para, por exemplo, cantar «A Marselhesa» ou tecer elogios ao Papa. Para isso também Kérillis e La Rocque servem.

Ao difundirem o nacionalismo, os estalinistas e a Frente Popular no seu conjunto forjaram uma arma ao inimigo, e facilitaram a sua própria exterminação. Os estalinistas imaginam que as suas fórmulas patrióticas podem satisfazer os pequeno-burgueses imbuídos de nacionalismo. Imaginam, por exemplo, que a fórmula nacionalista, mas conservadora, de Estaline: «Nós não queremos uma polegada da terra estrangeira, mas não daremos uma polegada da nossa» pode satisfazer os pequenos burgueses patriotas excitados. Quando se é nacionalista, «quando se ama o país acima de tudo», «não basta a ideia de *conservar* o que a pátria possui, torna-se logicamente necessário *alargá-la*, e passa-se a ser adepto das conquistas.

Ora, se a Frente Popular prometia conservar o que a Espanha possuía, Franco prometia criar um *novo Império*. Queipo de Llano nos seus discursos não prometia aos Espanhóis tirar Gibraltar aos Ingleses? Que podiam responder a isso os nosso nacionalistas em ponto pequeno da Frente Popular? Que é necessário respeitar os tratados e que a Inglaterra é uma grande potência a quem temos que men-

digar apoio! É certo que os nossos patriotas da Frente Popular na sua propaganda faziam sempre lembrar que Franco estava a vender a Espanha à Itália e à Alemanha, mas não podia Franco recordar que os nossos democratas estavam dispostas a vender a Espanha à Inglaterra e à França, e que o negócio democrático não se fechava só por falta de comprador? Azaña e Negrin bem se queriam vender, mas o capitalismo democrático internacional rejeitava a oferta da Frente Popular e orientava-se para o fascismo. De resto, um nacionalista espanhol podia bem compreender Franco: para lutar contra os «vermelhos» sem deus (em Espanha o nacionalismo vai a par com a fanatismo católico) que ameaçavam a pátria, não se podia, no momento de perigo, fazer concessões aos Italianos e Alemães?

Os estalinistas não podem superar os fascistas no terreno do chauvinismo. A reconciliação dos Espanhóis, ou seja a submissão do proletariado à burguesia que eles tanto pregaram realizou-se agora sobre os seus cadáveres, mas infelizmente também sobre os cadáveres do proletariado espanhol.

Libertar realmente a Espanha da opressão que exercem sobre ela os capitalistas estrangeiros, ingleses, franceses, americanos, italianos não o podiam nem os fascistas ligados à Alemanha e à Itália, nem os democratas da Frente Popular que se orientavam para a dependência em relação à França e à Inglaterra! Só uma classe que não tem laços económicos com o capitalismo internacional, e que esteja disposta a romper todos os tratados imperialistas, podia fazê-lo. Essa classe chama-se proletariado. Mas Azaña, Negrin e José Diaz não se orientavam para ela, mas para Chamberlain e Pio XI.

XVII

O PARTIDO OPERÁRIO DE UNIFICAÇÃO MARXISTA (P. O. U. M.)

Mas havia, ao que parece, em Espanha, um partido «trotsquista», o POUM? Segundo as calúnias estalinistas, um partido trotsquista teria forçosamente que trabalhar para a Gestapo. Não são da Gestapo todos aqueles que denunciam os crimes estalinistas e não executam cegamente as ordens da burocracia moscovita degenerada?

Sendo, portanto, o POUM, trotsquista e agente da Gestapo, fez o putch de MAIO de 1937, mas graças à feliz intervenção da Frente Popular, do Partido Comunista, do PSUC (Partido Socialista Unificado da Catalunha) «socialista» mas adepto da Internacional Comunista, o diabo trotsquista-poumista pôde ser dominado!

Começaram a respirar fundo no mês de Maio-Junho de 1937: o Anarquismo foi «liquidado» em Espanha e sobretudo na Catalunha. O governo de Largo Caballero, que até Maio se julgara que ia pelo bom caminho, foi substituído pelo Governo de Vitória, presidido pelo doutor Negrin, verdadeiro governo de Frente Popular (verdadeiro porque se encontrava desimpedido de todos os trotsquistas e de toda

essa suspeita gente) verdadeiro governo de Frente Popular, como deveria existir em todos os países, principalmente em França, capaz por isso de lutar e vencer o fascismo.

Desde essa intervenção feliz de Estaline em Maio de 1937 em Barcelona, na Catalunha e na Espanha podíamos, por fim, encarar com optimismo o destino da guerra contra Franco. O grande Estaline não dirigiu bem a revolução chinesa de 1927? Não alcançou uma grande vitória para o proletariado alemão e internacional com a subida de Hitler ao poder em 1933, para não citar senão essas duras proezas?

Não há dúvida: o capital e o seu cão de guarda Franco podiam estar descansados!

Neste capítulo de análise do POUM não vamos rectificar e refutar todas as calúnias e mentiras dos estalinistas. Essa gente, ou melhor essa canalha, mente como quem respira. E dispõe dum aparelho formidável e sobretudo de muito dinheiro. Esses usurpadores que se apropriaram da gloriosa bandeira da Revolução de Outubro, que arrastam na lama, têm a possibilidade de imprimir as suas falsificações por milhões de exemplares e para todo o mundo.

Mas que foi o POUM na realidade? Trotsquista? Trotsquista quer dizer, segundo a etimologia da palavra, uma organização que prossegue a política de Leão Trotski. Ora, o leitor não ignora provavelmente que Trotski era adepto da IV Internacional. O POUM nem por sombras era trotsquista.

O camarada Leão Trotski, que, com uma clareza que lhe era própria, estigmatizou os erros do POUM, sublinhou repetidamente as divergências sérias que separaram o POUM da IV Internacional. Nós negamos a lenda estalinista do «POUM trotsquista» no interesse da verdade que é ao mesmo tempo o da educação da classe operária. Esta deve conhecer as posições reais e não imaginárias das diferentes correntes políticas, a fim de, livremente e em conhecimento

de causa, poder confrontar, escolher e, por fim, encontrar o seu caminho.

O POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) foi fundado em Dezembro de 1935 como produto da unificação do Bloco Operário e Camponês de Maurin e da Esquerda Comunista. Esta última pertencia no passado à organização internacional de oposição de esquerda «trotsquista». É preciso recordar que teve relações muito vagas com a organização internacional. A entrada da Esquerda comunista para o POUM determina a ruptura de Nin e Andrade, que a dirigiam, com o «trotsquismo» e com a organização trotsquista internacional. Não vou historiar as discussões e divergências que separaram a IV Internacional e a Esquerda comunista. Lembrarei somente as principais divergências que os separaram no curso da Revolução espanhola.

A Frente Popular formou-se na véspera das eleições legislativas de Fevereiro de 1936. O seu programa eleitoral lembrava os programas eleitorais das Frente Populares noutros países; nele figuravam as promessas gerais quanto à melhoria das condições de trabalho da classe operária, a adesão à política de segurança colectiva da Sociedade das Nações, etc... É verdade que nesse programa figurava também a amnistia de todas as vítimas da repressão reaccionária de Gil-Robles-Lerroux.

O POUM aderiu à Frente Popular e assinou o seu programa eleitoral reformista e pequeno-burguês. Justificou seguidamente a sua atitude pela necessidade de obter a amnistia, custasse o que custasse. Mas, na realidade, a amnistia foi obtida, não na sequência duma vitória eleitoral, mas na sequência dum forte movimento de massas.

Depois das eleições, o POUM criticou a política da Frente Popular, mas *na realidade arrastou-se atrás dessa política* até ao momento em que a burocracia estalinista,

coligada com a burguesia de esquerda, o impediu de falar sequer de revolução socialista e o pôs finalmente fora da lei.

Para além da direita e da esquerda, existe em política o centro. Passa-se o mesmo no movimento operário. Foi o caso durante a guerra, quando o movimento operário, segundo a justa apreciação de Lenine, se dividia entre a direita, os social-patriotas declarados tipo Vandervelde, Scheideman, Marcel Cachin, etc...., a esquerda, os internacionalistas consequentes: os bolcheviques, os espartaquistas alemães, e o centro como Lebedour, Longuet, etc.

Se analisarmos o último período da evolução do movimento operário que começou mais ou menos em 1934-1935, observamos o mesmo fenómeno. Há adeptos declarados da política da Frente Popular, política que ata o proletariado à cauda da burguesia dita democrática, política que à luz da experiência espanhola analisamos no presente trabalho: são os estalinistas, promotores dessa panaceia universal de Dimitrov, e também os reformistas pertencentes à Segunda Internacional.

Há adversários declarados dessa política de crime e de suicídio da Frente Popular. São os construtores da IV Internacional. Eles opõem à política de insípida colaboração de classes, os métodos revolucionários do marxismo e do bolchevismo, os métodos a cuja aplicação o proletariado deve todas as conquistas, vitórias e ascensos históricos.

Mas, entre as duas correntes fundamentais do presente período, a saber, a corrente estalino-reformista e a corrente da IV Internacional, há os centristas.

O centrismo não é um rótulo inventado maldosamente pelos «sectários» e intratáveis trotsquistas por necessidades polémicas. É uma realidade em todos os países do mundo. Os centristas declaram-se contra a política da Frente Popular, fazem críticas por vezes muito *justas* aos crimes dos estalinistas.

É devido à sua independência face à GPU que os estalinistas os tratam por «trotsquistas». Mas os centristas ficam a meio caminho na crítica à política estalino-reformista.

São contra a Frente Popular, mas ao mesmo tempo têm medo de se afastar das massas expondo francamente o programa de acção revolucionária. Em princípio, são por uma nova Internacional Revolucionária, mas na prática combatem a nova Internacional nascente, a IV. Em várias questões centrais do período actual, em princípio, estão de acordo connosco, mas quando se trata de passar dos princípios à prática e à realização, alarmam-se e denunciam-nos como «sectários». São muito sensíveis e susceptíveis. Zangam-se sobretudo quando se lhes chama «centristas». Quer tal se passe sob o céu cizento de Paris ou sob o céu azul e límpido da Catalunha, e de Espanha, quer seja em Nova Iorque ou Varsóvia, são sempre os mesmos. Em lugar de se zangar, fariam, no entanto, melhor em discutir honestamente connosco, em responder às nossas críticas, e em aceitar a nossa colaboração. Não somos professores do movimento operário. Estamos sempre dispostos a aprender com os outros, a reexaminar uma e outra vez os mesmos problemas à luz das novas experiências trágicas. As questões mesquinhas e o amor-próprio ferido para nós não contam. Estamos acima disso. «As nossas querelas não são a dos rabinos e capuchinhos, mas sim a luta dos cavaleiros pelo coração de Dama». E a Dama, é a Revolução.

Em Espanha, a política da Frente Popular foi prosseguida duma maneira consequente pelos estalinistas e reformistas. Quanto à CNT, opôs-se-lhe no início, mas a sua nulidade ideológica impediu-a de opôr à política de Negrin-Comorera uma outra concepção. Assim, a sua crítica ficou-se pela negativa, e depois de uma série de zigue-zagues e gemidos lamentosos, a CNT integrou-se na Frente Popular e evoluiu para o reformismo.

Quanto ao POUM; o POUM proclamava cem vezes a necessidade de «revolução socialista», mas a sua política real estava no polo oposto desse objectivo.

Havia, como nós já lembrámos, uma *dualidade de poder* depois de 19 de Julho. O segundo poder, o poder operário nascente, que de resto predominava no curso dos primeiros meses da revolução, exprimia-se nas muitas comissões operárias que existiam nas mais pequenas aldeias e também no Comité Central das Milícias Anti-fascistas. Estes organismos do segundo poder, essa grande aquisição da revolução, foram demolidos por todas as organizações operárias espanholas, e forçoso é constatar que o POUM participou e deu cobertura à dissolução das comissões de aldeias, que foram substituídas pelos concelhos municipais (ayuntamientos), e também a dissolução do Comité Central das Milícias Anti-fascistas. O POUM participou no governo de coligação de Taradellas que se constituiu precisamente com base na destruição desses autênticos organismos revolucionários.

Nin, conselheiro na Justiça da Generalidade da Catalunha, foi em seguida assassinado pelos estalinistas. Nós denunciámos no mundo os crimes da GPU, que, de resto, foram primordialmente dirigidos contra a nossa tendência. Nin pagou com a sua vida a sua dedicação à classe operária e a sua honestidade pessoal, que não está em causa. Mas se Nin nos é querido, a verdade ainda nos é mais querida. A causa pela qual Nin deu a sua vida requer clareza de análise. Não somos sentimentais, somos apaixonados, e os sentimentos que nos devoram não são fracos. A política que prosseguiu Nin no curso da revolução espanhola favoreceu aqueles que depois haviam de assassiná-lo.

A questão central da revolução é a questão do poder; Nin também gostava de o repetir.

Na carta a Kugelmann, durante a experiência da Comuna, Marx dizia: «Afirmo que a revolução em França

deve, antes do mais, tentar, não transferir a máquina burocrática e militar para outras mãos — foi o que sempre se passou até hoje — mas *destruí-la.*»

Ora, o POUM esqueceu esse grande ensinamento de Marx, desenvolvido por Lenine no *Estado e Revolução.*

Que argumentos dava o POUM para justificar a sua entrada na Generalidade, assim como para dar cobertura à dissolução do Comité Central das Milícias Anti-fascistas? Era o medo de *se separar das massas* e de ir contra a corrente. «*Se não entrássemos na Generalidade, deixaríamos de ser uma corrente política, e seríamos varridos da vida política do país*». Essas palavras, ouvi-as eu a Nin pessoalmente, mas não se trata evidentemente de Nin, trata-se de toda a direcção do POUM.

A este argumento acrescentava-se um outro: *a necessidade de colaboração com a pequena burguesia e de aliança com as classes médias. A forma dessa aliança era, segundo os dirigentes do POUM, a colaboração com a Generalidade.*

Analisemos esses argumentos. O primeiro significa que se o POUM não tivesse entrado na Generalidade, deixaria de ser um factor político no país.

Ora, nós afirmámos e provámos o contrário. Se o POUM se tivesse pronunciado contra a colaboração na Generalidade e se tivesse apoiado nos elementos do segundo poder, as comissões, teria aberto a *única via que poderia transformá-las num factor político decisivo no país.* Para nós, não se trata, evidentemente, do factor isolado da entrada para a Generalidade, trata-se do conjunto da sua política.

O POUM devia evidentemente bater-se com outras forças anti-fascistas contra Franco. Isso nem se discute. Mas não devia endossar nem um dedo de *responsabilidade pela política da Frente Popular. Se se tivesse pronunciado com clareza contra a dissolução do Comité Central das Milícias Anti-fascistas e das comissões em geral, o POUM teria*

podido, senão impedi-la, em todo o caso ganhar grandes simpatias no seio doutras organizações operárias, e em primeiro lugar no seio da CNT. Era precisamente essa a via de crescimento do POUM como partido de massa. Teria ele podido impedir a destruição do segundo poder? Como já foi explicado neste trabalho, os elementos do segundo poder existiam ainda em Maio de 1937. Nove meses separam o 19 de Julho do 3-6 de Maio, ou seja *nove meses separaram o nascimento do segundo poder do seu esmagamento pelo poder burguês reconstituído.* Evidentemente, com uma audaciosa política do POUM, o calendário podia ter sido mudado. Repito, nós não somos profetas. E é difícil prever quais os novos factores que poderiam intervir se a situação tivesse evoluido no sentido revolucionário. Mas, em todo o caso, a via da revolução passava pela luta sem tréguas pela manutenção e alargamento dos elementos do poder operário, ou seja precisamente pela via da manutenção dos organismos dissolvidos pelo governo de Taradellas. O POUM dizia cem vezes por dia que se tratava duma «revolução socialista». Mas as Generalidades em política não chegam nem com minúscula nem com maiúscula; sobretudo num período revolucionário. Tratava-se de concretizar a tarefa histórica geral por uma política real. Ora, o POUM, falando da «revolução socialista»... na realidade fazia o mesmo que as outras correntes, ou seja dava cobertura e participava na dissolução dos elementos do segundo poder cuja manutenção e alargamento era condição necessária que podia levar à revolução socialista, não somente nas colunas dos jornais, mas na prática.

Os operários não teriam compreendido, a posição «sectária» do POUM, sobretudo no primeiro período de confusão, de confraternização geral e de corrente unitária a todo o preço? É possível. Mas, o que é certo e seguro, é que depois duma curta experiência, voltar-se-iam inevitavelmente para o POUM. Essa necessidade de ser «sectário», ou seja,

de expor abertamente o programa revolucionário, num momento em que as massas não estão ainda preparadas para o aceitar, existe sempre para a corrente revolucionária.

Não se fez ela sentir também durante a revolução russa? Os bolcheviques não seguiram precisamente essa via? Tiveram medo que os chamassem de trotsquistas da época, aventureiros, utopistas, sonhadores? Não foram tratados como agentes da Alemanha? E no entanto, ganharam as massas.

Se tivesse seguido a via indicada pela IV Internacional, o POUM seria imediatamente perseguido e posto logo fora da lei? Diziam-nos isso também durante as nossas discussões com o POUM em Espanha. Seria perseguido? Talvez; embora não fosse fácil perseguir uma corrente operária na Catalunha em Julho-Agosto 1936. Não teria beneficiado das facilidades que lhe oferecia a sua participação no governo? As milícias do POUM, ou talvez mesmo o hotel Falcon, não teriam sido apoiados financeiramente pela Generalidade? Mas, teria usufruido dum apoio vindo de baixo, da classe operária que se teria voltado para ele quando tivesse compreendido de que se tratava aqui dum partido que realmente lutava pelo poder proletário.

De resto o POUM evitou a repressão? De maneira nenhuma. Embora jurando, e era verdade, que não era trotsquista, continuou a ser considerado como tal pela burocracia estalinista.

Embora se trate de fenómenos diferentes, podemos observar aqui uma certa simetria.

Negrin jurava cem vezes por dia a Chamberlain que não era vermelho, mas apenas republicano. Mas para esse gentleman a «Espanha governamental» continuava mal governada e ele obstinava-se a preferir Franco.

Gorkin repetia também várias vezes ao dia que não era trotsquista, e dizia a verdade, mas a burocracia estalinista considerava-o apesar de tudo como tal e lançou con-

tra o POUM as mesmas calúnias que lança contra a IV Internacional.

Pelas suas explicações e também pela sua política, Negrin não pôde impedir que Chamberlain ajudasse Franco. Quanto a Gorkin, as suas explicações e também a sua política não puderam impedir a repressão contra o POUM «trotsquista». Não valia mais ser um verdadeiro «vermelho» e um verdadeiro «trotsquista»? Isso não aboliria evidentemente os inconvenientes, a saber, o ódio da burguesia internacional e da burocracia estalinista, mas poder-se-ia ao mesmo tempo usufruir das vantagens da política revolucionária consequente, vantagens que puderam recolher os bolcheviques em 1917.

O POUM queria evitar a repressão pela sua política conciliadora. Ele dizia de si para si: *«Se um dia nós formos reduzidos à ilegalidade, será necessário que não estejamos sós, que estejamos com a CNT»*. Nesse domínio, os dirigentes do POUM viviam também de fantasias; e entregavam-se ao bom coração dos dirigentes da CNT. Esses últimos assistiram a seguir passivamente à perseguição contra o POUM. Só uma política de crítica impiedosa ao reformismo da direcção da CNT abria as possibilidades duma frente única com a base revolucionária da CNT, que, evidentemente, na sequência da sua pressão, podia obrigar também a direcção anarquista a alguns passos progressivos.

Quanto ao segundo argumento, ou seja, a necessidade da *aliança com as classes médias*, é no fundo o mesmo argumento de que se serve a Frente Popular no seu conjunto. A falsidade desse argumento está demonstrada no curso deste trabalho. Os dirigentes comunistas pretendem que quando apoiam Daladier em França, ou, em Espanha, Azaña, os radicais socialistas e a Esquerda, fazem uma aliança com a pequena burguesia. Na realidade estão *a reboque* dos agentes pequeno-burgueses do grande capital. A aliança do proletariado com a pequena burguesia é evi-

dentemente necessária no curso duma revolução, sobretudo num país atrasado. Mas há dois métodos de operar essa aliança: *o método menchevista da Frente Popular e o método bolchevista da luta pela ditadura do proletariado.*

Segundo o primeiro método de «aliança com as classes médias», que está actualmente em voga, e que se aplicou em França em 1936, em Espanha, no Chile e noutros lugares, segundo este método querido de Blum, Dimitrov, Thorez e Comorera, a aliança opera-se com base na manutenção da democracia burguesa, ou seja com base na manutenção do regime capitalista. Segundo este método da Frente Popular, os agentes pequeno-burgueses do grande capital detém a direcção desta aliança pequena-burguesia-proletariado. O proletariado segue os dirigentes pequeno-burgueses, e por seu intermédio a burguesia, pura e simplesmente. Vimos tentando demonstrar em cada capítulo deste trabalho como é nefasta, e sobretudo utópica esta via. Pretender-se apresentar como perspectiva no período actual a manutenção da democracia burguesa, é o mesmo que querer dar como perspectiva à técnica o regresso da aviação aos carros romanos. O fascismo é um produto inevitável do regime capitalista. Para suprimir o efeito, é necessário suprimir a causa. O método bolchevique da aliança com as classes médias significa que o proletariado deve deter a hegemonia no bloco. Só essa hegemonia, e só a ditadura do proletariado podem, de resto, trazer alguma melhoria ao destino da pequeno-burguesia e livrá-la do grande capital.

A Generalidade e o governo de Taradellas, ao qual aderiu o POUM, foram uma aliança com a pequena-burguesia também à moda da Frente Popular. O «programa socialista» do governo de Taradellas não passava de fraseologia. O decreto sobre as colectivizações não era mais do que consagração tardia dum estado de facto; mas a dissolução dos organismos de duplo poder abriu a via à contra-revolução. Evidentemente, para os burgueses democratas e para os

estalinistas que, na época, não tinham atrás de si senão uma ínfima parte do proletariado, o governo de Taradellas com a participação de Nin não era mais do que uma solução intermediária, provisória. Eles esperavam que a relação de forças mudasse, permitindo-lhes desembaraçar-se do POUM e também da CNT. Na verdade, pela sua política a reboque da Frente Popular, o POUM ajudou a mudar a relação de forças em seu desfavor. Apesar do serviço que Nin prestou aos seus inimigos, foi despejado da Generalidade, no mês de Dezembro de 1936, e o POUM foi remetido forçadamente à oposição.

O POUM corrigiu a sua política depois desta experiência ministerial? Fez uma séria autocrítica e enveredou por uma orientação revolucionária? Nenhum partido revolucionário está imunizado contra os erros, mesmo graves, toda a questão está em saber se encontra em seguida em si próprio, forças para corrigir os seus erros.

Ora o POUM, depois de Dezembro de 1936, não aprendeu nada. Acentuou evidentemente um pouco a linguagem de oposição, mas, no fundo, mantinha como perspectiva o regresso à mesma experiência ministerial.

A palavra de ordem do governo operário e camponês, que se propunha realizar, não era outra coisa senão um novo governo da Generalidade com um novo convite a Nin para se reintegrar no posto. As apreciações teóricas do POUM mudavam um pouco: assim, nas colunas da *Batalla* e nos discursos dos membros do Comité Executivo, Companys e Taradellas, que antes de Dezembro eram uns pobres pequeno-burgueses, enriqueceram e tornaram-se grandes burgueses, depois da expulsão do POUM da Generalidade.

Quando o POUM falava de «*governo operário e camponês*» tinha duas maneiras de explicar a sua palavra de ordem. A variante de direita queria dizer: «O governo de todas as forças anti-fascistas», em suma a solução das

várias e difíceis crises da Generalidade pela reedição ao governo de Taradellas com a participação do POUM. A variante de esquerda, que alternava nas resoluções e discursos com a variante de direita, não valia mais e queria dizer «Govern Obrer y Camperol» como resultado dum congresso das comissões ou, posteriormente, para se aproximar da CNT, como resultado dum congresso das comissões e dos sindicatos.

Mas toda a questão era como poderia realizar-se um tal congresso. O POUM imaginava que podia ser realizado a partir de cima, ou seja através dum acordo com os dirigentes da Frente Popular e ainda por cima por via pacífica. Esta via pacífica, expô-la Nin ainda alguns dias antes dos acontecimentos de Maio. Nin[39] que conhecia a fundo a experiência da revolução russa, invocava a posição análoga de Lenine no período Abril-Junho para dar força à sua perspectiva de via pacífica. Infelizmente aconteceu-lhe o que acontece aos grandes eruditos do marxismo: conhecem os textos, mas servem-se das analogias precisamente quando elas não podem ser aplicadas. A «passagem pacífica» foi possível durante um período da revolução russa porque o segundo poder, ou seja, o poder dos sovietes existia e predominava sobre o primeiro poder, ou seja o poder do governo provisório. Em certa medida existia em Espanha uma situação análoga de Julho a *Setembro*. Mas somente até *Setembro*, ou seja até à formação dos governos de

---

[39] É-nos muito desagradável discutir com o defunto que infelizmente não pode responder. Mas nós não temos alternativa. É-nos difícil por exemplo, discutir as concepções teóricas de Gorkin... Esse verdadeiro mestre do aparelho do POUM e talentoso organizador preocupava-se em fazer a política do dia-a-dia sem se preocupar com as generalizações teóricas. Nin era o verdadeiro ideólogo do POUM. De resto, os «ninistas» felizmente ainda estão vivos.

coligação de Madrid e de Barcelona. Ora, o POUM previa ainda a via pacífica no mês de Abril de 1937.

A política do POUM em relação à CNT reflectia também o seu «medo de se separar das massas», e sobretudo a sua moleza ideológica. Era um namoro infeliz. Evidentemente, não se podia fazer nada na Catalunha sem o concurso da grande central sindical anarco-sindicalista que tinha atrás de si a maioria do proletariado catalão e sobretudo a esmagadora maioria dos elementos combativos. Mas a via que escolheu o Comité Executivo do POUM para se aproximar das massas da CNT era falsa. A via da conquista e da penetração na massa revolucionária da CNT e FAI passava pela crítica impiedosa da chã política reformista da direcção anarquista. Era preciso denunciar abertamente a hipocrisia ridícula desses «antipolíticos» e «antiestatistas» que exerciam funções de ministros e prefeitos. Era a via da conquista dos elementos sãos de base da CNT. Mas, a isso, o Executivo do POUM preferia um namoro descarado com o Comité Regional. Ele dizia sempre: «Nós e a CNT, duas forças da revolução!». A isto a requestada, a direcção da CNT, respondia, quando se dignava responder: «Nós e a CNT... Que pegajosos sois, sois uns chatos! Deixai-nos em paz. Sujos políticos!»

A via de aproximação para com a base da CNT passava para o POUM pela entrada dos seus sindicatos FOUS na central revolucionária anarco-sindicalista. Foi essa a via indicada (e por várias vezes) pelos representantes da IV Internacional. Infelizmente (e foi uma das suas faltas mais graves) o POUM entrou com os sindicatos que influenciava na UGT reformista e esquelética, que não agrupava de início senão elementos pequeno-burgueses. *Assim o POUM confundia-se aos olhos dos operários da CNT com os estalinistas, a Esquerda em suma com os seus elementos pequeno-burgueses.* Decerto, a via dum trabalho no interior da CNT não era fácil. A burocracia «antipolítica e

antiestatista» sabe também empregar métodos de coacção para com revolucionários. Mas em que livro ensinam que a revolução é uma coisa fácil? A entrada na CNT era a única via.

Para voltar de novo à questão central da revolução que é *a questão do Estado*, é-nos forçoso lembrar que em todo esse período decisivo até ao mês de Maio, o POUM mantinha quanto a essa questão uma posição semi-reformista. Quando o POUM estava no governo, pensava que o aparelho estatal burguês estava destruído porque havia pessoas de confiança na polícia. A ditadura do proletariado «sob a sua forma original e espanhola» era realizada sob a forma do governo da Generalidade de Taradellas. Depois o POUM abandona essa apreciação teórica. Pela simples mudança ministerial, passámos «pacificamente» da ditadura do proletariado ao regime burguês. Mas o POUM continuava por exemplo a falar de depuração do aparelho estatal, como se se tratasse duma questão de quantidade e não de qualidade. A Frente Única da Juventude Revolucionária estabelecida entre a Juventude do POUM e as Juventudes Libertárias no mês de Janeiro de 1937, punha como um dos pontos do seu programa a depuração do Estado.

O choque de Maio de 1937 foi o resultado por um lado do conluio da coligação estalino-burguesa, por outro, da resposta espontânea da base revolucionária da CNT que subiu às barricadas para a defesa das conquistas do 19 de Julho, mas foi traída pela direcção anarquista. O POUM não podia evidentemente, mesmo que tal fosse o seu desejo, organizar a sublevação de Maio, como afirma a lenda estalinista, como partido minoritário que era sobretudo em Barcelona.

Mas, na realidade, o POUM não somente não organizou uma sublevação em Maio segundo as invenções ridículas da GPU, como não formulou sequer no curso desse trágico momento um programa de salvação da Revolução. Durante

essas jornadas grandiosas, o POUM manteve-se também a reboque da sua requestada: da direcção da CNT e mais exactamente do Comité Regional[40].

Por volta das seis horas da tarde, a 3 de Maio, os representantes do Comité Executivo tiveram uma entrevista com os representantes do Comité Regional. No decurso dessa entrevista, puseram todas as suas forças à disposição do Comité Regional.

O Comité Regional, tomou nota da oferta do Comité Executivo e respondeu-lhe que o convocaria se houvesse necessidade. A direcção da CNT colabora na obra da pacificação do governo de Valência contra a base da sua própria organização que entregou à perseguição. Mas as comissões de barriadas (de bairros), os quadros médios da CNT e da FAI estavam nas barricadas. O POUM teria podido encontrar um verdadeiro eco nesses elementos revolucionários, fornecer-lhes um programa de acção ou seja um programa de insurreição. A direcção do POUM teve medo. Não se trata para nós de medo físico, mas de falta de audácia política, motivada por essa angústia de ficar só.

Quando os operários abandonaram as barricadas e a cidade foi entregue às forças da repressão vindas de Valência, os poumistas evidentemente também tinham que abandonar as barricadas, mas o dever dum partido, tantos nos períodos de ascenso como nos períodos de refluxo e derrota, é dizer a verdade aos operários, explicando a situação real, educar o proletariado e assim prepará-lo para futuros combates.

Infelizmente, *A Batalha* dizia que era dia quando era noite. Dizia como a «Soli» que os operários de Barcelona ripostavam vitoriosamente ao ataque da contra-revolução.

---

[40] Os militantes do POUM estavam nas barricadas, mas isso não muda nada quanto à falta de orientação da sua direcção.

Para não desencorajar os operários, pretendia-se apresentar com vitória o que tinha sido uma derrota e o ponto de partida de uma vaga de repressão.

Depois dos acontecimentos de Maio, a direcção do POUM não compreendeu a mudança das relações de força que se operou no seguimento dessa luta sangrenta. A repressão surpreendeu completamente a direcção do POUM. Um dos ensinamentos do bolchevismo, cujo desconhecimento os revolucionários pagarão caro nos futuros combates, é a necessidade de o partido proletário ter, mesmo no *período de legalidade, um outro aparelho ilegal, a fim de poder em caso de derrotas salvar os seus quadros e o seu estado-maior.* Esse ensinamento era desconhecido do POUM. E não era preciso ser-se muito esperto para prever, a *seguir a Maio,* uma repressão contra o POUM. Os dirigentes do POUM diziam textualmente:

«A Espanha não é a Rússia, Barcelona não é Moscovo», como Paul Faure proclama em França, para justificar a passividade face ao fascismo: «A França não é a Alemanha», como se a luta social não tivesse um carácter internacional e como se as mesmas causas nas mesmas circunstâncias, não produzissem os mesmos efeitos, em todos os meridianos e latitudes.

Os dirigentes do POUM continuaram a morar em suas casas e a manter as permanências nas suas instalações até ao dia em que a polícia estalinista os prendeu. Não se trata aqui somente da imprudência e despreocupação atribuída, talvez exageradamente, aos Espanhóis mas do desconhecimento da situação real. «Prieto não é um bolchevique», consolavam-se os dirigentes do Comité Executivo e continuavam a residir nas Ramblas.

O período de seis semanas que separavam o 3-6 de Maio da ignóbil provocação estalinista do 20 de Junho podia ser explorada por um partido para organizar o seu trabalho ilegal e para pôr os seus chefes a bom recato.

A este quadro muito sumário e incompleto da política do POUM nos momentos mais críticos, é necessário acrescentar também muito sumariamente a maneira como a direcção do POUM tratou os verdadeiros trotsquistas, os adeptos de IV Internacional, os bolcheviques-leninistas espanhóis. As pessoas no estrangeiro vivem da lenda do POUM «trotsquista». Na realidade a direcção do POUM era composta de anti-trotsquistas tímidos e envergonhados como Andrade. Na *Batalha,* órgãos central do POUM, condenava-se o trotsquismo como uma tendência demasiado sectária. Em vários artigos os chefes do POUM declaravam-se anti-trotsquistas e anti-estalinistas e punham muitas vezes as duas correntes em pé de igualdade.

«Nós não somos nem estalinistas, nem trotsquistas, mas poumistas» declaravam os dirigentes do POUM e tinham até a pretensão de que todo o movimento operário mundial se dividira em torno da atitude a adoptar em relação ao POUM, em poumistas e anti-poumistas, como durante a revolução russa em bolcheviques e anti-bolcheviques.

Tentámos analisar sumariamente neste capítulo o que era o poumismo, sobretudo o que era a sua política no curso da revolução espanhola. A «ligeira» diferença com o bolchevismo aparece claramente.

O anti-trotsquismo dos dirigentes do POUM tomava formas agudas. Se logo de início ou seja no curso dos primeiros meses que se seguiram ao 19 de Julho, o POUM aceitou a colaboração técnica de alguns militantes da IV Internacional, era mais porque alguns camaradas da nossa organização se encontraram na luta e conquistaram esse lugar combatendo. A colaboração técnica doutros camaradas estrangeiros teve melhor aceitação dos dirigentes do POUM. Os dirigentes do POUM, substituiram-nos na primeira oportunidade pelos seus verdadeiros amigos internacionais: os maximalistas italianos, os sapistas alemães, os pivertistas franceses, etc. Gorkin não justificava que

«a invasão pelos trotsquistas dos serviços de propaganda do POUM» resultava do facto de que era preciso alguém para esse serviço e serviram-se dos primeiros que chegaram?

O nosso grupo espanhol pediu no mês de Novembro de 1936 para aderir ao POUM: comprometeu-se a respeitar a disciplina do partido e pediu apenas o direito de defender no quadro do partido as suas concepções políticas. Nin, em nome o Executivo (para esse género de tarefa Gorkin designava sempre Nin) respondeu exigindo dos nossos camaradas entre outras coisas «a condenação das campanhas da pretensa IV Internacional».

Mesmo os camaradas que não faziam nenhum trabalho fraccional no POUM, mas defendiam as ideias da IV Internacional, eram considerados como suspeitos e empestados. E não só eles, mas até aqueles que mantinham com eles relações amistosas foram considerados como pessoas com que mais vale não ter relações. O POUM excluiu certos camaradas da sua organização duma maneira perfeitamente estalinista, sem discussão, por delito de desvio da linha política do partido (fórmula textual)...

O POUM que na discussão insistia sempre nos métodos burocráticos impossíveis do Secretariado Internacional da IV Internacional, não teve tempo de convocar um só congresso do partido entre Julho e Maio, nove meses e que meses! De resto, até a sua entrada na Generalidade foi decidida sem consultar a base! E esse partido queria identificar-se com o partido bolchevique que, em 1917, e depois em plena guerra civil discutia livremente e elaborava na febre apaixonante e salutar das lutas, as tendências e opiniões no seu seio, a política a seguir!

Para facilitar a preparação do seu congresso, a direcção do POUM foi ao ponto de excluir das suas milícias os bolcheviques-leninistas que, durante oito meses, se mantinham nas trincheiras e expunham o seu peito à metralha

fascista! Mas todo aquele que atacasse o trotsquismo, usufruia do apoio incondicional do Executivo. Como exemplo, poderíamos citar entre outros os dois irmãos romenos M., um dos quais era comissário político da divisão Lenine, e que se orgulhava de estar na posse dum ficheiro muito bem documentado dos nomes de todos os trotsquistas, as suas moradas, ocupações, etc. O comissário político romeno em questão passou-se depois do mês de Maio para os estalinistas e transmitiu provavelmente esse ficheiro anti-trotsquista à GPU, com outros ficheiros dos poumistas...

Outra coisa, os bolcheviques-leninistas, apesar da repressão anti-trotsquista do Executivo, estavam em todos os momentos difíceis ao lado do POUM. Ofereciam sempre a sua experiência política e também os seus próprios peritos.

Para ser bem recebido pelo Executivo do POUM, era necessário denunciar obrigatoriamente o sectarismo do S. I. da IV Internacional, sobretudo contar que se foi «vítima pessoal», há 5 ou 8 anos, dos procedimentos inadmissíveis de Leon Trotski. Não falar disso era já considerado de mau gosto pelo Falcon e pelo Executivo.

O POUM estava pois bem longe da IV Internacional e Gorkin tinha medo do trotsquismo como o diabo da água benta. No entanto, só o «trotsquismo» ou seja a política bolchevique da IV Internacional podia salvar o POUM e abrir-lhe amplas perspectivas.

Qual é o futuro do POUM? Ele pode servir de base par o futuro da Revolução Espanhola? Só a experiência e a via em que se empenhar, as lições que souber tirar da trágica experiência poderão responder a esta questão. Temos criticado as suas posições políticas, mas devemos também avançar os seus pontos fortes, a coragem e dedicação dos seus militantes. Não teve ele no seu seio milhares de militantes como Mena? E não os tem ainda? Não tomou parte, e *de que maneira*, no 19 de Julho? Os seus militantes

de marca como Germinal Vidal[41] não estiveram entre os primeiros assaltantes dessa jornada cem vezes gloriosa? Os seus Miguel Pedrolo e outros não misturaram logo o seu sangue ao conjunto do proletariado? E essa coluna de Rovira saída com outras «Tribus» em direcção a Huesca? Conhecemos também as qualidades de organização dos militantes e dirigentes do POUM que se salientam sobretudo se as comparamos com as dos anarquistas espanhóis, tão heróicos, mas desordenados nos seus métodos e desprovidos duma bússula ideológica.

Todas estas qualidades do POUM devem ser completadas no futuro por uma justa orientação revolucionária. A IV Internacional propõe-lhe o seu programa. Algumas das nossas críticas são exageradas ou mesmo erradas? Cometemos faltas de organização? Temos falta de flexibilidade? Talvez.

Estamos dispostos a rever tudo, e a tudo rediscutir. Rimos das concepções de infalibilidade no movimento operário. Estamos dispostos a ajudar à reconstrução do partido operário de Espanha. Pomos uma só condição: liberdade de discussão, disciplina na acção!

---

[41] Germinal Vidal, dirigente da Juventude do POUM, tombado a 19 de Julho na Praça da Universidade em Barcelona.

XVIII

OS ANARQUISTAS DE ESQUERDA E OS «PESQUISADORES DE DEUS» À LUZ DA EXPERIÊNCIA ESPANHOLA

Neste trabalho, não analisámos em pormenor a política de direcção da CNT (Confederação Nacional do Trabalho), anarco-sindicalista e da FAI (Federação Anarquista Ibérica). De qualquer modo, o leitor pode ficar a fazer uma ideia geral da política anarquista em Espanha pelos factos contados no capítulo: «E a CNT» e também por outros factos citados noutros capítulos.

Pela primeira vez na história, os anarquistas tiveram a possibilidade de aplicar as suas teorias em grande escala. Na região decisiva e mais industrializada de Espanha, a Catalunha, gozavam duma autoridade sem par, e tinham o apoio incondicional da esmagadora maioria do proletariado. É através da experiência que se pode avaliar a correcção das teorias bem como a eficácia dos métodos. Que restou das teorias de Bakunine, Kropotkine, Malatesta depois da experiência espanhola? Nós, marxistas, desde há décadas que vimos demonstrando o carácter pequeno-burguês e limitado das concepções anarquistas. Nos seus trabalhos teóricos, os nossos mestres, Marx, Engels, Lenine, Plekhanov, para apenas citar estes, rejeitaram as concep-

ções anarquistas do ponto de vista doutrinal, mas servindo-se também da experiência viva da luta de classes. No entanto, a guerra civil espanhola, que pôs à prova a ideologia anarquista, fornece-nos nova oportunidade de explicarmos a sua incoerência ideológica.

A tese fundamental do anarquismo, tese que o demarca do bolchevismo, é a tese da possibilidade de passar à anarquia, sem o período de transição da ditadura do proletariado, ou seja é a tese da supressão imediata do Estado e do seu aparelho de opressão.

Que se aproveita dessa concepção, após trinta e um meses de guerra civil em Espanha? Assistimos pela primeira vez à experiência picante e inesperada do *anarquismo ministerial*. É como se alguém dissesse: um malandro honesto ou um idiota esperto. Os anti-estatistas transformaram-se em ministros, os bombistas em chefes da polícia, os terroristas em directores de prisão, no curso dessa transformação, os Garcia Oliver e Frederico Montseny tiveram oportunidade de mostrarem a natureza profundamente reformista da direcção da CNT que para as massas foi um travão tão grande como os austro-marxistas.

Como justificava a direcção do CNT a sua evolução? Mais ou menos da mesma maneira que os outros dirigentes da Frente Popular. Em princípio compreendes? — essas pessoas são pela anarquia, mas, para já vão salvando o Estado burguês; Thorez em princípio também é pela luta popular de classe, mas para já, vai propalando a união da nação francesa, ou seja a união dos burgueses e proletários franceses. Em princípio, são fervorosos adeptos do anti-alcoolismo, mas, no entanto, embebedavam-se durante esses trinta meses trágicos.

Os ideólogos anarquistas afirmavam, contudo, que os princípios continuavam salvaguardados, porque tinha intervindo um facto imprevisto e «novo»: a guerra e a intervenção estrangeira. Como se, sobre esta terra, se pudesse

libertar o proletariado de qualquer país sem guerra e sem intervenção estrangeira!

Mas deixemos de lado os anarquistas ministeriais que não se dão conta do ridículo da sua situação. O seu papel foi abordado no curso deste trabalho, mesmo que sumariamente.

Existem, no entanto, em Espanha e em todo o mundo, grupos anarquistas de oposição, que condenam a política da direcção da CNT e do FAI, e julgam em termos severos as traições de Garcia Oliver e outros anarquistas ministeriais. Numa linguagem por vezes ardente e violenta, eles estigmatizam o reformismo, a moleza dos comités de direcção anarquistas, mas eles vêem a origem do mal na *não-aplicação da verdadeira doutrina anarquista,* e no facto da CNT e da FAI começarem a fazer «política» como o fazem os marxistas desde sempre. Segundo eles, a CNT e a FAI continuavam revolucionárias até ao 19 de Julho. Enquanto se atinham ao terreno da acção directa e da luta económica, tudo ia bem. Mas o mal começou quando os dirigentes da CNT começaram a fazer compromissos com outros partidos políticos. De compromisso em compromisso, os dirigentes anarquistas deslizaram para o reformismo. Por exemplo, segundo certos ardorosos dirigentes das Juventudes Libertárias, a primeira falta foi já a criação de organismos estatais, como o *Comité das Milícias Antifascistas.* Era já uma obrigação, era já o Estado em potência. Não vale a pena fazer uma revolução que tem precisamente por objectivo suprimir o Estado se no primeiro dia da revolução se começa a edificar um novo aparelho estatal. E as Comissões de Defesa em que os anarquistas haviam de vir a colaborar, e onde por consequência estabeleceram compromissos com outros «políticos», não foram já o princípio do deslize da CNT e FAI para essa «podridão política»? Era necessário deixar livre curso à iniciativa do povo. Não se devia destruir essa esplêndida

espontaneidade do 19 de Julho. Nesse dia, o povo sem armas não esmagou em 24 horas em Barcelona a sublevação dos militares? Não se lançou de peito descoberto contra o fogo das metralhadoras? E venceu. Devia-se ter persistido nessa via. *Não perder a confiança no povo.* Quando começamos a meter as mãos na política, estamos perdidos! (Tal como os Judeus ou os maometanos se tornam impuros ao comerem carne de porco, os anarquistas tornam-se impuros mal toquem na política). Esta fatal transformação dos lutadores anarquistas em calmos ministros não é a ilustração viva do que espera todo aquele que começa a fazer «política»? A política é a arte de enganar os outros. Sempre o dissemos. Será necessária mais alguma prova da razão dos anarquistas?

Encontramos este raciocínio em várias revistas e folhas anarquistas, como *Ideas,* que pregam o retorno ao anarquismo doutrinal puro. Ele reflecte o estado de espírito dos jovens anarquistas e também de alguns veteranos que criticam a atitude dos dirigentes reformistas da CNT. Como exemplo, pode-se citar entre outras a crítica feita pelo anarquista americano Schapiro.

Para ilustrar melhor este raciocínio dos anarquistas, citarei as afirmações que me fez em Barcelona uma anarquista culta e dedicada.

Em Abril de 1937, quando os conselheiros anarquistas na Generalidade aprovaram os decretos sobre a reorganização da ordem interna no sentido burguês[42] a minha simpática anarquista estava revoltada: estava admirada com a moleza do Comité Regional, que não fazia valer suficientemente a sua força no decurso das crises ministeriais da

---

[42] Esses decretos respeitantes à ordem pública não puderam ser aplicados depois de Maio. Para os aplicar era preciso desarmar o proletariado de Barcelona.

Generalidade e que não sabia impôr um presidente do Conselho da Generalidade da CNT. A CNT devia ter, segundo ela, mais que uma pasta. É verdade que ao dizer isto ela não era muito de «esquerda»... Mas um quarto de hora depois o seu «esquerdismo» e a sua «pureza» levaram a melhor sobre o desejo de ver todas as municipalidades ocupadas pelos anarquistas. Dizia: «Eu agora sou mais anarquista que nunca. Quando uma pessoa começa a fazer política e a ocupar funções públicas, desce muito baixo! É necesário ser intransigente!».

Discuti dezoito meses depois com a mesma anarquista em Barcelona. A sua tendência de oposição anarquista tinha-se acentuado. De resto, esta revolucionária íntegra acabava de sair duma prisão privada, da «Tcheca», acusada de espionagem.

Em resposta à minha argumentação, ela rispostava: «Vós, os trotsquistas, costumais falar da falência do anarquismo por causa da experiência ministerial de Garcia Oliver e Frederica Montsenny. Pela mesma ordem de ideias, podemos falar da falência do marxismo devido às experiências de Blum, Negrin, Estaline ou José Diaz! Dizeis que o marxismo não foi aplicado no decurso da revolução espanhola: muito bem, o verdadeiro anarquismo também não foi aplicado.»

Tudo isso é muito bonito, muito tocante quando o ouvimos da boca de jovens ardorosos anarquistas. Os argumentos parecem razoáveis à primeira vista, mas na realidade são castelos no ar: basta tocar-lhes com um dedo para o constatar. No raciocínio dos anarquistas de esquerda falta um pequeno pormenor: o positivo.

Quando nós, marxistas consequentes, ou seja adeptos da IV Internacional, fazemos uma crítica à política estalinista, reformista e anarquista (que no fundo era a mesma política era a política da Frente Popular), não nos contentamos em refutar, *indicamos a via a seguir.* Indicamos

os métodos revolucionários que podem levar o proletariado à vitória. Esses métodos, não os inventámos, apenas damos expressão à experiência de luta de classes do proletariado internacional. Indicamos o exemplo da vitoriosa revolução de Outubro de 1917, indicamos esse passo gigantesco no avanço da humanidade, o maior que a história conheceu, se bem que tenha sido seguida por uma momentânea reacção estalinista. Nós dizemos aos operários: não sigais a política de Frente Popular, pois ela vos conduz ao abismo, segui a via de Lenine e Trotski à escala mundial, e ela dar-vos-á a vitória mundial, ou seja a libertação do capitalismo para toda a humanidade. E não nos contentamos em expôr essa ideia geral, indicamos ao proletariado em cada situação concreta o passo táctico, o caminho. Nós dizemos: Quando Garcia Oliver, pronunciou o seu discurso *Alto el Fuego! (Cessar fogo!)*, a 4 de Maio de 1937 (um discurso decalcado sobre o de Thorez: «É necessário terminar as greves») traíu os operários de Barcelona, mas, ao mesmo tempo, acrescentamos: o dever da direcção revolucionária durante as jornadas de Maio era responder à provocação estalino-burguesa com a tomada do poder pelo proletariado, que só depois de ter estabelecido a sua ditadura seria capaz de conduzir com sucesso a guerra contra o fascismo. Aos processos da Frente Popular, contrapomos em cada domínio, quer seja militar, económico ou outro, os métodos revolucionários cuja eficácia é verificada pela experiência.

Procuramos em vão nos escritos críticos dos anarquistas de esquerda o positivo, ou seja *a via a seguir segundo os oposicionistas*. Não a encontraremos pela simples razão que ela não pode ser encontrada com bases nas concepções anarquistas.

A espontaneidade do 19 de Julho era verdadeiramente bela. A iniciativa do povo, o seu heroísmo sem exemplo era uma jornada grande e inesquecível para o proletariado, mas era uma jornada, ou seja, durou vinte e quatro horas.

E, uma vez passadas essas vinte e quatro horas o proletariado tem que continuar a lutar, pois é impossível abater o regime capitalista numa jornada, ou sequer numa semana. A classe operária não tem apenas que continuar a lutar: tem que organizar a sua luta. E quando passamos à organização, quando pomos a mão na massa, começamos a sujar-nos, começamos a agir e a tomar responsabilidades, sobretudo num período revolucionário, pois não nos podemos já contentar em fazer críticas ao regime capitalista; começamos a fazer política. É inevitável. Só que, *é necessário fazer política revolucionária.*

Vitoriosamente terminada a grande jornada revolucionária, desfazem-se as barricadas: mas os combatentes das barricadas que escaparam às balas encontram-se no dia seguinte, encontram-se nas ruas e, depois, na fábrica. Para preservar as suas vitórias, tem que constituir organismos de defesa, juntas e comissões. E nessas comissões, é forçoso que entrem não só os operários mais avançados, mas também os que se encontram atrasados e imbuídos de espírito pequeno-burguês. Nessas comissões, os revolucionários devem estar lado a lado com os reformistas e oportunistas, sobretudo quando estes últimos influenciam o proletariado. Devem fazer compromissos. Simplesmente terão que fazer compromissos revolucionáriocs, ou seja compromissos que favoreçam a luta do proletariado, e não compromissos podres que favoreçam os inimigos, como aqueles que foram estabelecidos pelos anti-estatistas Garcia Oliver e Frederico Montsenny. Os anarquistas de esquerda fariam bem em reler «A doença infantil do comunismo» de Lenine. E fariam melhor se assimilassem as lições dessa obra marxista. Isto evitar-lhes-ia as divagações e ensinar-lhesia o socialismo revolucionário.

A revolução, é a luta pelo poder. Esta luta toma uma forma aguda e sangrenta. O poder passa das mãos duma fracção para as mãos duma outra mais revolucionária ou

mais moderada, duma maneira diferente da que se opera na transferência do poder dos conservadores para trabalhistas no regime constitucional e parlamentar inglês.

Tudo anda sobre a corda bamba. Os senhores de ontem transformaram-se em prisioneiros e vice-versa. Lenine dizia que as prisões são, na época revolucionária, a ante-câmara dos ministérios, e ele deduzia assim a necessidade do terror vermelho!

Quando os Mozos de Escuada me libertaram depois dos acontecimentos de Maio, diziam-me: *Hasta la vista.* Até à próxima! E acrescentavam: Até breve, ou talvez troquemos de papel. Numa época revolucionária, o problema põe-se sempre: nós ou vocês.

Durante as jornadas de Julho e duma maneira mais aguda durante as jornadas de Maio, o problema do poder punha-se para a CNT e para a FAI. Tomar o poder ou deixá-lo aos outros: ou seja à burguesia de esquerda e aos estalinistas. Não havia escapatória possível. Durante os primeiros meses que se seguiram ao 19 de Julho, a direcção da CNT fechava obstinadamente os olhos para não ver a realidade. Na Catalunha, a realidade era que ela dominava toda a vida do país, possuía armas, e podia tomar o poder sem dar um tiro, quase. Mas os dirigentes da CNT diziam: preocupamo-nos apenas com a economia, os sindicatos e as fábricas. O poder é coisa que só pode interessar aos políticos. Deixou assim passar a primeira ocasião mais propícia. No mês de Setembro na Catalunha, e no mês de Novembro em Madrid, os anarquistas que se fartavam de repetir a ideia de que um poder das comissões operárias é «estatista» demais, começaram a trabalhar na reconstituição do Estado burguês. No mês de Maio de 1937, a questão do poder pôs-se de novo à CNT, mas duma forma mais aguda que em Julho. Eram os estalinistas que tinham passado ao ataque para desarmar a CNT. Esta última ou tomava o poder ou se demitia. Escolheu a segunda via.

Que devia fazer a CNT, segundo os anarquistas de esquerda? Os anarquistas na sua maioria, ficaram calados e não respondem a esta questão-chave. Alguns dos oposicionistas chegam à ideia duma ditadura da CNT, mas exprimem-na de forma imprecisa. Ao exprimi-la, aproximam-se evidentemente dos nossos pontos de vista. Mas que resta então do anarquismo?

O único grupo oposicionista no interior da CNT que exprimia ideias claras, sobretudo durante as jornadas de Maio, eram «Os Amigos de Durruti». Pronunciaram-se por uma Junta Revolucionária que, apoiando-se nas comissões e sindicatos, devia tomar o poder. Infelizmente «Os Amigos de Durruti» pararam a meio caminho na sua crítica. Esperamos que no futuro saibam tirar as lições da trágica experiência.

Se nos detivemos nas ideias dos anarquistas de esquerda, é porque as suas ideias reflectem o estado de espírito da base da CNT. Ora, o futuro do movimento operário espanhol depende em grande medida da evolução da base revolucionária da CNT e da FAI para posições revolucionárias, ou seja para posições da IV Internacional.

Depois de termos passado em revista as ideias dos anarquistas de esquerda, queremos deter-nos naqueles que, à escala internacional, romperam com o estalinismo, mas combatem apesar disso os métodos bolcheviques. Analisámos a política do POUM e demonstrámos em que é que que ela se distingue da nossa. Não vamos evidentemente discutir com os diferentes grupos «trotsquistas antitrotsquistas» do género Oelher, etc.... Em geral, esses grupos não têm a opor-nos ideias, mas rancores pessoais: não apreciámos como devíamos o seu valor de dirigentes do movimento operário, substimámo-los, etc. De resto, Trotski, ao que parece, não saberia manejar os homens. Eles criticam os nossos «métodos de organização». Contudo, em vez de os criticar, fariam melhor em vir trabalhar connosco para

os melhorar. Estamos dispostos a aprender, mas não temos tempo a perder... Desenhava-se, no entanto, desde há dez anos, à escala internacional uma tendência de *«pesquisadores de Deus»*. Apelidamos assim todos aqueles que condenaram o estalinismo mas crêem que a origem do estalinismo residia já no bolchevismo. Condenam não só os métodos estalinistas, mas o seu contrário, os métodos leninistas. Dizem que a nossa análise dos erros do estalinismo é superficial. Não vamos, ao que parece, à origem do mal e paramos somente nas suas consequências lógicas. Foi o próprio Lenine quem, segundo esses novos anti-bolcheviques, começou a contra-revolução na Rússia e abriu o caminho a Estaline. Os métodos bolcheviques de organização que careciam de democracia, e desconheciam a liberdade, abriram o caminho a Estaline. Por isso, é preciso rever, não só o estalinismo, mas também o bolchevismo. É necessário rever tudo. Alguns vão mais longe, e dizem que as raízes do mal residem já nas várias faltas da própria concepção marxista. Entre os ideólogos dessa concepção «estalinismo-igual-bolchevismo» podemos citar Boris Souvarine que, diga-se de passagem, acabou no *Figaro*. Mas nem todos enveredaram pela via do velho jornal do grande homem dos perfumes franceses.

Há em todo o mundo vários milhares de revolucionários honestos que se encontram num desespero ideológico sem precedente, que vêem onde conduz o estalinismo, pelo qual sentem uma profunda e justificada repugnância. Mas, depois de terem rejeitado o estalinismo, começaram a duvidar de tudo, do bolchevismo e do marxismo. E procuram desde há seis anos novos métodos revolucionários superiores a bolchevismo e mesmo ao marxismo. Alguns de entre eles querem ir a Rosa Luxemburgo buscar argumentos contra o bolchevismo e Lenine. Apoiam-se nas divergências entre Lenine e Rosa nas questões de organização, e também nas críticas feitas por Rosa aos métodos bolcheviques na

sua brochura «A Revolução Russa». Essas ideias foram expressas em França pelo grupo «Spartacus» que edita a revista «Massas», e em tantos outros países por grupos similares. Esses anti-bolcheviques querem extrair de Rosa Luxemburgo argumentos contra a ideia duma organização centralizada à maneira leninista. Combatem em consequência a IV Internacional, que se baseia em concepções leninistas. Rejeitando o bolchevismo, procuram novos métodos revolucionários, e até novos métodos de pensamento, concluindo por exemplo que a dialéctica marxista se presta a interpretações demasiado arbitrárias. Não sabendo a que santo se dedicar, procuram um novo deus. Quando empregámos neles esse termo que Lenine empregava contra o empiriocriticismo e conta Lounatcharsky, não o empregamos no sentido pejorativo ou por necessidade de polémica. «Os pesquisadores de deus» são seinpre uma realidade em períodos de desespero ideológico que se seguem às catástrofes. E a queda ideológica do Comintern não foi uma catástrofe? De resto, é muito inteligente e nobre criticar, querer aprofundar as coisas, levar o mais longe possível a análise e sobretudo *procurar*. Mas o que é mais difícil é encontrar.

Não temos intenção de responder neste trabalho a todas as objecções dos pesquisadores e revisionistas, que de resto podem ter razão em algumas das suas críticas. Não temos a pretensão de resolver aqui o problema dos pecados originais do bolchevismo nem mesmo de o analisar a fundo. Queremos somente, à luz da trágica experiência, demonstrar que os pesquisadores deitam fora a criança com a água do banho, misturam a palha com o grão e não encontraram novos e melhores métodos de estratégia revolucionária, nem novos métodos de pensamento e que no curso da revolução, as ideias do bolchevismo que eles criticam precisamente como nefastas, receberam uma nova confirmação.

1) A ideia bolchevique da *necessidade dum partido revolucionário, centralizado*, dum partido de vanguarda do proletariado foi confirmada mais uma vez na revolução espanhola. As condições objectivas para uma revolução proletária existiam em Espanha, como aqui o demonstramos. No entanto, corria-se de desastre em desastre. As ilusões de alguns revisionistas e velhos sindicalistas de que grandes organizações englobando o conjunto do proletariado, por exemplo, os sindicatos, podem vir a substituir o partido, devem ser rejeitadas depois da experiência de 1936-1939. Os sindicatos desempenharam um grande papel na revolução espanhola. De resto, após Julho, todos os operários espanhóis estavam sindicalizados. Os sindicatos souberam realizar muito no domínio económico; não souberam organizar o conjunto, nem resolver o problema do poder. Se quisermos evitar no futuro novas catástrofes, torna-se necessário um partido revolucionário com a sua democracia interna, mas também com a sua centralização e disciplina. O Partido Comunista Espanhol era um partido disciplinado, mas a sua disciplina estava ao serviço duma política contra-revolucionária. Daí não se deduz no entanto de maneira nenhuma que um partido disciplinado e centralizado seja inútil, mas precisamente o contrário: sem partido disciplinado, não há revolução vitoriosa.

2) A espontaneidade das massas não chega. Existia em Espanha. Graças a ela nós assistimos à heróica jornada do 19 de Julho e às jornadas de Maio. Mas não pode chegar para organizar a revolução: é necessário um partido. Ao afirmarmos isto, não estamos a entrar em polémica com aquela a quem Lenine chama «a águia da revolução», mas com os que às suas concepções vão buscar argumentos para introduzir grãos de areia na máquina e impedir a construção da IV Internacional.

A espontaneidade das massas conduz à centralização. A sua combatividade leva à criação das Patrulhas de Con-

trôle e milícias que é necessário centralizar no quadro da ditadura do proletariado. A colectivização espontânea coloca a necessidade duma centralização, dum plano económico global do país. Essas colectivizações a fim de não desaparecerem, devem incorporar-se no quadro duma economia socialista, ou seja duma economia de período de transição.

3) O emprego da violência é inevitável numa revolução, não somente da violência contra os fascistas e inimigos declarados do proletariado, mas também num certo estado de desenvolvimento reaccionário, contra as correntes reformistas e conciliadoras no seio da classe operária. A questão toda é: em que sentido é empregue? Que objectivos políticos serve? Os estalinistas empregavam também a violência, mas ao serviço duma política contra-revolucionária que se orientava para a burguesia democrática, Chambelain e o Papa. Mas se no lugar da direcção do CNT, em vez de chalatães anarco-ministros tivesse havido jacobinos proletários, a CNT teria empregue em Maio de 1937 a violência revolucionária para quebrar a provocação estalinista, que representava a influência da burguesia, as tendências reaccionárias de Comorera, que travavam a revolução.

Os bolcheviques na Rússia foram longe de mais na via da violência revolucionária contra os mencheviques? É possível, mas estavam condicionados pelas suas dificuldades. Podemos discutir os seus erros nesse domínio. O período leninista da revolução russa 1917-23 não é a idade de ouro. Nós aceitamos muitas críticas, e aceitaremos ainda mais. Mas o que é seguro, é que os revolucionários serão obrigados no campo do emprego da violência revolucionária a aprender mais que a rejeitarem com Lenine e Trotski. Mesmo no seio do proletariado, a democracia tem limites. Esses limites devem ser determinados pelas necessidades da luta revolucionária.

4) Só o método materialista e dialéctico, ou seja, o método marxista de investigação permite que cheguemos a uma orientação, à luz da experiência espanhola. Sem ele, andamos de vendas nos olhos. Os estalinistas pretendem servir-se da «dialéctica» para provar que o negro é branco e que o papa é um amigo do proletariado. Mas isso não prova que o método materialista não responda às realidades: este não tem nada a ver com os malabarismos estalinistas; permite-nos compreender os conflitos de interesses que estão na base de todas as lutas ideológicas. Permite-nos analisar as razões e a falsa utilização que delas fazem os malabaristas estalinistas. Na base da «dialéctica estalinista», esse malabarismo que oscila entre a mística idealista e a escroqueria sem escrúpulos, há os interesses da casta burocrática.

A regressão da ciência à alquimia, do marxismo ao idealismo cego dos anarquistas, por exemplo, é impossível para o proletariado.

5) «Mas a vossa ditadura e os vossos métodos levam fatalmente ao Termidor! Depois de Lenine, vem Estaline. O exemplo da Rússia não vos desencoraja?»

Não aceitar a ditadura do proletariado com todas as suas consequências, a saber: o partido centralizado, o terror vermelho, a violência contra o reformismo, é não aceitar a revolução. É o comunismo libertário... no céu; na realidade, é a Frente Popular e a manutenção da democracia burguesa, que conduz ao fascismo. O proletariado é uma classe que tem que cumprir a sua missão histórica e libertar a humanidade das cadeias do capitalismo.

O Termidor não é o resultado do terror nem da ditadura. A forma como se desencadeia, resulta da ditadura; mas o Termidor surge à superfície quando as condições objectivas não permitem que a revolução vá mais longe. O Termidor russo é o resultado das derrotas terríveis do proletariado internacional e do isolamento da revolução

russa. A revolução espanhola vitoriosa podia ser um golpe talvez mortal vibrado no Termidor russo, ou seja no regime de Estaline. A próxima revolução socialista nos países capitalistas impelirá os operários russos a acabar com o pesadelo estalinista.

O perigo de degenerescência existe evidentemente num país isolado e no caso de derrotas à escala internacional. Não é razão para cruzar os braços. Abandonar a ideia da ditadura, ou seja abandonar a revolução porque ela pode em seguida degenerar, é como abandonar a alegria porque ela pode tornar-se em tristeza, e a vida em morte.

Mas a humanidade marcha em frente, mesmo com paragens que podem durar dezenas de anos. O proletariado é uma classe capaz de ultrapassar todos os Termidores, todas as derrotas passageiras, e de matar o abcesso estalinista. Ele libertará a humanidade.

XIX

A IV INTERNACIONAL NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

As críticas que formulámos neste trabalho contra a política menchevista da Frente Popular com base na trágica estratégia dos trinta e um meses da guerra civil em Espanha já a IV Internacional as formulara antes dos acontecimentos, já as exprimira com uma clareza que não deixava lugar a nenhum equívoco.

A nossa organização internacional tem o direito de dizer que sai desta trágica prova reforçada ideologicamente. As nossas concepções políticas foram confirmadas pela vida, ou seja a não-aplicação dos métodos revolucionários bolchevistas, defendidos actualmente duma forma consequente pela IV Internacional, teve por consequência uma nova catástrofe: a Frente Popular e o estalinismo não só esmagaram uma revolução proletária, como prepararam também a cama ao fascismo, e abriram as portas a Franco. Apesar de todas as críticas que lhe poderíamos fazer, é necessário lembrar que o Secretariado Internacional da IV Internacional condenou, com uma clareza que era mais que justificada pela gravidade dos acontecimentos, não depois do golpe, mas antes, não só os crimes dos estalinistas e reformistas, mas também as graves faltas do POUM

que andava a reboque da Frente Popular. O representante da nossa organização internacional em Barcelona previu e explicou no mês de Agosto de 1936, não nos bastidores, mas em voz alta, as consequências trágicas, para o POUM e para a revolução espanhola, da liquidação da dualidade do poder e da dissolução do Comité Central das Milícias Antifascistas. Os dirigentes do POUM não nos escutaram. À via «sectária» da IV Internacional, preferiram a voz «realista» da colaboração na Generalidade. O camarada Trotski, inspirando-se na experiência da revolução russa, exprimiu-se no mesmo sentido que o Secretariado Internacional: *o POUM, ao lutar com outras forças antifascistas contra Franco não devia assumir nem uma sombra de responsabilidade pela política criminosa dos chefes pequeno-burgueses da Frente Popular.*

A IV Internacional pode pois dizer com razão: nós previmos tudo isto; as consequências trágicas e inelutáveis da política da Frente Popular. Contudo, não somos filósofos. A satisfação de prever e compreender melhor que os outros não nos pode bastar. Nós queremos não somente explicar o mundo, mas mudá-lo. «Nós previmos tudo!» Mas, também não pudemos impedir nada! Fizemos o nosso dever?

Àparte as críticas teóricas e ideológicas, onde estava a IV Internacional, no decurso da revolução espanhola?

Não nos contentemos em criticar as outras correntes. Façamos o balanço verdadeiro da nossa própria actividade! Onde estavam, não os «trotsquistas» envergonhados, mas os verdadeiros trotsquistas?

Quando se deram os acontecimentos de 19 de Julho, *não havia secção bolchevique-leninista em Espanha.* Os antigos dirigentes da Izquierda Comunista (Esquerda Comunista), Nin e Andrade, que, graças ao seu passado revolucionário, gozavam dum certo prestígio no movimento operário, tinham rompido com a IV Internacional, não só orga-

nizativamente, mas também ideologicamente. Não se trata aqui somente da sua entrada no POUM. Trata-se aqui da sua ruptura com os métodos e uma política, a da IV Internacional, da qual se tornaram adversários convictos. Com grande pesar nosso, Nin e Andrade preferiram à orientação marxista da IV Internacional, a orientação centrista e caíram na via do Secretariado de Londres. Só os homens que não vêem mais longe que o próprio nariz (e encontramo-los em certos grupúsculos «trotsquistas e anti-trotsquistas») podem explicar a ruptura de Nin e Andrade com a IV Internacional, pela falta de flexibilidade por parte do Secretariado Internacional, pela sua mediocridade no domínio da diplomacia, etc....

Apesar da importância que as questões de amor-próprio-ferido desempenham nos espanhóis, nós podemos lembrar que Nin e Andrade não eram crianças, e seria mesmo diminuí-los demasiado, explicar a sua evolução pela falta de flexibilidade por parte do Secretariado Internacional, ou pelos conflitos secundários sobre as questões de organização. O conflito sobre o problema da organização entre os dirigentes da Izquierda Comunista e o Secretariado Internacional da IV Internacional escondia na realidade sérias divergências políticas que se revelaram no curso da revolução espanhola.

Recordado esse abandono de Nin e Andrade, resta que depois de 19 de Julho, havia apenas bolcheviques-leninistas espanhóis isolados, adeptos da IV Internacional.

Vieram para Espanha depois do 19 de Julho cerca duma centena de estrangeiros, membros da nossa organização internacional em vários países do mundo: Franceses, Belgas, Suiços, Holandeses, Italianos, Alemães, Polacos, Dinamarqueses, Checoslovacos, e também Americanos e até membros da nossa organização na África do Sul. A maioria eram voluntários, seja nas milícias do POUM, seja nas da CNT-FAI. Tinham substituído «a arma da crítica, pela crí-

tica das armas», e alguns deles deixaram os ossos na frente de Aragão e também na de Madrid. Se o relâmpago, símbolo da IV Internacional, estava desenhado nas trincheiras perto de Manicomio de Huesca, no parapeito da morte, os bolcheviques leninistas estavam também ao assalto durante os ataques de Blechite, Codo, Quinto. Numa palavra, sob Caballero e também sob Negrin, os bolcheviques-leninistas bateram-se de armas na mão contra Franco, e, nesse terreno, podem ser confrontados de cabeça levantada com as outras tendências do movimento operário.

Depois do abandono de Nin e Andrade, o grupo bolchevique-leninista espanhol só veio a ser reconstituído em Novembro de 1936, mas de início era composto por uma maioria de estrangeiros. Pediu a sua adesão ao POUM, reservando-se somente o direito de defesa das suas concepções políticas, e comprometendo-se a respeitar a disciplina do partido. A direcção do POUM fechou-lhe as portas: como condição para a sua entrada, pediu-lhe coisas impossíveis, a saber declarações nas quais devíamos condenar «a dita IV Internacional». Apesar dos obstáculos da direcção, o nosso grupo espanhol gerou simpatias no seio do POUM.

Em cada etapa da revolução o nosso grupo tomou uma posição justa, e indicou, na medida dos seus fracos meios, a via a seguir. Criticámos de fora e de dentro as faltas oportunistas do POUM, a sua orientação para uma nova experiência ministerial e a sua política a reboque da Frente Popular.

No seio da CNT, organização de massa do proletariado revolucionário catalão, desenvolvemos as nossas concepções de revolução permanente. Podemos dizer o mesmo das Juventudes Libertárias. Fizemos tudo para levar a base das organizações anarquistas a opor-se à colaboração de classes, ao anarco-ministerialismo, no sentido anti-burguês e marxista. Sem procurarmos atribuir a nós próprios todos

os méritos, estamos dentro da verdade ao dizer que a formação de certos grupos de esquerda da CNT, como os «AMIGOS de Durruti», não foi alheia ao nosso trabalho de penetração ideológica.

No decurso do ano de 1937, ganhámos elementos no seio do POUM e também da CNT. Mas os acontecimentos andavam depressa e nós apenas começávamos a existir. As gloriosas jornadas de Maio em Barcelona encontraram--nos fracos organizacionalmente, sós, com «Os Amigos de Durruti» a formular o plano de acção, o plano de resistência ao conluio estalino-burguês, ou seja o plano e as palavras de ordem da insurreição proletária. Durante essas jornadas, nós formulámos não só as palavras de ordem gerais, mas também, nos nossos panfletos e textos, os meios práticos de as realizar: a formação das comissões de bairro na base da Frente Operária Revolucionária POUM-CNT-FAI. Mas, contrariamente à direcção do POUM, nós denunciámos constantemente as traições da direcção reformista da CNT-FAI. Os acontecimentos de Maio vieram encontrar-nos a todos também nos nosso postos, ou seja, nas barricadas, com os operários revolucionários de Barcelona contra os cães do capital, os estalinistas: uns nas barricadas do POUM, nas Ramblas, outros nas barricadas da CNT, na Casa CNT-FAI. Se Fauconnet e outros deixaram os ossos na frente, Cid, militante do POUM, mas membro da nossa fracção bolchevique-leninista desse partido, deu a vida nas Ramblas defendendo as conquistas do 19 de Julho...

Nós criticámos, nós explicámos, nós propagandeámos as nossas ideias em todo o lado onde o destino e o acaso nos situavam, na frente, na fábrica, nos sindicatos. Nós criticámos lutando com o conjunto do proletariado contra o fascismo, o que nos dava o direito à crítica. Mas os nossos inimigos eram potentes demais e dispunham de trunfos formidáveis. Tivemos contra nós Franco, ou seja o fascismo, apoiado pelo capitalismo internacional, os

democratas republicanos, tipo Companys, Miaja, Casado que serviam indirectamente o fascismo, os socialistas da segunda Internacional, tanto da tendência Pietro como da Caballero, que não aprenderam nada e nada esqueceram e seguiam os democratas burgueses.

Nós tivemos contra nós os estalinistas, que, ao darem cobertura política menchevista de traição que se chama Frente Popular, se reivindicaram e aproveitaram da autoridade da Revolução russa, e se serviam dessa autoridade para sufocar a revolução espanhola. A história tem dessas ironias trágicas e imprevistas. Foi o embaixador da URSS do primeiro Estado operário na história, que impediu a criação dum novo Estado operário e estrangulou a revolução. Antonov Ovsenko, que dirigiu a tomada do Palácio de Inverno em 1917, vinte anos depois, em 1937, ajudou em Barcelona a burguesia, os Kerenski catalães e espanhóis, a expulsar os operários da Central Telefónica. A burocracia estalinista gozava não somente do apoio moral, mas também do apoio material que lhe advinha do facto de se apoiar na potência do Estado operário facto que explorava para os seus fins particulares de casta parasita e conservadora.

Mas, à esquerda dos estalinistas, «os grandes artesãos da derrota do proletariado espanhol», nós tivemos contra nós e contra a revolução proletária os anarquistas que, apesar da sua combatividade, só faziam disparates, senão pior, em todos os domínios. A direcção da CNT-FAI (ao pregar o «comunismo libertário» para um futuro indeterminado como a segunda Internacional com a execução do seu programa máximo no período da sua decadência), trabalhava, obedecendo ao ritual bakuninista, para a burguesia e para a reconstituição do seu aparelho estatal.

Nós tivemos também contra nós o POUM e sobretudo a sua direcção, que temia o trotsquismo como o diabo a água benta, e queria, através da sua luta contra nós, justificar-se e provar que não era trotsquista.

Nós tivemos em suma contra nós uma formidável coligação de forças e não passávamos dum pequeno grupo de propagandistas.

Mas aqui pretendo fazer uma interrupção. «E os bolcheviques em 1917? Eram também uma pequena minoria, e souberam ganhar as massas num curto espaço de tempo. E reivindicam-se vocês, bolcheviques-leninistas dos bolcheviques. Sois capazes de criticar toda a gente. Certo. Mas não sois capazes de convencer ninguém. Não passais duns literatos!»

Os bolcheviques não nasceram em 1917. Tinham atrás de si um passado de quinze anos de luta fraccional. Tinham uma organização com a sua tradição, com os seus quadros, uma organização que era uma força material. Quando Lenine voltou à Rússia, não era um estrangeiro, mas o chefe dum partido reconhecido, ou pelo menos duma tendência. Infelizmente, não há nenhuma base para comparar a situação dos bolcheviques em 1917 com a dos adeptos da IV Internacional em Espanha em 1936-1939. Mas, nós temos o direito de dizer à direcção do POUM: «Vocês eram um partido que dispunha de quadros, um partido que, embora minoritário, era um partido de massas. Com uma política bolchevique, vocês teriam podido tornar-se um factor importante, talvez decisivo no país e modificar a situação. Mas a direcção do POUM não pode retomar o mesmo raciocínio face aos bolcheviques-leninistas espanhóis. Nós apenas podíamos propagandear as nossas palavras de ordem nas organizações de massa, levá-las à via revolucionária, reforçar aí as tendências progressistas e ganhar os melhores elementos. Em suma, o nosso trabalho não podia senão tender a criar quadros que só poderiam vir a desempenhar o seu papel na nova etapa da revolução, e enquanto isso, levar as organizações mais próximas de nós à via revolucionária. Esse trabalho, fizemo-lo. No decurso do ano 1937, ganhámos elementos do POUM onde as nossas ideias

e critícas, há medida que eram confirmadas pelos acontecimentos, foram cada vez mais escutadas. A mesma coisa na CNT onde uma colaboração, infelizmente de curta duração, pode estabelecer-se com «Os Amigos de Durruti» e outros grupos, que evoluiam, embora lentamente, para o marxismo revolucionário.

Depois das jornadas de Maio veio a repressão estalinista. Os nossos camarads *Erwin Wolf* e *Hans Freund* (conhecido pelo nome de Moulin) foram raptados e assassinados. O primeiro era cidadão checoslovaco e tinha chegado a Barcelona no fim do mês de Maio de 1937. Era correspondente dum jornal inglês, *Spanish News*. A GPU não podia perdoar-lhe ter sido secretário de Leon Trotski. Segundo certas informações, teria sido fuzilado na URSS com Antonov Ovséenko, que, às ordens de Moscovo, tinha organizado o conluio contra-revolucionário de Maio, mas a qual Estaline não pode perdoar, como a tantos outros, seu belo passado revolucionário. Quanto a *Hans Freund* (Moulin) era um emigrado alemão, um propagandista dedicado e ardente da IV Internacional. Ele partiu imediatamente depois do 19 de Julho de 1936, para se pôr à disposição da revolução espanhola. Trabalhou primeiro em Madrid, depois em Barcelona. A GPU não o perde de vista. O polaco Mink, agente da GPU, foi encarregado de o vigiar. Foi preso a 2 de Agosto de 1937 pelos polícias estalinistas.

Mas apesar dos golpes que lhe desfecha a GPU, a nossa organização continua o seu trabalho. Reforça-se. Novos elementos do POUM e dos anarquistas juntam-se a nós. Os nossos camaradas na frente fazem propaganda para a reconstrução dos Comités de milícias. Na rectaguarda, continua, apesar das enormes dificuldades, a aparecer *A Voz Leninista* que tira as lições dos trágicos acontecimentos. Nos nosso panfletos, protestamos contra as calúnias lançadas contra o POUM, e defendemo-lo contra a repressão estalinista.

Em Novembro de 1937, a GPU consegue enviar dois provocadores para a nossa organização. Um deles, um comissário político das Brigadas Internacionais, um alemão que usava o pseudónimo Max-Jean, consegue uma certa confiança. Max trabalhava primeiro em combinação com um outro provocador Leon Narvitch que, segundo informações de vários camaradas, tomou parte na organização do assassinato de Andrés Nin.

A polícia estalinista tinha necessidade dum outro «processo de Moscovo» em Barcelona e prendeu os nossos camaradas Munis, Adolfo Carlini, Jaime Fernandez, Teodoro Sanz, Ondzik, etc. Foi Marx-Jean quem entregou os nossos camaradas à polícia. Mas a polícia estalinista não teve a coragem de acusar e julgar os nossos camaradas por delito de propaganda revolucionária. Quer caluniá-los e cobri-los de lama. A polícia acusa os nossos camaradas do grupo bolchevique-leninista espanhol do assassinato do capitão das Brigadas Internacionais, Leon Narvitch. O acto de acusação fala também de preparação «de varios atentados contra las destacadas personalidades de la Republica» (de vários atentados contra destacadas personalidades da República). Os nossos camaradas são acusados de terrorismo. A mesma mão que orientou os processos de Moscovo, que emprega métodos de gangsterismo contra a vanguarda revolucionária à escala internacional, que raptou Klement em Paris, agiu em Barcelona contra a secção espanhola da IV Internacional.

Os nossos camaradas acusados de terrorismo!... A base sobre a qual se construiu a acusação foi o cadáver de Leon Narvitch, como em Moscovo o ponto de partida da vaga de terror estalinista, foi o cadáver de *Kirov*. No entanto, os dois foram assassinados pela GPU. Quanto a *Kirov*, fez-se luz. Sabe-se que foi a GPU de Leninegrado quem organizou esse atentado. Sabe-se que foi ela quem deu o revólver a Nicolaev. Estaline, durante esses processos,

teve que o confessar. Quanto à provocação estalinista em Barcelona, ainda não se fez luz sobre o assunto. Mas parece provável que tenha sido a GPU quem executou Leon Narvitch, como tantos outros dos seus próprios executantes :era uma testemunha que sabia demais e que podia ser incómoda no futuro.

O comissário Mendez chegou a conseguir do jovem Zanov «confissões» contra outros camaradas, no que diz respeito à pretensa preparação de atentados contra Pietro e Negrin, a sabotagem, etc....

Este episódio confirmou ponto por ponto a maneira como são arrancadas as confissões em Moscovo.

Os nossos camaradas Munis, Carlini, Rodriguez, enfrentaram altivamente os torcionários degenerados da GPU. Assumiram a responsabilidade pelo trabalho da IV Internacional em Espanha. Não eram «trotsquistas» envergonhados; eram bolcheviques-leninistas que defendiam aberta e corajosamente as concepções da revolução permanente nas condições mais duras.

Convocado pelo advogado do POUM aquando do processo desse partido, a fim de testemunhar que o POUM não é trotsquista e limpar Gorkin e Andrade dessa tão terrível acusação, o nosso camarada Munis assumiu diante do tribunal de Comorera a responsabilidade política pelo trabalho político do grupo bolchevique-leninista em Espanha e pela redacção de *A Voz Leninista.* Mas a GPU queimou os dedos no processo de Moscovo que preparava em Barcelona. A nossa organização internacional foi informada, as nossas secções no estrangeiro denunciavam essa ignóbil canalha estalinista. Os falsificadores e impostores da GPU foram apanhados em flagrante delito. A polícia de Negrin--Comorera, que já tinha sofrido um desaire com o processo do POUM teve que adiar a data do processo várias vezes. Acabou por ser marcado para 26 de Janeiro de 1939. Mas é uma ironia do destino e uma coincidência trágica:

no próprio dia em que deviam ser julgados os nossos camaradas, as tropas de Franco entravam em Barcelona. O sentido dessa coincidência trágica é clara: os nossos camaradas não puderam ser julgados porque a criminosa política estalinista da Frente Popular abriu as portas a Franco. A perseguição aos trotsquistas foi um dos elementos e não dos menores que desarmou o proletariado, e tornou possível as vitória do fascismo. A administração das prisões, que queimava os arquivos, libertava os fascistas e os espiões da quinta coluna, e assim se preparava para receber os novos senhores, quis entregar os nossos camaradas a Franco, ou seja ao cadafalso fascista. Mesmo no último momento, os estalinistas não esqueciam o seu ódio contra os trotsquistas, ou seja o seu ódio contra a revolução proletária.

Se alguns camaradas puderam escapar, tal deve-se não aos sentimentos humanitários da GPU, nem aos do governo republicano, mas à solidariedade proletária.

Mas, apesar da detenção dos nossos camaradas no decurso do ano de 1938, os bolcheviques-leninistas continuavam o seu trabalho na ilegalidade. Nos momentos críticos, eles indicavam no seio das organizações de massa, principalmente da CNT, a via a seguir. Em meados de Março, durante o desastre na frente de Aragão e a queda do primeiro governo de Negrin, seguido do desembarque de Pietro, os nossos camaradas indicavam à base da CNT a via a seguir, a via de reconstituição dos organismos independentes da classe operária, e denunciavam a via duma nova experiência de anarco-ministerialismo. Enquanto criticavam, os nossos camaradas batiam-se na frente na qualidade de soldados, artilheiros, comissários, políticos contra Franco. Os estalinistas podem matar militantes comprovados, podem também lançar contra nós as mais ignóbeis calúnias. Mas não há nada a fazer! Somos duros

de roer! Saíremos reforçados, ideológica e moralmente de todas as provas.

O marxismo abre a sua via. Ele é a esperança de todos os oprimidos e prepara o futuro do socialismo para a humanidade. A IV Internacional conduzirá o proletariado, das derrotas às grandiosas vitórias.

XX

O PRONUNCIAMENTO MIAJA-CASADO

O poder reflecte a relação de forças entre as diferentes classes da sociedade e entre as organizações políticas que exprimem os interesse de diferentes camadas sociais. Quando o equilíbrio se rompe, quando a relação de forças muda, o poder passa das mãos duma fracção para outra.

Neste ponto, temos que fazer apelo à memória.

A seguir às jornadas de Julho, havia dois poderes: o poder estatal burguês, formal e impotente, e o poder das comissões operárias. O segundo poder predominava nitidamente durante o primeiro semestre, até à formação dos governos de coligação, o de Largo Caballero e o de Taradellas na Catalunha. O governo de Largo Caballero apoiava-se em todas as organizações operárias, entre outras a CNT. O poder efectivo desse governo era limitado. Os elementos do segundo poder operário subsistiam sobretudo na Catalunha até Maio. O seu enfraquecimento progressivo incitou, no entanto, a ala direita da Frente Popular a liquidá-los completamente. Tal foi o sentido do golpe de força estalinista e dos acontecimentos de Maio em Barcelona. Os ministros anarquistas convidaram os operários a abandonar as barricadas. Mas o esmagamento da base da CNT não teve apenas por efeito o desarmamento do proletariado

catalão: tornou também inútil a manutenção dos ministros anarquistas no governo. A nova relação de forças estava na base da formação do governo Negrin, no fim de Maio de 1937. Sem as jornadas de Maio, não teríamos tido «o governo da vitória». Após Maio, a CNT estava evidentemente afastada do governo. O facto de lhe oferecerem no segundo ministério de Negrin um posto decorativo não muda nada ao caso. O ministro anarquista da Instrução Pública, não passava duma peça de mobiliário no conselho de ministros. Depois de Maio, o poder era partilhado entre duas fracções: os estalinistas e os burgueses republicanos e socialistas. Essas duas fracções faziam bloco contra o proletariado, contra a CNT, a FAI, o POUM, as comissões; serviam-se reciprocamente. Os burgueses republicanos deixavam as mãos livres aos estalinistas contra o «trotsquismo». Diziam à GPU:

«Podeis ajustar contas com os vossos inimigos, os poumistas. Isso não nos diz respeito. Mas em troca, apoiareis em Espanha, o nosso programa de regressão social, de liquidação das colectivizações, porque compreendeis bem que as socializações não são coisas sérias. Que vão pensar o Quai d'Orsay e o Foreign Office? E enviem-nos armas». «Pois claro, respondia a GPU, estamos de acordo. As socializações e as comissões? Só podem ser seus adeptos os agentes da Gestapo. A nossa guerra é uma guerra nacional. A nossa revolução é burguesa e nós lutamos por uma república democrática parlamentar. Dar-vos-emos armas, mas deixai-nos exterminar os trotsquistas».

Eis o acordo que serviu de base à constituição de «governo da Vitória». Só quando o proletariado revolucionário foi esmagado, começaram a aparecer e a aprofundar-se as contradições entre os associados, as quais culminaram no mês de Março de 1939 no choque violento: o pronunciamento Miaja-Casado. Os acontecimentos têm uma lógica interna e os crimes pagam-se. A lógica da Frente

Popular volta-se contra os estalinistas, seus artesãos. A arma forjada por eles ,atinge-os ,por seu turno.

Os republicanos serviram-se dos estalinistas contra o proletariado, mas aqui também: quando o negro já fez o trabalho, pode ir-se embora. De resto, o negro era incómodo, porque queria guardar a administração e o exército nas suas mãos. Embora os estalinistas se declarassem cem vezes por dia: reformistas, democratas, patriotas e chauvinistas, a burguesia (mesmo a republicana) não depositava neles senão uma confiança limitada. Os estalinistas diziam que a adopção de medidas revolucionárias impedia a ajuda das democracias. Esta concepção era a base de toda a sua política contra a ala de esquerda da Frente Popular, a CNT e o POUM e voltou-se contra eles próprios. Desde há um ano os republicanos diziam que a presença dos comunistas no governo era mal vista por Chamberlain e Daladier. Os republicanos tinham razão. Esqueciam-se apenas de acrescentar que o homem mais bem visto na City e no Comité des Forges era Franco, e não eles próprios.

A queda da Catalunha entregou a Franco o mais forte bastião da resistência anti-fascista. Com o reconhecimento de Burgos pela França e Inglaterra, toda a perspectiva da Frente Popular se desmoronou. Os chefes da Frente Popular diziam que a França não permitia que Franco se instalasse ao longo da fronteira com os Pirinéus. Confiavam no interesse imperialista anti-alemão e anti-italiano da França. Seja como for, depois do reconhecimento de Burgos pela França e Inglaterra, essa perspectiva desmoronou-se mesmo aos olhos das avestruzes da Frente Popular. As possibilidades de resistência contra Franco subsistia depois da queda da Catalunha? A Espanha do centro, embora não englobasse regiões tão industrializadas como as da Catalunha, contém no entanto riquezas importantes. Na previsão da queda da Catalunha instalaram-se nessa região fábricas de material de guerra. Madrid bem fortificada resistiu

a numerosos assaltos. Todo o centro está cercado de fortificações que seriam para Franco, no caso duma resistência séria, um osso duro de roer. Ainda para mais, Franco não está seguro da sua rectaguarda; a Catalunha pode-lhe reservar surpresas desagradáveis. Se o proletariado de Madrid e da Espanha central acordasse, se abandonasse todas as falsas esperanças, se saltasse enfim por cima da política podre da Frente Popular e se se empenhasse na via revolucionária da reconstituição das comissões, se limpasse a rectaguarda de todos os fascistas mal disfarçados e de todos os agentes do inimigo, então a resistência, que se poderia transformar em contra-ataque, seria possível. Só que, esta via não conta para os republicanos. Ela está fechada para Besteiro, Miaja, Casado, mas também para Negrin que se pretende no estrangeiro ter tido a ideia de resistir a todo preço; e também, finalmente, para os comunistas. Posta de lado a via revolucionária, resta a via da capitulação. Nesta via empenharam-se Besteiro, Miaja, Casado. Este trio repetiu contra os comunistas a operação do outro trio Comora-Aguadé Rodriguez-Salas, durante as jornadas de Maio em Barcelona, contra os anarquistas e o POUM.

O significado objectivo do pronunciamento é pró-franquista e capitulacionista. Não se trata uma luta UGT, dos caballeristas ou dos republicanos contra os comunistas. Trata-se dum conluio que tem por objectivo, ao esmagar a base revolucionária do partido comunista, abrir as portas a Franco.

Nós, os bolcheviques-leninistas, somos adversários do estalinismo. Odiamos o estalinismo porque compreendemos as consequências criminosas da sua política estranguladora do proletariado. Mas só aqueles que não nos conhecem e que não vêem nada para além do próprio nariz podem imaginar que as nossas posições políticas e apreciações podem ser determinadas pelo ódio aos estalinistas que assassinaram tantos dos nossos ou pela sede de vingança.

Não somos pequeno-burgueses excitados, mas revolucionários proletários. A IV Internacional pode declarar, à imagem da Liga dos Comunistas, que não tem «interesses separados dos do proletariado do mundo inteiro».

Embora responsabilizemos os dirigentes comunistas pelo pronunciamento, *declaramos que o dever de todos os operários honestos (e os bolchevique-leninistas têm a pretensão de ser a sua vanguarda) era de se bater de armas na mão (contra a Junta de Defesa de Miaja-Casado) ao lado dos operários e militantes comunistas cobardemente abandonados pela direcção estalinista.*

Nas nossas concepções políticas e na nossa atitude, há uma lógica interna. Os militantes da IV Internacional estavam nas barricadas em Barcelona durante as jornadas de Maio, ao lado dos operários anarquistas, se bem que as nossas concepções não tenham nada a ver com as de Bakunine ou Kropotkine. Cid, membro da secção espanhola da IV Internacional, deu o seu sangue nas Ramblas, lutando com um conjunto de operários na sua maioria anarquistas. Porquê? Pelo prazer de estar sempre na luta? Não, senhores do «Libertaire», anarquistas defensores da Junta de Miaja! Cid e outros lutaram nas barricadas de Barcelona ao lado da C. N. T., porque se tratava de defender as conquistas da revolução do 19 de Julho, porque o interesse do movimento operário era defender o que restava dos organismos do duplo poder operário: Comissões de Defesa, Patrulhas de Contrôle, etc. Hoje procura-se avançar em Madrid um golpe nas costas de todos os generais traidores que querem preparar a capitulação face a Franco, através da destruição dos comunistas. Os bolchevique-leninistas não são literatos que se contentem em condenar todos e em contemplar o umbigo como o fazem alguns grupúsculos de extrema-esquerda, tipo Bordiguistas. Nós não podemos ficar neutros perante o conflito que ensanguenta Madrid neste momento. Nós tomamos partido. Nós esta-

mos ao lado dos combatentes comunistas contra os traidores da Junta de Defesa.

Quem são os traidores? Besteiro, adepto do compromisso desde o princípio da guerra civil. Casado, protegido por Negrin. Mas também Carrillo, pertencendo à fracção caballerista do partido socialista. Os estalinistas serviram-se deste facto para declarar (veja-se o *Pravda*) que «os generais trotsquistas se revoltaram contra o governo de Negrin». Se os trotsquistas não existissem, Estaline teria necessidade de os inventar. Para ele trata-se de justificar os resultados catastróficos da sua política, de culpar o bode expiatório de todos os males terrestres. O governo czarista organizava *progroms* e responsabilizava os judeus pela miséria do povo. Actualmente, Hitler imita-o. Estaline, apesar de representar outras camadas sociais, não os latifundiários e burgueses, mas a burocracia soviética, tem também que ter alguém a quem acusar das derrotas e insucessos da sua própria política. A fracção caballerista tem tanto a ver com os trotsquistas autênticos, ou seja com a IV Internacional como esta última com Lucifer em pessoa.

Se é verdade que a fracção caballerista foi excomungada pelos estalinistas porque não estava disposta a executar todas as ordens da G. P. U., se é verdade que vários representantes do Secretariado de Londres vindos a Espanha acompanhavam o dignatário caído em desgraça e consideravam a tendênca caballerista como progressiva, é necessário lembrar que os bolchevique-leninistas sempre denunciaram esta fracção de impotentes que apenas souberam lamuriar no curso dos últimos dezoito meses.

De resto, essa fracção caballerista existia? Queremos dizer, existia uma tendência capaz de opôr às concepções estalinista e negrista outras concepções, uma outra política? Caballero considerava que os estalinistas e os negristas o tinham maltratado, considerava-se vítima dos seus negócios sujos. Foi de facto um das vítimas mas não dos mais dignos

de dó. Durante o tempo em que foi presidente do conselho, a sua política conservadora preparou o caminho a Negrin. O dignatário em desgraça cujas capacidades tinham sido desprezadas, estava muito indignado. Ultrajado, abstinha-se de falar publicamente sob pretexto de que a guerra civil impunha o silêncio. As circunstâncias eram demasiado graves — segundo ele — para que denunciasse com força as traições estalinistas. Em todo o caso, Largo Caballero nunca denunciou a política criminosa da Frente Popular. Não é de espantar: ele utilizava-a no seu governo. Não sabemos se aprova a entrada dum dos seus adeptos na Junta de Casado.

Quanto à atitude de alguns representantes da C. N. T. e também de Mera, só poderá surpreender aqueles que ignoram a natureza profundamente reformista da direcção da C. N. T. Os Garcia Oliver e os Frederico Montsenny não entregaram o proletariado de Barcelona e sobretudo a base da sua própria organização à repressão estalinista? Vall e Mera continuam nessa via criminosa: neste momento entregam o proletariado de Madrid ao bando dos capitulacionistas e, indirectamente, a Franco.

Mera é de resto representante da ala de extrema direita da C. N. T.: ele combatia a ala de esquerda, *Los Amigos de Durruti,* e era elogiado pelos estalinistas.

Mas a grande lição dos acontecimentos de Madrid é uma nova falência de todas as concepções da política de Frente Popular.

Olhai-vos ao espelho, criminosos! Que vale o exército republicano de cuja direcção expulsastes os revolucionários? Qual é a sua fidelidade ao regime republicano? Como no velho tempo da monarquia, ele faz «pronunciamientos».

Que vale o aparelho democrático republicano estatal? Ele seguiu o pronunciamiento. Que os políticos se lembrem do destino dos organismos autenticamente revolucionários, como as Patrulhas de Contrôle. Foram os estalinistas que

forjaram a arma que se voltou contra eles, mas infelizmente também contra o proletariado.

O pronunciamento de Miaja-Casado determinou o fim do governo de Negrin. É necessário também sublinhar a cobardia da direcção do partido comunista que abandonou os seus militantes e fugiu para o estrangeiro.

Os anarquistas franceses (veja-se o *Libertaire*) apoiavam a Junta de Miaja-Casado porque viam nela uma tentativa de parar o massacre inútil dos operários espanhóis. A situação estava perdida? O essencial era salvar a vida dos militantes em perigo, permitir-lhes partir para o estrangeiro, porque a revolução espanhola se faz com homens vivos e não com mortos. Eis as ideias que pudemos recolher em «Le Libertaire» e «Junho 36».

No entanto aqueles que querem parar o massacre inútil desconhecem a natureza do fascismo. Eles esperam clemência da parte de Franco. Ora, o traço fundamental do fascismo é precisamente que não tolera nenhuma organização independente do proletariado e que suprime mesmo todas as organizações burguesas independentes. O armistício com Franco permitindo salvaguardar o que quer que seja para o proletariado, é impossível.

Garcia Olivier não foi recompensado pela sua traição de Maio. Comorera e Negrin também não. O destino de Miaja-Casado e dos seus associados também não será melhor.

Quanto ao proletariado, não tem por onde escolher. Mesmo em caso de derrota, só na medida em que resistir fará pagar caro ao fascismo os seus avanços, e puderá depois agrupar as suas forças e preparar finalmente a sua vingança.

XXI

PODIA-SE TER FEITO OUTRA COISA?

Podia-se ter feito outra coisa? É preciso fazer a pergunta e responder-lhe. É necessário responder-lhe com tanto mais urgência quanto a mesma política, a da Frente Popular, é praticada à escala internacional onde não pode levar senão aos mesmos resultados, ou seja a novas catástrofes. Podia-se ter feito outra coisa? quer dizer: podia-se ter aplicado em Espanha uma outra política que não a da Frente Popular?

Os oportunistas, não só depois de 1939, mas desde sempre, têm o hábito de justificar a sua política, ou seja os seus próprios crimes, com as condições objectivas. É preciso ter em conta que as condições objectivas não permitem uma política revolucionária! Não, senhores chefes da Frente Popular, estais a mentir: quereis esconder as vossas traições por detrás das condições objectivas.

Se déssemos ouvidos às explicações dos chefes da Frente Popular, incluindo os anarquistas, se levássemos a sério as suas explicações, não nos restava senão desesperar de tudo, desesperar das capacidades revolucionárias do proletariado, do seu futuro e mesmo da sua missão histórica. Não queremos alimentar ilusões, e o nosso dever é olhar a realidade nua e crua. Mas o que era trágico na

revolução espanhola, não eram as condições objectivas, mas a estúpida e criminosa política dos que pretendiam dirigi-la e que eram infelizmente seguidos pelas massas.

Segundo os nossos pequeno-burgueses democratas da Frente Popular, tudo foi «uma fatalidade». Os republicanos e os socialistas justificam a derrota pela superioridade militar dos fascistas. Os comunistas, pela existência (que descoberta!) da burguesia pró-franquista que, pela sua não-intervenção, favorecia Franco. Esquecem-se de acrescentar que o governo de Blum que inaugurou esta política também era apoiado por eles. Os anarquistas justificam as suas capitulações e traições sucessivas com a chantagem que exerciam os Russos com as armas que entregavam aos republicanos. Quanto ao POUM, junta-se ao sentimentalismo fatalista e diz: nós éramos fracos demais e tínhamos que seguir os outros, e sobretudo não podíamos quebrar a unidade. Assim, tudo foi uma fatalidade...

Tudo o que aconteceu tinha que acontecer e já vinha escrito no Corão.

O que aconteceu tinha que acontecer? Mas, senhores da Frente Popular, foi a vossa política que o tornou possível. O pensamento marxista não é fatalista, nem determinista. Apesar da importância que os marxistas atribuem aos factores económicos, a ideologia e a política dos partidos em luta, muitas vezes atrasados em relação às necessidades objectivas do desenvolvimento, podem impedir o avanço na marcha da sociedade e a eclosão duma nova economia.

Seja como for, existiam em Espanha em Julho de 1936 todas as condições objectivas para fazer triunfar a revolução proletária. Franco não arrastava atrás de si um forte movimento de massas, como Hitler e Mussolini. O seu movimento, apesar das aparências exteriores, possuia e possui mais as características reaccionárias do velho estilo que do facista. Uma das correntes que o apoiava, a Falange Espanhola parecia-se com as organizações fascistas na Ale-

manha e Itália. Mas a Falange Espanhola não era uma organização de massas. A principal força em que Franco se apoiava era a velha reacção clerical e feudal detestada pelo povo. O país, o povo, os operários, os camponeses, os pequeno-burgueses tinham-se erguido para acabar com essa Espanha medieval. Só o freio da Frente Popular pôde impedir que o golpe de força franquista fosse precedido por uma revolução proletária. Em resposta à rebelião dos generais, os operários e camponeses ergueram-se para transformar o país no sentido dos seus interesses. No campo, o proletariado dispunha dum forte aliado. É precisamente o carácter atrasado do país que permite juntar a revolução agrária no campo ao movimento operário nas cidades.

Ele dispunha doutro aliado nos movimentos nacionalistas catalão, basco, galego e podia ganhar os marroquinos através duma política de libertação colonial inspirada no exemplo da revolução russa.

O aparelho estatal da burguesia passou na sua maioria para o lado de Franco, mas, na zona republicana, dos operários bastava-lhes soprar para destruirem o Estado capitalista e tomar o poder. Os anti-fascistas detinham as três grandes capitais: Madrid, Barcelona, Valência, e as duas regiões mais industrializadas e decisivas: a Catalunha e o Norte. Milhões de homens tinham-se erguido. A energia, a iniciativa, o entusiasmo não faltavam. Só faltava o partido da revolução.

«Mas, no entanto, para lutar contra Franco a *unidade* era necessária. Era preciso encontrar uma fórmula larga que agrupasse todos os antifascistas mesmo os mais moderados. Essa fórmula era justamente a da Frente Popular», dirão os advogados da maior traição que a história jamais conheceu.

Nós já explicámos que a fórmula larga da Frente Popular não satisfazia ninguém. A unidade real não se podia fazer senão na base da ditadura do proletariado.

«Mas as massas não estavam preparadas, estavam atrasadas e dominadas por ilusões democráticas», dirão alguns dos nossos contraditores de esquerda. As massas tinham realmente ilusões democráticas. É por isso que levaram os chefes da Frente Popular ao poder. Mas mesmo não tendo uma consciência nítida dos seus objectivos próprios, instintivamente demonstraram que tinham menos ilusões que muitas chefes comunistas e anarquistas. Não tinham nenhuma confiança na podre república burguesa e em homens como Azaña, Companys, etc. Queriam comunistas e anarquistas no poder. Foram precisos grandes e perseverantes esforços, sobretudo dos comunistas que douravam o brasão desacreditado dos democráticos, para fazer engolir às massas um Azaña ou um Companys no poder. Quando as massas queriam Caballero, Passionaria ou Garcia Oliver no poder, ambicionavam a ditadura do proletariado.

De resto, nos primeiros meses depois do 19 de Julho, a Frente Popular não existia. Os homens da Esquerra quase não ousavam mostrar-se na rua. As massas tinham-se empenhado na via justa, na via da criação dos seus próprios organismos de luta, as comissões. Foi preciso um esforço de longos meses dos chefes da Frente Popular para desviar as massas da via revolucionária e fazê-las entrar na órbita da passividade democrática.

Aqui, a ala de esquerda da Frente Popular, ou seja o POUM e os anarquistas, ripostar-nos-ão: nós estávamos em minoria, nós não podíamos iniciar uma luta contra todos ao mesmo tempo, ou seja contra os fascistas, os republicanos, os socialistas e os comunistas.»

Evidentemente, ninguém exigia de vocês coisas impossíveis: mas só coisas possíveis. Mesmo que nos apresentem como terríveis terroristas, apesar da estima que temos pelo Doente, não somos blanquistas. Na medida em que os anarquistas e o POUM estavam em minoria no seio das massas, eles não podiam tomar o poder. Lenine indicou,

muito antes de 1936, qual a via a seguir pelos revolucionários em casos semelhantes: marchar separados e lutar juntos! Lutar conjuntamente com outras forças anti-fascistas contra Franco, mas guardar a sua independência, dizer a verdade às massas, ripostar a cada passo às hesitações e traições dos companheiros de luta, e no processo da luta comum e da crítica revolucionária constante, ganhar a maioria do proletariado e do povo em geral e tomar o poder.

Mas podia-se lutar em duas guerras civis duma só vez? Em primeiro lugar não havia por onde escolher. A guerra era surda, era aberta no interior do «campo governamental», não era uma invenção dos trotsquistas, nem o resultado das maquinações de Franco. Essa segunda guerra civil tinha a sua origem nas oposições de interesses no interior da Frente Popular. Esta contradição só podia ser suprimida se uma parte da Frente Popular levasse a melhor sobre a outra. A ala de direita da Frente Popular não se incomodava com essa consideração unitária. Conduziria a guerra civil contra a ala esquerda que queria e conseguiu amordaçar.

Segundo, para ganhar a guerra contra Franco, era necessário terminar esta segunda guerra civil o mais depressa possível, mas terminá-la duma forma favorável ao proletariado, o único capaz de ganhar a guerra anti-fascista.

Os historiadores da Revolução Francesa estão de acordo que a luta dos Jacobinos contra os Girondinos aumentou as forças da França na sua luta contra os reis conjurados. Durante a revolução russa a luta persistente dos bolcheviques contra os Girondinos russos, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, reforçou o proletariado, e tornou possíveis as vitórias dos exércitos vermelhos sobre os brancos. Mas os nossos democratas e os seus seguidores, pela sua natureza pequeno-burguesa, preferiam a doce unidade da Frente Popular que na realidade não era senão uma fachada por detrás da qual cada um puxava para seu lado.

«Mas a Espanha não estava madura para a revolução socialista. Encontrava-se somente madura para a revolução democrática», entoavam os estalinistas secundados pelos socialistas. O argumento menchevique é-nos servido vinte anos mais tarde numa situação análoga. A Rússia era menos atrasada que a Espanha? Os mesmos traços de colónia dependente do imperialismo estrangeiro, a intervenção estrangeira, o carácter agrícola, os restos de feudalismo, tudo isso existia também na Rússia. Além disso, que nos expliquem como se pode realizar essa Revolução Democrática nos quadros dum sistema capitalista e na época imperialista. Nós esperávamos em vão tais explicações e, sobretudo esperávamos ver triunfar essas revoluções democráticas. Na China o esmagamento da revolução proletária levou ao esmagamento de todas as conquistas democráticas e à dominação estrangeira.

O que não estava maduro em Espanha era o partido revolucionário.

«Mas vós esqueceis completamente a situação internacional desfavorável à revolução espanhola! Na Rússia era mais fácil. Os capitalistas em 1917 batiam-se entre eles, e não podiam lançar-se contra o bolchevismo... Agora o fascismo domina vários países. Na Alemanha, em Itália, em Portugal, em toda a Europa central. E depois, em 1936-39 não havia guerra mundial», ripostam aqueles que querem justificar a traição. E os anarquistas acrescentam: «Nós tivemos Estaline contra nós».

Muito bem, todos esses factos são verídicos. Mas os revolucionários não lutam em condições criadas por eles: eles devem lutar nas condições impostas pelas circunstâncias. As revoluções não se fazem por encomenda. Não podemos escolher condições particularmente favoráveis, nem ideais para as realizar: um país economicamente evoluído, uma atmosfera internacional perfeita, etc. Isso seria bonito, mas não é assim. «O nosso caminho não é tão

rectilíneo como a perspectiva Newsky». Lenine ensinava--nos que a revolução se torna possível num país onde o elo do capitalismo seja o mais fraco. Ele era-o em Espanha em 1936. Era preciso quebrá-lo.

Mas a situação internacional era assim tão desesperada para o proletariado espanhol em 1936, como a apresentam os nossos democratas da Frente Popular e os seus associados anarquistas e socialistas? É certo que não havia guerra mundial. Mas há-de o proletariado esperara uma nova guerra mundial para fazer a sua revolução? É um ponto de vista, mas não é o nosso. Segundo nós, o proletariado deve fazer tudo para tornar impossível esta nova carnificina antecipando-se a ela com uma revolução socialista libertadora. Salvará assim milhões de vidas humanas e se bem que nós sejamos uns «terroristas» sem escrúpulos, isso conta para nós.

Franco gozava dum apoio internacional considerável. Ele era apoiado por três Estados e por potências financeiras oligárquicas. Mas o proletariado espanhol não podia encontrar nenhum apoio à escala internacional? Através da política da Frente Popular ele recebeu as Brigadas Internacionais, leite condensado e legumes em quantidades reduzidas, armas de qualidade medíocre, vendidas a alto preço e em troca duma política da sabotagem da revolução que havia de abrir as portas a Franco em seguida.

Mas, se o proletariado espanhol tivesse seguido a orientação revolucionária esta ter-lhe-ia igualmente trazido do exterior apoios vários. Primeiro, na França de 1936, depois das greves de Junho traídas pelos estalinistas, o proletariado possuia ainda posições fortes no país. Uma revolução proletária num país capitalista não pode deixar de se repercutir nos outros países. Nem sempre tem força para provocar revoluções nos outros países, se nestes as condições não estiverem realmente amadurecidas. Mas provoca sempre correntes de solidariedade activa, que podem

paralisar a burguesia nesses países e tornar impossível a sua intervenção reaccionária. E não se podia desagregar o exército franquista? [43]

«A peste vermelha» tem uma grande força de irradiação e penetração, só pela sua autenticidade. Naturalmente a política de «não-intervenção», ou seja a passividade por parte do proletariado internacional, que devia seguir o exemplo do fascismo e intervir activamente no conflito espanhol, era um duro golpe para a revolução. Mas esta «não-intervenção» do proletariado era derivada do conjunto da política da Frente Popular prosseguida internacionalmente. Esta não-intervenção não desculpa a Frente Popular espanhola, alarga somente as responsabilidades do crime. Não é só a Frente Popular espanhola que trabalhou para Franco com a sua orientação, foi a Frente Popular em todos os países. «Frente Popular no mundo inteiro», segundo a fórmula de Dimitrov. Os responsáveis não são somente Negrin e José Diaz, mas também Blum, Thorez e o mestre deste último, Estaline.

A Frente Popular francesa, e sobretudo o partido comunista, exigiam a retirada das tropas estrangeiras de Espanha, e contentavam-se com essa exigência platónica, enquanto selavam a unidade da nação francesa, ou seja submetiam o proletariado francês à burguesia. Desta maneira, eles criavam um clima pró-franquista na Europa.

Uma política revolucionária em Espanha podia no entanto desfechar um terrível golpe na reacção europeia e também incomodar os chefes conservadores das Frentes Populares nos outros países. Quem nos diz que se os operários franceses soubessem, que em Espanha se instalava a ditadura do proletariado, ou seja uma outra e mais grandiosa Comuna, teriam ficado passivos durante anos? Até

---

[43] Ver o capítulo: «Podia-se ter desagregado ao exército franquista?»

Thorez e Costes teriam talvez dificuldades em acabar com as greves! E a Itália fascista e a Alemanha hitleriana constituiam blocos homogéneos e sólidos a toda a prova?

Se bem que os estalinistas, ao pregarem o seu nacionalismo, façam tudo o que está à sua mão, para tornar mais sólidas as ditaduras fascistas e criar à sua volta um clima favorável, nós não acreditamos que o regime de Hitler tenha uma existência assegurada por mil anos, como o afirma Goebbels. Ele talvez nem tivesse mil dias se a revolução proletária triunfasse em Espanha.

Um decreto do governo proletário sobre a libertação do protectorado espanhol seguido de propaganda revolucionária em Marrocos, podia abrir a brecha na África do Norte e acordar o mundo árabe contra o imperialismo. Se penetrássemos no Marroco espanhol, o Marroco francês podia acordar. As recordações da luta libertadora de Abd-El-Krim não sobrevivem ainda? Esquecemo-nos dessa luta luta que inquietou as chancelarias europeias?

Evidentemente que para conduzir esta luta inspirada no exemplo da Grande Revolução Russa, de cujo espírito a IV Internacional permanece fiel, não podíamos ter medo de irritar o capitalismo internacional e as suas criaturas Hitler, Mussolini, Chamberlain, Daladier e o Papa. Não devíamos apenas estar dispostos a irritá-lo, devíamos estar dispostos a destruí-lo.

«Talvez tenhais razão, dizem os anarco-ministros, mas nós tivemos contra nós Estaline e ele tinha as armas que nos faltavam». Está fora de dúvida a nossa intenção de defender a chantagem de Estaline no que respeita à venda de armas à Espanha republicana. No entanto, Garcia Olivier procura justificar as suas capitulações sucessivas pela chantagem estalinista. Ele esquiva-se às suas responsabilidades.

A burguesia internacional não é omnipotente. Ela não pode fazer sempre aquilo que quer. Estaline também não

é todo-poderoso. Os seus planos podem ser contrariados. Até hoje, foram em geral contrariados pela burguesia internacional. Mas os planos dos povos podem também ser e serão no futuro contrariados pelo proletariado revolucionário. Como o Papa e Chamberlain, Estaline também podia ser prejudicado pela revolução proletária em Espanha.

A burocracia soviética conservadora por essência, tem interesses contrários aos do proletariado internacional, mas no entanto apoia-se sobre as bases dum Estado operário, duma economia socializada. A sua atitude também depende em certa medida da opinião do proletariado russo e internacional. Embora o engane constantemente, ela não quer que ele dê por isso. Em suma, apesar das suas traições, a burocracia estalinista não está suspensa no ar, sobre a pressão da classe operária internacional.

Estaline não enviaria armas se o contrôle ideológico e policial lhe escapasse em Espanha? Não é seguro. Apesar das suas traições, Estaline pretende-se «o chefe do proletariado internacional» e por vezes mesmo «o chefe da revolução internacional». Se em Espanha triunfasse a revolução socialista, Estaline seria obrigado a escolher entre ela e o fascismo. Dada a clientela em que se apoia ser-lhe-ia difícil escolher o fascismo. Os operários russos e do mundo inteiro compreenderiam isso dificilmente. Em todo o caso, o anti-estatista Garcia Oliver tinha na mão um forte trunfo para o desmascarar, muito mais forte que um artigo sobre a superioridade da doutrina de Bakunine sobre a de Marx.

«Mas enquanto isso não se tratava de desmascarar, mas de opôr aos tanque de Franco os tanques anti-fascistas»,, ripostará o advogado do anarco-ministerialismo. É verdade. Os anarquistas, não estando na direcção, os revolucionários em geral, não tendo o poder, não se deviam opôr a que o governo republicano comprasse e recebesse armas de Estaline, e mesmo do «diabo e da sua avó», mas eles deviam conservar a sua independência prosseguir a sua crítica revo-

lucionária (o que é também uma arma de força), e graças a ela tomar o poder e apoderar-se também das armas de Estaline.

Durante as jornadas de Maio em Barcelona, eu vi vários militantes anarquistas servirem-se de armas russas genuínas contra o ataque reaccionário. Ao vê-los Estaline não tinha seguramente previsto que a sua metralhadora mudasse de braço e fosse dirigida nessa direcção. No entanto, se um partido revolucionário existisse em Espanha, ele podia apoderar-se não só das metralhadores russas, mas de todas as armas vendidas por Estaline, e por outros especuladores estrangeiros.

«Mas se os anti-estalinistas, quer da corrente anarquista, poumista ou trotsquista, estivessem no poder, então Estaline não enviaria nem mais um cartucho», continua o nosso contraditor e advogado do anarco-ministerialismo.

Admitamos esta negra eventualidade. Nem mais um cartucho de Estaline, e Chamberlain ainda mais indisposto a nosso respeito, ou talvez furioso, e o Papa denunciando-nos na nova Encíclica. Isto parece triste e terrível, mas é preciso aceitá-lo se se quer lutar contra o capitalismo e a sua arma preferida, o fascismo. Se nós fazemos depender a nossa actividade da concordância de Estaline, Chamberlain, Pio XI ou XII, devemos abandonar todas as veleidades revolucionárias e aceitar a Frente Popular ou qualquer coisa no género. Mas a Frente Popular se satisfazia temporariamente Estaline (nós não sabemos qual será a sua nova viragem), não satisfazia de todo Chamberlain, nem o Papa, e desmoraliza o proletariado ao abrir as portas do fascismo.

O proletariado teria conquistado trunfos mais possantes que os tanques de Estaline[44] empenhando-se na via

[44] De resto, os tanques, as munições em geral, podiam-se produzir mesmo em Espanha. Ver o capítulo: «A indústria de guerra».

revolucionária, destruindo o Estado capitalista, construindo um poder das comissões operárias, uma ditadura do proletariado, resolvendo através de reformas revolucionárias todos os problemas mais agudos da revolução agrária, libertando as nacionalidades oprimidas, libertando as colónias, orientando a luta contra Franco para a revolução socialista europeia e mundial. Mas aqui, os corações dos Negrin, Alvarez del Vayo e Garcia Oliver, ripostam em uníssono: «Havia obstáculos demais a ultrapassar, inimigos demais a vencer...».

Nós, marxistas da IV Internacional, não damos nenhuma garantia ao proletariado sobre as vitórias fáceis que lhe assegurarão os nossos métodos. Garantias semelhantes não existem numa revolução que é um risco. Mas dizemos, baseando-nos em experiências trágicas: «O método da Frente Popular conduz-vos com uma lógica implacável ao fascismo. A nossa via inspirada no exemplo da primeira revolução proletária vitoriosa, a de 1917, a via da luta implacável contra todos os inimigos do socialismo, é uma via difícil. *Mas é a única via.*»

ÍNDICE